

Revista de
PASTORAL
da ANEC



A PASTORAL EM CONTEXTOS
DE EDUCAÇÃO SOCIAL



A PASTORAL EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO SOCIAL

“Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim.”

(Mc 1, 38)

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| EDITORIAL | 6 |
| ARTIGO | 12 |
| Entre vozes, cuidados e felicidade: um compromisso educativo com infâncias José Sotero dos Santos Neto | |
| ARTIGO | 20 |
| Família e escola samaritanas Aerton Carvalho | |
| ARTIGO | 27 |
| Educação e evangelização das juventudes: a proposta pastoral-pedagógica da PJM Felipe Teixeira e Ir. Rafael Ferreira | |
| ARTIGO | 44 |
| O contexto universitário em tempos de pandemia: aspectos que contribuem para a ação pastoral Wellington Minoru Kihara, Ana Luisa Schmidt, Julia Moreira dos Santos Silva e Kirsty Hellen Santos Araujo | |
| ARTIGO | 51 |
| Economia de Francisco e Clara: caminhos para realmar a economia em defesa do bem viver Tania Cristina Teixeira, Emmanuele Araújo da Silveira e Christian Rodrigues da Costa | |
| ARTIGO | 61 |
| O contexto social do sujeito, a sua relação com o divino e a experiência religiosa em Madame Bovary, de Flaubert (I) Ir. Joanire de Souza Pinto e Edilaine Vieira Lopes | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 70 |
| O conhecimento transcende a escola: a dimensão social do currículo na Rede Santa Paulina Altair Antonio Claro, Sinésio Fernandes e Maycon Fritzen | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 76 |
| O amor cura: proximidade nos momentos de dor, sofrimento e morte Klésio Ferreira Hamada | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 85 |
| Crianças ribeirinhas do Baixo Rio Branco: experiência missionária de educação popular socioambiental Pe. Benedetto M. Zampieri e Elisangela Dias Barbosa | |

| | |
|--|-----|
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 97 |
| A dimensão da Ecologia Integral na ação sociotransformadora das Igrejas locais: Regional Sul 1 da CNBB acolhe iniciativa de leigos e leigas para o testemunho da espiritualidade ecológica em suas dioceses | |
| Éder Santos, Luciano Machado, Diego Amorim, André Staudemeier e Dom Eduardo Malaspina | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 100 |
| Pastoral no campo da promoção humana e social: a proposta do Centro de Ação Social Divina Misericórdia | |
| Ir. Emily Luci Buch (ascj) e Rafael Matos dos Santos Vieira | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA | 110 |
| A experiência do Centro de Integração Santo Estêvão Rei no atendimento socioeducativo noturno na comunidade de Paraisópolis - SP | |
| Marlene Cristina de Oliveira Santos | |
| ENTREVISTA | 116 |
| A experiência missionária na Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique | |
| Pe. Devanil Ferreira – Oblatos de São José | |
| ESTANTE | 124 |
| Estudos 112 da CNBB - Setor Universidades da Igreja no Brasil: Identidade e Missão | |
| Eneida Pereira Bonfim | |
| ESTANTE | 127 |
| A Campanha Amazoniza-te | |
| Paulo Martins | |



EXPEDIENTE

CONSELHO SUPERIOR

Dom Joaquim Mol Guimarães
Ir. Cláudia Chesini
Ir. Irani Rupolo
Ir. Paulo Fossatti
Ir. Iranilson Correia de Lima
Prof. Germano Rigacci Júnior
Pe. José Marinoni
Ir. Ivanise Soares da Siva
Frei Gilberto Gonçalves Garcia

DIRETORIA NACIONAL

Pe. João Batista Gomes Lima - Diretor Presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga - Diretora 1º Vice-presidente
Ir. Natalino Guilherme de Souza - Diretor 2º Vice-presidente
Ir. Selma Maria dos Santos - Diretora 1ª Secretária
Fr. Mário José Knapik - Diretor 2º Secretário
Ir. Marli Araújo da Silva - Diretora 1ª Tesoureira
Pe. Roberto Duarte Rosalino - Diretor 2º Tesoureiro

SECRETARIA EXECUTIVA

Guinartt Diniz

SETOR DE ANIMAÇÃO PASTORAL

Gregory Rial

EQUIPE EDITORIAL

Pe. João Batista Gomes Lima - Editor-chefe
Fr. Mário José Knapik - Editor científico
Gregory Rial - Editor técnico
Humberto Silvano Herrera Contreras - Editor adjunto

CONSELHO EDITORIAL

Frei Claudino Gilz
Ir. Cláudia Chesini
Antonio Boeing
Pe. Denis Dutra Marques
Edilaine Vieira Lopes
Fabrizio Catenazzi
Gregory Pablo Rial Araújo
Jean Michel Alves Damaceno
Pe. Marcus Aurélio Alves Mareano
Matheus Cedric Godinho
Rodinei Balbinot
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
Thiago Alves Torres
Ir. Valéria Andrade Leal

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Comunicação ANEC / Verlindo Comunicação

REVISÃO TEXTUAL

ANEC

CAPA

Adecir Rodrigues da Silva



Uma Pastoral em saída: com alegria missionária

Humberto S. Herrera Contreras
e Ir. Cláudia Chesini

“A solidariedade caminha de mãos dadas com a consciência crítica. [...] A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções”.

Paulo Freire, 25/03/1996

A epígrafe acolhe a compreensão que esta edição da Revista de Pastoral da ANEC se propõe. Citar Paulo Freire com a inventividade do educador popular Adecir Rodrigues da Silva, que de forma genuína compartilhou a sua arte comemorativa pelo centenário do educador brasileiro para compor a capa do nosso dossiê, motivou-nos à reflexão teórico-prática da pastoralidade em contextos de Educação Social.

O dossiê ***A Pastoral em contextos de Educação Social***, que apresentamos a você leitor/a, aproxima e retrata a atividade pastoral em diferentes contextos de Educação Social e com diferentes atores e públicos. Para fins deste dossiê, entende-se Educação Social como as práticas educativas, que revelam intenções de formação social, centradas na pessoa, na comunidade, no bem comum.

A Educação Social, nas suas realidades e interfaces, preocupa-se pelo bem-estar e pela qualidade de vida das pessoas, entendendo que pode contribuir para esse fim, olhando as necessidades sociais e propondo atividades educativas empenhadas na superação das situações que impedem às pessoas e às comunidades em desenvolverem as suas capacidades, isto é, a sua liberdade.

Uma das características deste dossiê é o percurso da riqueza territorial que se apresenta ao leitor. Poder-se-ia dizer que são milhares de quilômetros de vidas de pessoas que, participando em diversas ações, conectam-se em torno de intencionalidades educativo-sociais, das quais a ação pastoral se faz presente, ora sistematizada ora no caminho de novas leituras, e aberta a novas "gramáticas" de sistematização. Desse modo, o dossiê é convidativo para percorrer essa diversidade multifacetada, que supera as dimensões físicas dos territórios, abrindo espaço-tempos para novas linguagens de compreensão de mundo, e provocativo porque indaga ao leitor a transgredir as suas fronteiras, exigindo dele maior horizontalidade e profundidade intercultural no pensar, sentir e obrar. Os percursos que os artigos e relatos propõem não representam um único Brasil, e sim Brasis, e neles, uma sociobiodiversidade que precisamos permitir que seja evidente.

O dossiê reúne 6 artigos, 6 relatos de experiência, 1 entrevista e 2 estantes, que registram, em seu conjunto, a participação de 30 autores. Essa presença diversificada de autores/as, de contextos educativo-sociais e de experiências peculiares, compartilha sentidos, motivações e/ou intencionalidades pastorais que se expressam e se realizam por meio de práticas socioeducativas. O leitor que atua na escola católica é convidado a aproveitar os elementos dessa "presença diversificada", aproximando-os, traduzindo-os e/ou adaptando-os para a sua realidade. Esses elementos podem favorecer uma ação pastoral mais "integral" (leia-se ecologia integral), isto é, mais aberta, profunda, interligada, responsável, e, por conseguinte, mais comprometida com a Vida. Cada experiência que inicialmente pode aparecer como sem-relação com a realidade escolar, quando lida com atenção pode gerar oportunidades de fortalecimento e/ou renovação dos itinerários de pastoral. Oportunidades estas que são possibilidades de ampliar as linguagens e metodologias de se pensar-fazer pastoral. Metaforicamente, novas pontes, encontros, conversões e alegrias.

Na seção **Artigos**, José Sotero dos Santos Neto, em *Entre vozes, cuidados e felicidade: um compromisso educativo com infâncias*, discute com escrita próxima e metafórica, mas profunda, o tema da proteção social da criança. O texto provoca o leitor e faz com que ele se indague enquanto lê. Alguns desses questionamentos que o autor aponta são: Qual o lugar das infâncias em nossa sociedade? Como promover espaços e iniciativas de diversos níveis para que a voz das crianças seja escutada e elas expressem seus sentimentos, sonhos, anseios e utopias? Como fazer da nossa sociedade, particularmente das comunidades educativas, lugares genuínos de inclusão, sentido e potencialidade teológica da voz de nossas crian-

ças? O convite a responder estas questões, provoca-nos a uma ação pastoral comprometida com as infâncias.

O segundo artigo aproxima a reflexão pastoral para o contexto escolar e familiar. Em *Famílias e escolas samaritanas*, Aerton Carvalho apresenta uma reflexão sobre a escola e família como lugares de fraternidade e vida, à luz da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Em sintonia com a dimensão de cuidado que indica as Linhas de Ação de Pastoral da ANEC, o autor discute a *samaritanidade* como referência de cuidado nas relações entre educadores/as e educandos/as, nas escolas e famílias. Aponta que essa perspectiva cuidadora afirma a dignidade da pessoa e aponta uma cidadania pautada nos princípios do humanismo solidário. Indiretamente, no seu texto, o autor revela como os temas das Campanhas da Fraternidade iluminam e interpelam às famílias e escolas na Educação Social dos seus/suas filhos/as, educandos/as.

O terceiro artigo, *Educação e evangelização das juventudes*, de autoria de Felipe Teixeira e Ir. Rafael Ferreira, descreve a proposta pastoral-pedagógica da Pastoral Juvenil Marista (PJM), destacando a mística e as identidades próprias que fundamentam o processo de educação e amadurecimento na fé dos jovens estudantes nos colégios Maristas, à luz da inspiração de formação humana, de São Marcelino Champagnat. Aproximar-se de propostas específicas, como esta, ajuda-nos a avaliar e renovar os itinerários formativos que apresentamos aos jovens, e, ainda, no contexto do Pacto Educativo Global, nos interpela criticamente, no compromisso de educar as suas demandas.

Na sequência, autores da FAE Centro Universitário, da Província Franciscana, com base em suas experiências universitárias na unidade de Curitiba, descrevem aspectos que contribuem para a ação pastoral em tempos da pandemia da COVID-19. Em sintonia com os documentos da Igreja, do Setor Universidades da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e das Linhas de Ação Pastoral da ANEC, discorrem sobre experiências de voluntariado on-line, de escuta do outro e da Palavra de Deus, marcadas pela empatia e amizade, a partir de momentos formativos realizados por vídeo-chamadas.

O quinto artigo, *Economia de Francisco e Clara: caminhos para realmar a economia em defesa do bem viver*, de autoria de Tania Teixeira, Emanuele Araújo e Christian Rodrigues, aproxima o/a leitor/a do movimento internacional e nacional (ABEF) da Economia de Francisco e Clara, e chama os jovens à disponibilidade fraterna de

repensar a Economia com propostas mais justas, inclusivas, democráticas e participativas. Nessa perspectiva, aponta-se a possibilidade de construir uma “outra economia” para a Casa Comum, pautada na solidariedade, no bem comum.

No último artigo, Ir. Joanire de Souza e Edilaine Vieira apresentam uma reflexão sobre o contexto social do sujeito, a sua relação com o divino e a experiência religiosa em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. A análise das autoras provoca o/a leitor/a pensar a própria experiência religiosa, seus valores e suas práticas, bem como do dilema entre o sagrado e o profano. A partir da análise literária da obra de Flaubert, o texto convida a suspender e significar as nossas percepções, nossos valores e nossas crenças, o que fica registrado na provocação final das autoras: “Será que todos nós somos e temos um pouco de Emma Bovary e de sujeitos históricos?”.

Inaugura a seção **Relatos de experiência**, o texto de Altair Claro, Sinésio Fernandes e Maycon Fritzen, os quais descrevem a experiência de integração da dimensão social do Currículo, no Colégio São José, unidade da Rede Santa Paulina. Os autores exemplificam, à luz da pedagogia cristã, de como as marcas do carisma e da missionariedade integram o Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP) da Rede. Destacam a experiência de elaboração de um Plano de Vivências, pautado em um valor referencial definido para cada ano/série, e de como o mesmo motiva aos/as educadores/as a integrarem essa proposta no cotidiano de suas ações pedagógicas.

O segundo relato, *O amor cura: proximidade nos momentos de dor, sofrimento e morte*, de autoria de Klésio Ferreira Hamada, aproxima a reflexão do dossiê para o contexto do ambiente hospitalar. Com estilo genuíno, marcado pela escrita em primeira pessoa, o autor apresenta a “proximidade” da realidade na qual atua e que marca a sua ação pastoral. A reflexão de Klésio nos ajuda a pensar o objetivo da Pastoral Hospitalar, assegurar acolhimento e cuidados à pessoa doente, a seus acompanhantes e aos profissionais envolvidos, garantindo, por meio de um trabalho interdisciplinar, suporte médico, psicológico, social, familiar e espiritual.

A terceira experiência descreve uma convivência missionária de Educação popular socioambiental com crianças ribeirinhas do Baixo Rio Branco. Pe. Benedetto Zampieri e Elisangela Dias Barbosa, autores do relato, provocam-nos à compreensão, no âmbito da ação pastoral missionária, da passagem de uma “pastoral de visita” para uma “pastoral de presença”. Registram a importância de essa ação pastoral concentrar as suas energias no fortalecimento do protagonismo das lideranças locais e da presença de coordenações leigas nas comunidades. A experiência missionária que relatam sinaliza que as crianças são os atores mais sensíveis e abertos para maturar uma ética ecológica diante da vida.

No quarto relato, autores representativos da Arquidiocese de São Paulo e das Dioceses de São José dos Campos, de Campo Limpo, de Santos e de São Carlos, descrevem a experiência de articulação da Pastoral da Ecologia Integral no Regional Sul 1 da CNBB. Sinalizam a dimensão da Ecologia Integral na ação sociotransformadora das Igrejas Locais, destacando a iniciativa de leigos e leigas para o testemunho da espiritualidade ecológica em suas dioceses. Motivados pela carta encíclica *Laudato Si'*, os autores apresentam o objetivo da Pastoral da Ecologia Integral em propiciar a criação de subsídios para encontros e materiais formativos, a partir do tema articulador a "Água", considerando o simbolismo deste bem natural e das abordagens socioambientais possíveis que o Estado de São Paulo possibilita e demanda.

O quinto relato, apresenta a proposta do Centro de Ação Social Divina Misericórdia (CASDM), em Curitiba. Os autores, Ir. Emily Buch e Rafael Matos, descrevem as atividades do setor pastoral em conjunto com a equipe técnica e pedagógica, no contexto do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Este relato aproxima a compreensão da pastoral no campo da promoção humana e social, no contexto de instituições como o CASDM que atuam na área da assistência social, por meio de atividades socioeducativas.

O último relato destaca a experiência Beneditina do Mosteiro São Geraldo, no Centro de Integração Santo Estevão Rei que oferece atendimento socioeducativo noturno na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. No relato, Marlene Santos aponta a originalidade do serviço, a proximidade com a comunidade e a capacidade de dar uma resposta concreta às necessidades sociais das famílias. O relato descreve exemplos de atividades pastorais que são realizadas no conjunto desse atendimento.

A seção **Entrevista** registra a experiência missionária do religioso josefino, da Congregação dos Oblatos de São José, Pe. Devanil Ferreira, na Escola Secundária Comunitária de Marara Centro, em Moçambique. O entrevistado descreve as curiosidades do trabalho pastoral, marcado pelos vários desafios sociais que a comunidade enfrenta. Pe. Devanil destaca a dimensão social interligada ao serviço educativo, e aspectos que os/as leitores/as brasileiros podem aprender com a experiência das crianças, dos adolescentes e das famílias moçambicanas.

Na seção **Estante**, apresentamos o subsídio pastoral Estudos 112, *Setor Universidades da Igreja no Brasil: Identidade e Missão*, produzido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e a Campanha Amazoniza-te. Na primeira estante, Eneida Bonfim destaca a dimensão social que integra o Setor Universidades, reforçando a pastoral enquanto agente de transformação social. Enfatiza essa dimensão da ação pastoral no âmbito universitário como "pastoral de fronteira", que abarca os vários

atores, as diversidades, os interesses, os saberes e as identidades presentes. Já a segunda estante enriquece o dossiê com a dimensão pastoral que integra a Campanha Amazoniza-te. Paulo Martins, coordenador de articulação da Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil, destaca o objetivo e as ações que a Campanha se propõe na sensibilização da opinião pública brasileira e internacional sobre o perigo que está sendo exposta a Vida na Amazônia, os territórios e as populações. O conteúdo e as ações da Campanha constituem uma orientação que pode enriquecer a formação ecológica integral dos diferentes públicos, nos diferentes contextos sociais que o/a leitor/a transita.

Boa leitura!

ARTIGO

ENTRE VOZES, CUIDADOS E FELICIDADE: UM COMPROMISSO EDUCATIVO COM AS INFÂNCIAS

José Sotero dos Santos Neto

RESUMO

As infâncias são agentes protagonistas de transformação e de mudança. Precisamos dar vozes às nossas crianças para escutarmos e concretizarmos na prática social que elas são o futuro, mas que não têm apenas futuro, têm presente e até passado. Por outro lado, dar lugar à infância no universo teológico, em nossas comunidades educativas, é permitir a proposta do lúdico como caminho para construir a vida, o modo de relacionar-se, as percepções e os lugares. Sendo assim, é preciso compreender que a infância é a abertura para o novo, é o poder da espontaneidade, o frescor para oxigenar nossas práticas e sermos conduzidos pelas surpresas e pelos encantos das nossas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Proteção Integral. Comunidade Educativa.

JOSÉ SOTERO DOS SANTOS NETO

Graduado em Teologia, com Especialização em Enfrentamento ao abuso sexual contra crianças e adolescentes. Coordenador de Pastoral do Colégio Marista Patos de Minas. Província Marista Brasil Centro-Norte/PMBCN.

CONTATO: jsotero@marista.edu.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na sociedade pós-moderna em que vivemos, em meio aos inúmeros desafios e à problemática nos diversos níveis, sobressai a consciência de que a infância constitui o nosso futuro, sobretudo de que uma comunidade sem crianças seria desértica, um espaço desolador, mortificado. Independente do sentido atribuído às infâncias, podemos partir do pressuposto que a criança é o núcleo mais precioso da sociedade, uma fonte secreta da nossa permanência na terra. Portanto, é urgente a busca efetiva por plenitude de vida para as infâncias, afinal, as crianças são agentes protagonistas de transformação e de mudança.

O texto se propõe em apresentar as infâncias como seres humanos em sua inteireza com vontades, gostos, sonhos, sentimentos, fragilidades, potencialidades, enfim, como sujeitos de direitos. O convite desafiador é darmos vozes às nossas crianças para escutarmos e concretizarmos na prática social que elas são o futuro, mas que não têm apenas futuro. Têm presente e até passado. Avante rumo à mudança de mentalidade e de atitudes, uma transformação social pelo viés da criança.

Este deseja ser um contributo da escola católica, enquanto espaço educativo-evangelizador e comunidade de fé, no compromisso com a proteção das crianças, dos adolescentes e jovens. De que forma a relação com o divino pode gerar vida plena para as nossas crianças?! Sendo assim, entre vozes, cuidados e

felicidade, aguçaremos nossa missão de guardiões da vida, comprometidos com o desenvolvimento integral das infâncias.

2. O LOBO MAU DAS INFÂNCIAS

Partindo da amplitude das raízes da exclusão da infância, entende-se que uma das maneiras de legitimar a violência e o abuso de diversas maneiras contra a infância é o seu silenciamento. O processo de silenciamento é construído, para além da forma direta e coercitiva, por meio de um imaginário social ao destacar, no centro dialógico, o adulto. Esse posicionamento adulto-cêntrico abafa a presença de outras vertentes, particularmente a da infância, validando, dessa maneira, as práticas violentas e de abuso de todo tipo contra as crianças. Por sua vez, o adulto não pode ser questionado em seu patamar de poder e controle.

O silenciamento da infância é intensificado pela ausência de dinâmicas alternativas às adulto-cêntricas. Sem um questionamento analítico a partir das imagens da objetividade da razão, do progresso histórico, da organização das diferenças de gênero e de idade e os desdobramentos de todo esse processo, confirma-se o adulto-centrismo como seguro, natural e benéfico para a ordem social. Nesse ínterim, destacam-se os mecanismos de violência: para validar o domínio da lógica adulto-cêntrica e calar qualquer voz que possa questioná-la. Assim, surgem, diante do cenário exposto, diferentes tipos de silenciamento, do campo discursivo ao institucional.

Infelizmente, fortalece o entendimento de que a violência e o abuso sofridos pela infância estão vinculados a esses processos tradicionais que enaltecem os adultos no topo hierárquico, como donos das vidas das classes inferiores – crianças, mulheres, pobres e os demais marginalizados. Com base nessa lógica, as crianças permanecem sem voz, nem vez na sociedade. Dessa maneira, faz-se necessário um combate contra a violência arraigada na lógica adulto-cêntrica que, além de afetar a vida dos grupos mais vulneráveis e a dos próprios adultos, apresenta uma visão limitada da história.

3. MALMEQUER NA INFÂNCIA

Apesar do considerável avanço em favor da infância em nosso processo histórico, o maltrato nessa fase é ainda uma realidade cruel e complexa. Destaca-se, na historiografia da infância, que o maltrato foi um costume familiar e que precisamos desnaturalizar os modelos de criação de filhos.

“ *O maltrato infantil se define como os abusos e a desatenção de que são objetos os/as menores de 18 anos. Inclui todos os tipos de maltrato físico ou psicológico, abuso sexual, desatenção, negligência e exploração comercial ou de outro tipo que causem ou possam causar dano à saúde, ao desenvolvimento ou à dignidade do menino, da menina ou do adolescente, ou pôr em perigo sua sobrevivência, no contexto de uma relação de responsabilidade,*

confiança ou poder. A exposição à violência conjugal também se inclui entre as formas de maltrato infantil (crianças testemunhas de violência) (SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 174). //

Os maus tratos às crianças e aos adolescentes são um problema social no qual intervém uma infinidade de variáveis psicológicas, culturais, econômicas e sociais. Além disso, podemos incluir também todas as consequências derivadas dessas agressões ou atos, assim como a ausência deles, vindo a privar as crianças e os adolescentes de sua liberdade, de seus direitos e que dificultem o pleno desenvolvimento como pessoas.

Tendo consciência de que a violência é uma conduta aprendida, as consequências são mais graves. Percebe-se que a permanência de modelos familiares e sociais que sustentam e aceitam a violência como forma de resolução de conflitos faz com que os maus tratos infantis passem despercebidos. É comprovado por pesquisas que certa porcentagem das crianças maltratadas e/ou testemunhas de violência se transformam em adultos que maltratam. Por fim, mesmo quando as vítimas sejam crianças e adolescentes, consideremos que o problema é todo da família.

Os maus tratos na infância deixam consequências no desenvolvimento físico-emocional das vítimas, podendo ser irreversíveis quando eles são crônicos. Vale

ressaltar que “as consequências físicas e psíquicas incluem deficiências, aumento na possibilidade da vitimização violenta, de tendências a agir agressivamente, de condutas autoagressivas e de suicídio em etapas posteriores da vida” (SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 183).

Perante essa situação complexa de maus tratos e abuso sexual na infância, a busca pela cura das feridas não se dará pela repressão de uma infância maltratada e abusada como o segredo mais bem guardado, mas, o primeiro passo a ser dado é a quebra do silêncio, é preciso dar voz aos envolvidos para que eles busquem ajuda, que confessem suas transgressões e que seus modos de comunicação sejam revelados. É nossa obrigação desvelar os segredos, principalmente se nesses segredos está envolvida a infância.

O protocolo, assim que os maus tratos são detectados, é trazer à luz os mecanismos que operam socialmente para a transmissão intergeracional da violência. Na verdade, devem ser realizadas intervenções adequadas para que se efetive a reversão dos modelos vividos na infância. A denúncia é a opção lúcida diante de um caso de suspeita de maus tratos ou abuso sexual infantil, tendo como base os seguintes questionamentos: quando, onde, como e quem tem de denunciar? As pessoas apenas denunciam os fatos, mas são as autoridades que têm a obrigação de investigar e intervir na confirmação da suspeita.

4. “EU TAMBÉM SOU DA FAMÍLIA...”

Há muitas formas de desprezar as crianças. Constatam-se maus tratos explícitos. Contudo, há muitos outros sutis, infiltrados e ignorados pela sociedade, principalmente no ambiente familiar. Existe uma grande dificuldade nos valores a serem comunicados, nos limites a serem combinados, enfim, o diálogo e o relacionamento entre pais e filhos são muito fragilizados e desafiadores.

// *Roubamos das crianças sua infância e, sem infância, como brincar? Elas costumam ter o tempo todo tomado por compromissos, programas de lazer, são pressionadas o tempo todo pelos pais. Vamos reconhecer: sem tempo livre para nada fazer e com o direcionamento direto de adultos, as crianças nunca aprenderão a brincar. É essa a vida que desejamos para elas? (SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 144). //*

Infâncias roubadas: é a realidade vivenciada nas famílias atualmente. Matrícula em vários e seguidos cursos, estímulo ao espírito competitivo e preparação para a realidade social futura, tudo isso camuflado na justificativa de oferecer a melhor educação para os filhos. Além disso, outro elemento constitutivo nas crianças atuais é a fragilidade em saber lidar com a frustração, elas não conhecem limites. Por sua vez, as crianças

aprenderam a pressionar, apresentam suas próprias “armas” e manipulam os pais, que acuados, com medos e culpas, acabam por ceder.

A psicóloga Lidia Aratangy discorre a respeito com lucidez:

// É importante que um filho tenha todas as suas necessidades atendidas, mas é um perigo levá-lo a acreditar que todos os seus desejos podem ser satisfeitos. Por isso, o esforço para evitar a frustração dos filhos a qualquer custo é, mais do que inútil, prejudicial à educação. Prejudicial porque transmite a falsa noção de que a frustração é consequência de uma falha, e não parte inerente da bagagem humana. Uma pessoa sem tolerância à frustração seria incapaz de abrir mão de um prazer imediato (ARATANGY, 2011, p. 140 apud SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 144). //

A história revela que a impotência faz parte de nossa humanidade, as nossas fraquezas podem ser espaços geradores de fortaleza. Crescer e amadurecer emocionalmente são também aprender a lidar com frustrações, perdas, faltas e impotências. As famílias precisam criar espaços dialógicos sobre fraquezas e debilidades, para que as crianças compreendam que suas inseguranças fazem parte da vida humana e que deverão aprender a lidar com elas, sem uso de máscaras. Dessa forma, crianças e adultos vivenciarão uma vida em abundância.

Vale destacar que o cuidado com as crianças é também uma oportunidade de aproveitarmos novas alegrias, um itinerário de descobertas e contínua aprendizagem. O processo humanizador é fortalecido e oxigenado à medida que convivemos por meio da aproximação, da escuta e do cuidado com as crianças. A relação com as crianças deve ser permeada por um movimento de reverência e constante surpresa, num misto de emoção e encanto. Portanto, quando existe a lacuna da negligência todos perdemos.

Diante do contexto da criação de ambientes saudáveis e com qualidade de vida para as crianças, destaca-se a possibilidade de educar os filhos a partir do paradigma da virtude. A chave relacional tem sua raiz no ser, em incorporar e internalizar valores. Nesse caminho da virtude, as relações estão baseadas na troca, o amor é incondicional e o carinho e respeito seriam transmitidos com responsabilidade.

5. DEUS É SURDO?!

Na dinâmica relacional entre a infância e o divino, retornamos à problemática exposta acima acerca do adulto-centrismo. O silenciamento da infância parte da visão objetiva desse “tu” masculino da imagem divina. Deus é visto a partir da consciência imagética de um homem, adulto, que tudo controla, ordena e é o juiz controlador de uma hierarquia. Esta visão masculinizada do divino é denunciada como um processo de subordinação do papel das crianças e mulheres, fazendo com que permaneçam numa posição de inferior-

ridade em relação ao homem. Portanto, essa visão teológica silencia toda voz em desarmonia com o pré-estabelecido.

O resultado desta visão adulta e masculina do divino é o silenciamento das crianças como sujeitos ativos na vivência teológica. A partir do contexto exposto, percebe-se uma relação na maneira de construir Teologia e uma dinâmica particular defendida pelo adulto-centrismo dominante. Por sua vez, é sabido que a Teologia é associada a uma tarefa centrada na razão, a um discurso apologético e a um propósito institucional, em vista da manutenção do poder, principalmente por quem é o detentor dos recursos discursivos.

Envolver as crianças na construção teológica significa uma provocação na referência adulta, mantenedora da ordem e da estabilidade institucional dos poderes sociais e religiosos. Significa dar voz e vez a um dos setores mais marginalizados de nossa sociedade. Seria oportunizar outra forma de sentido, ressignificando os objetos na construção de outras percepções da realidade.

Dar lugar à infância no universo teológico é permitir a proposta do jogo como caminho para construir a vida, o modo de relacionar-se, as percepções e os lugares. O jogo é caracterizado pela centralidade da diversão, o lugar do estético, da felicidade e dos movimentos espontâneos. Na verdade, os exercícios lúdicos “desestabilizam” as regras estabelecidas, eles dispõem o corpo como

espaço primordial do movimento, contrapondo à estratégia da razão.

O cenário em questão apresenta as crianças como detentoras de um lugar marginal em nossas comunidades de fé. Elas ainda não possuem um reconhecimento apropriado na estrutura geral das comunidades, embora já existam atividades orientadas para elas com objetivo de distraí-las, enquanto os adultos se ocupam dos assuntos mais importantes e sérios. A impressão é que se deseja manter as crianças escondidas, sem visibilidade, mudas e reclusas cuja presença colocaria em perigo a ordem estabelecida. Desta forma, entende-se que esses modelos eclesiológicos reforçam uma perspectiva limitada da infância, com ênfase nas consequências: marginalização infantil, promoção da violência, abuso sexual entre outros.

Infelizmente, as comunidades de fé, em vista da lacuna de um trabalho integral com a infância, abastecem os mecanismos sociais de violência e marginalização, colaborando para a estratificação naturalizada que coloca os adultos acima das crianças. As dinâmicas institucionais deveriam permitir um movimento teológico que empodere e ressignifique o lugar das crianças no mundo, um espaço em que elas protagonizem a caminhada de fé e sejam autenticamente livres no modo de se relacionarem com o divino.

À medida que refletirmos sobre o divino, a partir da perspectiva da infância, daremos vozes às nossas crianças e ofere-

ceremos espaços de empoderamento e transformação sociocultural.

// *A teo-logia é um ato de apalavramento [...]... ao discursar sobre Deus também discursamos sobre nós mesmos, nossos lugares, nossos desejos, nossos limites. Por tudo isto, considerar a infância no apalavramento de Deus é uma forma de apalavrar sobre as próprias crianças, com o objetivo de lhes dar um espaço de sentido, de localizá-las em um lugar central na criação de percepções, de revogar o estigma que legitima os atos de violência que as afeta (SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 21).*

//

O desafio está posto: avançarmos na mudança ideológica a respeito do adulto-centrismo patriarcal que sustenta os atos de abuso, as hierarquizações institucionais, as estratificações socioeconômicas e os discursos absolutos. É preciso compreender que a infância é a abertura para o novo, é o poder da espontaneidade, o frescor para oxigenar nossas práticas e sermos conduzidos pelas surpresas e pelos encantos das nossas crianças. Deus se revelou e continua revelando-se a elas e nelas. Portanto, assumir o lúdico da Teologia requer que abramos espaços dialógicos e de inclusão, para que as vozes das infâncias já presentes, mas silenciadas por nossa surdez crônica, sejam escutadas, revelenciadas e assumidas.

Na verdade, o compromisso coletivo firmado com as infâncias exige uma transformação da nossa imagem de Deus, para que assumamos a própria infância como grupo discriminado, seguindo na promoção de ações concretas em vista da ressignificação das relações sociais. Qual o lugar das infâncias em nossa sociedade? Como promover espaços e iniciativas de diversos níveis para que a voz das crianças seja escutada e elas expressem seus sentimentos, sonhos, anseios e suas utopias? Como fazer da nossa sociedade, particularmente das comunidades educativas, lugares genuínos de inclusão, sentido e potencialidade teológica da voz de nossas crianças?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida plena desejada por todos, especialmente para as nossas crianças, não exclui o saber lidar com a falta, com frustrações, com limitações. Contudo, esta vida implica em cuidados. Por sua vez, este cuidado chegará às crianças por meio de nossas mãos, postura, encantamento e compromisso efetivo pela causa das infâncias.

Convém salientar que a dinâmica de cuidado das crianças exige responsabilidade, porém é uma rica oportunidade para novas alegrias, um caminho de descobertas e constante aprendizagem. As crianças são facilitadoras de aprendizagem na temática sobre o divino, elas nos ensinam sobre o Deus que nos ama de forma lúdica: “quem não sabe brincar e não é criança não se entende com Deus”, já dizia Rubem Alves.

As crianças precisam de acompanhamento e auxílio no enfrentamento dos riscos que a vida oferece, para que se desenvolvam plenas e felizes. A relação entre criança e adulto deve ser permeada por uma entrega total, comprometida e misericordiosa. Desta maneira, o ambiente de convivência deve propiciar à criança um sentimento de legitimidade, empoderamento e inteireza. Portanto, se vivermos emanados no amor, as vozes de todas as pessoas, principalmente das crianças, terão um espaço equivalente, com ecos na bondade, respeito e ternura.

REFERÊNCIAS

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A Escola Católica**, 19 de março de 1977. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html>. Acesso em: 02 abr. 2020.

----- **Dimensão religiosa da educação na escola católica:** orientações para a reflexão e a revisão, 07 de abril de 1988. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html>. Acesso em: 02 abr. 2020.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. **Política Institucional de Proteção Integral às Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <https://marista.edu.br/vidamarista/wp-content/uploads/2017/02/Pol%C3%ADtica-Prote%C3%A7%C3%A3o-Integral_WEB.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (orgs.). **Para falar de criança:** Teologia, Bíblia e Pastoral para a Infância. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Diretrizes da ação evangelizadora:** para o Brasil Marista. Brasília, DF: UMBRASIL, 2013.

----- **Evangelização com as infâncias:** no Brasil Marista. Brasília, DF: UMBRASIL, 2016.

ZATTONI, Mariateresa; GILLINI, Gilberto. **Deus faz bem às crianças:** A transmissão da fé às novas gerações. São Paulo: Loyola, 2010.

ARTIGO

FAMÍLIA E ESCOLA SAMARITANAS

Aerton Carvalho

RESUMO

O atual quadro apresenta-se desafiador à família e à escola, como lugares de acolhida e de formação nos valores geradores de vida. Este artigo busca compreender como, em tempo hodiernos, os indivíduos podem assumir suas identidades, sem, contudo, retornar a modelos tradicionais anacrônicos? Como viver nesse mundo em disparada e em perene transformação sem, contudo, perder os valores que sustentam a vida? Como a família e a escola podem contribuir para a preservação e manutenção da vida, na Casa Comum, que é o planeta? A Parábola do Bom Samaritano oferece pistas para pais e educadores na condução e participação de processos formativos, que tenham novas atitudes cotidianas, embasadas na tradição cristã para vivências onde a escolha pela vida em sua plenitude possa ser tomada como opção e gesto de salvação.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Escola. Bom Samaritano. Cuidado. Fraternidade.

AERTON CARVALHO

Doutor e Mestre em Ciências da Religião (UNICAP – Recife), licenciado em Filosofia e teólogo. Professor do IFTAOR, Diácono Permanente e Presidente da CAD/Arq. Olinda e Recife. Conferencista e assessor nas áreas de Humanismo, Pastoral, Ensino Religioso e Catequese.

CONTATO: aertonaacarvalho@gmail.com

1. FAMÍLIA SAMARITANA, LUGAR DE FRATERNIDADE E VIDA, COMPAIXÃO E CUIDADO

Em poucas gerações, aconteceram mudanças significativas na convivência familiar. Passamos das relações patriarcais, dos lares, outrora, normatizados pelos horários do repouso, do trabalho e das refeições para a família multiforme que come *fastfood* com o *smartphone* à mão; os quartos dos filhos, em suas viradas de noite ligados às redes sociais ou às séries intermináveis, tornaram-se espaço inacessível aos pais; as determinações impositivas dos pais deram lugar às opções dos filhos; a esposa do lar e recatada, obediente aos caprichos do esposo tem se empoderado, gerindo sua vida e família; as famílias, antes majoritariamente compostas por pai, mãe e filhos, agora apresentam novos arranjos familiares multiformes; a vivência familiar tradicional, católica, e seus ritos balizadores, deu lugar a uma religiosidade das experiências subjetivas, fluidas e sincréticas. Vistas, superficialmente, essas realidades podem, a princípio, demonstrar que tudo caminha para o caos e que as ameaças à família tradicional desembocaram numa grande destruição do conceito de família.

Para iluminar essa realidade histórica, faz-se necessário revisitar as fontes da fé. A Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) apresenta-se como um fecho de luz, diante das realidades trôpegas nas relações familiares, sociais e de fé. Na parábola, o levita e o sacerdote es-

tão bitolados em seus afazeres, suas normas e seus escrúpulos, ocupados em seus ativismos funcionais e religiosos, apegados à rigidez do passado e à aparência moral à qual fidelizava uma fé caída e relações glaciais. Por outro lado, o samaritano, tido como impuro, segundo as normas do judaísmo, apieda-se de um homem que está caído à beira do caminho, levanta-o, cuida das suas feridas e restitui-lhe a vida e a dignidade.

Muitos são os jovens que estão quebrados à margem da sociedade, no-cauteados pelas drogas, vitimados pela sociedade capitalista excludente, sem perspectivas de emprego, sem estímulos para viver dignamente. À família, é exigida uma dose de samaritanidade no que consiste em derramar o óleo da cura e do bálsamo. O samaritano da parábola, um mero desconhecido, foi capaz de ter gestos amorosos com um estranho caído. O vinho e o óleo soergueram o estranho desfigurado, o homem sem nome. Às famílias, urge reconhecer os feridos que estão dentro da mesma casa, perceber as sarjetas onde agonizam, encontrar traços familiares em seus rostos desfigurados. "O que fazer para mudar o mundo?" indagava Santa Dulce dos pobres. E respondia: "Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo".

A Igreja afirma que Deus quis ter uma família (CIC, n. 533). A Bíblia relata que, em Nazaré, Jesus vivia um modelo de família muito semelhante às famílias de sua época, em que a vida familiar estava calcada em três pilares: a moral,

a oração e o trabalho (Lc 1.2.8,19-21). Foi nessa célula chamada família, situada no espaço e no tempo, que o amor veio habitar entre nós (Jo 1,14). Assim, a fé cristã reconhece na família de Nazaré um modelo, ou aquilo que a Encíclica *Lumen Gentium* (n. 11) chamou de igreja doméstica, no sentido de que é um espaço onde se aprendem as noções fundamentais da vida em comunidade, das normas sociais, da fé e dos gestos concretos de fraternidade. Por isso mesmo, a família é o primeiro lugar samaritano do cuidado, do diálogo, do carinho, da ajuda mútua. Portanto, uma família samaritana preserva as atitudes de ver, de se compadecer e de cuidar.

Diante de uma humanidade egoísta, onde reina a lei do toma-lá-dá-cá, de sentimentos fraternos contidos, de indiferença à dor alheia, a família samaritana é, naturalmente, compassiva. “Com-paixão é a capacidade de compartilhar a paixão do outro. O terrível do sofrimento não é tanto o sofrimento em si, mas a solidão nele, sem uma mão que se estende para ajudar, sem um ombro que se oferece para apoiar” (BOFF, 2009, p.07). Por ser uma das mais elevadas virtudes, a compaixão é tida pela tradição cristã como uma característica essencial do próprio Deus. No ser humano, essa virtude não só o abre para a relação com quem está mais próximo, mas, especialmente, faz a pessoa abrir-se para o mais necessitado, seja ele quem for. Nada de pensar: “cada um com seus problemas”. Pelo contrário, “aí ele afirma que a base última da existência [...] é

seu ser-no-mundo-com-outros” (BOFF, 2009, p.18), como aquele Samaritano, em quem as regras de pureza, o legalismo, a tradição pela tradição, caducam, e dão lugar a sentimentos nobres de perdão, solidariedade, gratidão, ternura, clemência, indulgência e misericórdia. A família é “onde a vida é gerada e cuidada” (AL, n.83), é ali que se aprendem valores para se viver no mundo.

O sacerdote da parábola viu o homem caído, o levita também, mas ficaram apenas no ver. O samaritano comoveu-se, moveu-se para o homem e, retirando-o do chão, moveu-se com ele em seus braços. Mover-se com é ser solidário na dor do filho que terminou o namoro, sensível com o cansaço da mãe em suas jornadas duplas ou triplas de trabalho, compreensível com o pai pressionado pelas exigências sociais, econômicas e existenciais. Nesse lar, todos dialogam, mas não traem seus ideais em nome de modismo; enxergam amorosamente as feridas, mas não as cultivam; olham com misericórdia o pecador, mas não são coniventes com o pecado; reconhecem as leis da convivência, mas abraçam-se com a humanidade ferida. Disse o Papa Paulo VI: “Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores” (GE, 03), em um ambiente familiar sempre animado pelo amor e pela piedade com cada pessoa o que favorece a educação pessoal e social dos filhos.

É próprio dos jovens a ousadia e a intemperividade, a imaturidade e a insegurança, por isso precisam ser conduzidos a reconhecer suas falhas, descobrir seus valores e encontrar segurança. Nesse ambiente, o adulto é sempre o adulto na relação, não barganha, o jovem é sempre jovem, com suas tibiezas e com a criatividade e a alegria que transforma uma casa em lugar de festa e vida. Os laços carnis ou adotivos são estreitados nos embates, nas crises, nas dores, nas rebeldias, nos conflitos de geração. Aqueles que entram no ambiente de uma família cristã são enxergados em sua inteireza, com suas fraturas e seus potenciais e, mesmo que esfriados ou embrutecidos pelo mundo, encontram uma lareira a aquecer suas entranhas congeladas e uma afabilidade a enternecer as suas durezas, o cuidado.

2. ESCOLA SAMARITANA, LUGAR DE FRATERNIDADE E VIDA

Uma casa de portas abertas é o que se torna uma escola que ousou passar pela Samaria. No coração do processo escolar, em perspectiva cristã, juntamente com a questão cognitiva, está a dimensão cuidadora. As teorias da Biologia e da Genética passam a ser enxergadas, também, no prisma da Ética e da moral. As competências, como propõe a Base nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), o conhecimento, o pensamento crítico e criativo, o senso estético, a comunicação, a cultura digital, a responsabilidade e cidadania, a empatia e cooperação, o autoconhecimento e o

autocuidado, a argumentação e a questão do trabalho e do objetivo de vida, são vivenciados à luz de uma cultura de cuidado e responsabilidade com a vida, partindo do microcosmo que é indivíduo se expande à humanidade inteira e à Casa Comum, que é o planeta. Numa escola samaritana, a BNCC e outras políticas públicas não são empecilho para o cuidado com a vida, pelo contrário, são parceiros no processo de formação das habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais em cada fase, desde a infância até a juventude. Essa escola hospeda seus alunos e os deixam aos cuidados das orientações pedagógicas que, com profundidade, são construídas por educadores, pedagogos, psicopedagogos e demais profissionais.

Em muitas escolas confessionais, são oferecidos encontros, eventos e formações para os alunos vivenciarem, além do horário de aula, experiências que os marcarão profundamente. Os educadores e os pais são convidados a experimentarem momentos de reflexão, encontros humanizantes e mergulho no carisma da instituição. Nesses encontros, os temas sobre relacionamento, autoestima, aprimoramento intelectual, especialização profissional e fé, são abordados de forma dinâmica, criando oásis na labuta, muitas vezes inóspita, do cotidiano.

Na escola de feições samaritanas, a compaixão e o cuidado permeiam o projeto político pedagógico, o Currículo, as normas, o atendimento da secretaria,

o departamento financeiro. Cria-se um clima harmonioso de fraternidade. Uma escola com esse perfil não visa, primeiramente e unicamente, o lucro empresarial, ela age por vocação de ser formadora de indivíduos novos para um mundo novo. É bem verdade que as instituições precisam ter uma boa gestão pedagógica, técnica, financeira e, no caso das confessionais, o aspecto pastoral, sem perder aquele princípio regulador de toda instituição de ensino, a busca pela construção de uma humanidade conectada com a vida e corresponsável pela manutenção das relações fraternais entre os humanos e a Casa Comum, por meio do conhecimento científico e afetivo. O Papa Francisco (2014) afirma que “o primeiro critério da educação é a constatação de que educar [...] não consiste apenas em transmitir conhecimentos e conteúdos, mas implica outras dimensões: transmitir conteúdos, hábitos e sentidos dos valores, estes três elementos juntos”.

Aquele bom samaritano pôs o homem ferido em sua montaria. Do mesmo modo, a escola torna-se veículo de condução dos fraturados do mundo de hoje. A instituição, com sua proposta pedagógica e seu carisma, torna-se lugar privilegiado de condução daqueles que precisam encontrar um lugar seguro onde possa curar suas feridas. Ao mesmo tempo, o espaço físico harmonioso evidencia o quanto tudo foi pensado para hospedar os que precisam de afeto, de atenção e de acolhida. Criatividade e harmonia quebram aquela ideia monocromática

de paredes e de mesas enfileiradas. As cores se alternam, as aulas podem ser em círculos, ao ar livre, os ambientes recebem quadros com paisagens, frases e mensagens que inserem o aluno, o educador e a família no contexto da escola e do mundo. Esses elementos harmoniosos recordam que, além do ético, a escola é formadora do senso estético de cada pessoa.

Nesse contexto, cada aluno se sente inserido num ambiente de promoção de vida e de fraternidade, pois, a “escola é o lugar privilegiado de formação e promoção integral do homem” (DA, n. 329). Acolhidos em sua inteireza, os alunos são capazes de conviver para além de estereótipos. E, quando as questões de *bullying* ou preconceito aparecem, são tratadas de frente, no diálogo e na ação enérgica de educadores preparados para mediar esses conflitos. Não é o ateísmo criticista de um aluno que impedirá o bom relacionamento com o professor que professa uma fé. Não é a questão ideológica que impedirá amizades. Não é a opção pelo time que impedirá aproximações entre alunos. Na escola samaritana se aprende a conviver com as diferenças e se passa a enxergar nessas diferenças a possibilidade de cada um firmar sua identidade.

// *Saibamos acolher e aceitar quem pensa de modo diferente. Realmente, às vezes, estamos fechados. Encerramo-nos no nosso pequeno mundo: “Ou ele é como eu quero que seja, ou*

não é nada"... Não nos fechemos nos cubículos das ideologias ou nos cubículos das religiões". Ojalá possamos crescer contra os individualismos" [...] Corações abertos, mentes abertas. Se tu pensas diferente de mim, por que não havemos de falar? Por que fixar sempre o dedo sobre aquilo que nos separa, sobre aquilo que somos diferentes?

(PAPA FRANCISCO, 2015). //

Escola, educadores e alunos numa perspectiva cuidadora estão ao lado da dig-

nidade da pessoa e ressaltam, sempre, sinais concretos de cuidado com a vida humana como valor inviolável (Evangelium Vitae). O nascituro, os enfermos em estado terminal, a vida marinha, a questão climática, o dilema dos migrantes que saem de sua pátria à procura da sobrevivência, os cidadãos que perambulam pelas ruas das grandes cidades, as crianças de rua, os idosos abandonados. Uma escola samaritana inclina-se para apresentar o mundo adoentado aos seus educandos e apontar pistas de construção um do mundo novo, justo, fraterno e cuidador.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base nacional Curricular Comum**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7 ed. São Paulo: Soc. Bíblica Católica Internacional / Paulus. 1995.

BOFF, Leonardo. **Princípios de compaixão e de cuidado**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado com a casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica**. Roma, 13 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 12 ago. 2019.

_____. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia***, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAULO VI. **Declaração *Gravissimum Educationis*** - Sobre a educação cristã. Papa Paulo VI. Roma, 28 de outubro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html>. Acesso: 15 jun. 2019.

SANTA DULCE DOS POBRES. **Frases do Anjo**. Disponível em: <<https://www.irma-dulce.org.br/portugues/religioso/frases-e-oracao>>. Acesso em: 13 out. 2019.

VATICANO. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***: Sobre a igreja. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. **Catecismo da Igreja Católica**. 30ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ARTIGO

EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO DAS JUVENTUDES: A PROPOSTA PASTORAL-PEDAGÓGICA DA PJM

Felipe Teixeira e Ir. Rafael Ferreira

RESUMO

A Pastoral Juvenil Marista (PJM) é uma proposta pastoral-pedagógica que fundamenta o processo de educação e amadurecimento na fé dos jovens estudantes, nos colégios Maristas. Com mística e identidade próprias, utiliza de elementos que contribuem para um processo que auxilia na formação integral dos jovens: símbolos, momentos, lugares e valores. As opções pedagógico-pastorais da PJM, refletidas no nosso processo de organização e vivenciada nas experiências do cotidiano juvenil, afirmam a proposta da formação integral dos jovens, assumindo como fonte de inspiração o anseio de São Marcelino Champagnat: “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Educação evangelizadora. Pastoralidade. Marista.

FELIPE TEIXEIRA

Postulante Marista, articulador da Pastoral Juvenil Marista no Marista Centro-Norte, agente de pastoral, assessor de juventudes (UNISAL-CNBB)
CONTATO: fteixeira@marista.edu.br

IR. RAFAEL FERREIRA

Religioso Irmão Marista, diretor do Centro de Estudos Marista – BH.
CONTATO: rafael@marista.edu.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A opção marista da Educação e evangelização das juventudes se confunde com sua própria história de fundação. Recém-ordenado padre e nomeado co-adjutor da paróquia de La Valla, em 1816, na França, São Marcelino Champagnat é chamado às pressas para atender em confissão um jovem gravemente enfermo. Ele se chamava João Batista Montagne e, no início de sua juventude, aos 14 anos, ignorava as noções básicas da Educação e da catequese. O encontro com este jovem confirmou no coração de Champagnat o desejo de fundar uma congregação de Irmãos Catequistas que dessem instrução religiosa nos povoados rurais.

A grande demanda de uma Educação de qualidade, ética, responsável e humanizada, na França pós-revolução, fez com que Champagnat revisse a proposta inicial do Instituto e formasse jovens Irmãos para serem educadores, fundando escolas em pequenas e grandes cidades rurais e urbanas.

Após a morte de Champagnat, em 1840, os Irmãos assumiram o carisma legado por ele, provocados pelo encontro com o jovem Montagne. Assim, continuaram garantindo em seu apostolado um lugar especial e privilegiado para as juventudes. O centro do carisma marista tem como fundamento “tornar Jesus Cristo conhecido e amado” pelas crianças e pelos jovens, por meio de uma educação evangelizadora, pautada no amor.

Assim, diversos movimentos de educa-

ção, evangelização e acompanhamento das juventudes foram se solidificando no Instituto Marista, e no Brasil não seria diferente. Desde a chegada dos Irmãos Maristas ao Brasil, no dia 15 de outubro de 1897, no Rio de Janeiro, com destino à cidade de Congonhas do Campo (MG), muitos movimentos juvenis, propriamente maristas e em parceria com outras instituições, existiram, como por exemplo, a Cruzada Eucarística Jovem, o Escotismo Católico, a Juventude Estudantil Católica, o JUMAR (Juventude Marista), GAMAR (Grupo de Alunos Marista) e EDA-REMAR (Embarcação da Amizade/Renovação Marista).

A partir de 2002, o Brasil Marista iniciou um movimento de reorganização de suas estruturas provinciais, a fim de potencializar sua missão em todo o país. Percebendo também a necessidade de consolidar a identidade de sua atuação em meio juvenil, iniciou o processo de construção da PJM, pois, até então, as unidades administrativas (províncias) tinham diferentes iniciativas neste campo, o que não dava coesão ao processo de evangelização das juventudes. Deu-se início, assim, à elaboração das Diretrizes Nacionais, que foram assumidas em conjunto pelas Províncias Maristas do Rio Grande do Sul, Brasil Centro-Sul, Brasil Centro-Norte, e o então Distrito Marista da Amazônia. Na Província Marista Brasil Centro-Norte, em Assembleia Provincial da PJM, realizada de 23 a 27 de janeiro de 2008, finalizou-se o processo de sistematização da PJM, oficializando sua proposta provincial de ação evangelizadora.

A PJM nasce, portanto, para unificar a atuação pastoral marista junto às diversas realidades de juventudes presentes no Brasil e, de modo mais abrangente, no Instituto Marista como um todo, espalhadas em 83 países, dando-lhe uma mesma identidade. Assim, caminhando como “família carismática global”, possuímos, nos quatro cantos do mundo, o mesmo nome de Pastoral Juvenil Marista e a mesma logomarca. Uma logomarca faz parte da identidade visual de um grupo, uma empresa ou uma marca. A logomarca da PJM, por exemplo, tem um simbolismo: a sigla, composta por três letras, em diferentes cores, representando a pluralidade e a diversidade das juventudes que nela estão inseridas; a logomarca oficial marista herdou as doze estrelas que vinculam as duas marcas e mostram que os membros da PJM se comprometem a praticar as doze virtudes tradicionalmente atribuídas à Maria, mãe de Jesus. O nome (Pastoral Juvenil Marista) aponta para o lugar prioritário das juventudes na dinâmica do Instituto, já que o juvenil se encontra ao centro da ação educativo-pastoral marista, mostrando que as figuras mais importantes do processo são os próprios jovens e seus caminhos (Ver anexo A).

Nesses 15 anos de PJM, muitas pessoas contribuíram na construção de documentos, diretrizes, marcos referenciais, marcos operativos e processos de “revitalização”, para que, hoje, tivéssemos uma proposta pastoral-pedagógica bem fundamentada, ampla, integral e que atendesse às necessidades das juventudes.

2. PROPOSTA PASTORAL-PEDAGÓGICA DA PJM

2.1 A organização da PJM favorece o caminho de educação e amadurecimento na fé

A organização da PJM é realizada a partir de momentos, “os momentos constituem um espaço de tempo considerado ideal para o desenvolvimento do processo de formação integral proposta para as faixas etárias específicas. É um tempo propício para a descoberta da identidade pessoal e de grupo e para a vivência de experiência da fé, da personalidade, da afetividade, da solidariedade” (UMBRASIL, 2006, p. 30). São cinco momentos nos quais os jovens se dividem por faixa-etária, são eles: Estrela, jovens de 11 a 12 anos; Coração Acolhedor, jovens de 13 a 14 anos; Boa Mãe, jovens de 15 a 16 anos; Cruz, jovens de 17; Três Violetas, grupo que compreende os jovens que deixam de ser alunos da instituição, a partir dos 18 até os 29 anos. Os momentos são pensados para que o desenvolvimento integral do jovem aconteça de forma harmonizada com sua experiência de vida e suas relações, favorecendo assim um acompanhamento personalizado com cada fase de desenvolvimento.

Cada momento carrega, em sua proposta de educação, valores que norteiam a vivência da amizade, solidariedade e espiritualidade, os três pilares principais da ação educativa e evangelizadora da PJM. Estes valores ajudam na percepção do jovem enquanto protagonista na sociedade, responsável por si e pelos demais,

educados para a solidariedade, ecologia, transcendência, crítica e interioridade. São eles: acolhida e confiança; amizade e partilha; sensibilidade, determinação e alegria; despojamento e compromisso; humildade, simplicidade e modéstia.

Além da vivência dos valores, os momentos carregam em sua mística lugares de referências que apontam pessoas, situações e momentos importantes na história de Jesus Cristo e na história do Instituto. São eles: Belém e Rosey; Nazaré e Verrières; Caná e La Valla; Cafarnaum e Le Palais; Jerusalém e l'Hermitage.

Eduardo Galeano mostra, em uma das suas crônicas presente no *Livro dos abraços*, como um lugar pode se transformar em espaço sagrado:

“[...] E também nós tínhamos encontrado alegria naquela casa de repente amaldiçoada pelos ventos ruins, e a alegria tinha sabido ser mais poderosa que a dúvida e melhor que a memória, e por isso

mesmo aquela casa empobrecida, aquela casa barata e feia, num bairro barato e feio, era sagrada.
(GALEANO, 2003, p.194) //

A história mostra que era apenas uma casa barata, feia e empobrecida, mas a experiência da alegria e da memória a encheram de sentido. Assim, buscamos proporcionar em nossos espaços grupais a vivência de sentido.

Nossa história de vida é inserida em um tempo e espaço, por isso temos muitos lugares como referências. A casa, uma praça, a escola e tantos outros lugares que frequentamos podem suscitar memória afetiva e nos interligam com pessoas e situações. Fazer memória dos lugares bíblicos e maristas é encarnar em nossa vida todas as situações que ocorreram nestes lugares e todas as pessoas que passaram por eles. Um lugar se torna importante quando os acontecimentos que ali se deram e as pessoas que por eles passaram se tornam importantes para mim. Neste processo, o lugar se torna espaço “sacramental”.

2 Conforme síntese do Catecismo da Igreja Católica, entre os números 1667 e 1673, podemos compreender sacramentais como sinais sagrados pelos quais, à imitação dos sacramentos, se obtêm efeitos principalmente espirituais. Podem ser constituídos por ações, objetos e rituais de bênção e consagração. Não conferem a graça em si, à maneira dos sacramentos, mas são caminhos que conduzem a ela, ajudando a santificar as diferentes circunstâncias da vida, despertando nos cristãos sentimentos de amor e de fé. Na interpretação de Leonardo Boff, na obra *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, encontramos: “Não cremos que o homem moderno tenha perdido o sentido pelo simbólico e pelo sacramental. Ele é também homem, como outros de outras quadras culturais e por isso também produtor de símbolos expressivos de sua interioridade e capaz de decifrar o sentido simbólico do mundo [...]” (p. 10). Em outro momento afirma: “O cristianismo se entende a si mesmo, não primeiramente como um sistema arquitetônico de verdades salvíficas, mas como a comunicação da vida divina para dentro do mundo. O mundo, as coisas e os homens vêm penetrados da Seiva generosa de Deus. As coisas são portadoras de salvação e de um mistério [...]. É portadora de Deus e lugar de encontro e salvação. A matéria é sacramental.” (BOFF, 2014, p. 12).

// *O lugar se torna sagrado quando se reveste de sentido profundo. Quando a cidade de Nazaré é somente uma cidade como as outras, ela fica sendo somente Nazaré; mas quando lá viveu e trabalhou um grande amigo que tenho, Nazaré se torna algo mais. Nós dizemos que Nazaré se tornou um “lugar especial”, porque a olhamos não somente com os olhos, mas com o coração. Ela tornou-se “sacramental”. Olhar um lugar com o coração abre a possibilidade de transformá-lo num “sinal” que fala, faz chorar, faz vibrar, faz dar um sentido vivencial. Um “lugar” pode ter, ou não, carinho de nossa parte. Esse carinho é que o torna mais do que um simples espaço geográfico. Queremos afirmar que nossa fé precisa de lugares inspiradores, que a fazem ter “alma”, sentimento, motivação. Neles aprendemos atitudes e convicções (UMBRASIL, 2006, p. 28).* **//**

Outra preocupação, no âmbito da PJM, é a de que o processo de educação e amadurecimento na fé contemple a formação de jovens sensíveis ao simbólico. Todos esses elementos contribuem para um processo místico que auxilia na formação integral dos jovens; o que, por sua vez, é a principal proposta educativa marista e, conseqüentemente, a centralidade do processo de educação na fé da PJM. Em todo o processo que desejamos construir junto às juventudes, nos moti-

va a convicção da importância de sete opções pedagógicas. Como nos lembra o CELAM, em Civilização do amor: tarefa e esperança, as opções pedagógicas referem-se tanto aos instrumentos como às atitudes e estratégias para a evangelização da juventude, em coerência com a pedagogia pastoral e com a realidade dos jovens e dos grupos. Cada “opção” é apresentada como um “ato de fé”, desejando encarnar em nossa espiritualidade a opção preferencial por este processo de acompanhamento e educação.

// *a) A crença na importância básica da vivência comunitária, especialmente no grupo. b) A crença na importância radical de trabalharmos as dimensões da “formação integral”. A formação integral se dá quando trabalhamos bem a personalização, a socialização, a dimensão teológico-teologal, a dimensão política, a capacitação técnica e a questão do método. c) A crença na importância do acompanhamento. Assim como é importante ter alguém que nos acompanhe na caminhada, é decisiva a vontade que temos, em nosso interior, de sermos acompanhados. d) A crença no papel fundamental que tem, na vivência do processo, a organização. É a forma concreta de sairmos do isolamento e de aprendermos a ser povo e não massa. É a forma concreta de aprendermos a viver nossa vocação política. e) A crença de que a juventude não é uma*

coisa homogênea, isto é, a crença de que é preciso trabalhar, de modo diferenciado, com diversas juventudes, com todas as consequências. f) A crença de que o método não é algo accidental naquilo que fazemos. O método é que dá um estilo de vida para as pessoas e para as instituições; em nosso caso, para a Pastoral Juvenil Marista. Isso vale tanto quando falamos do conhecer experimentar-aderir, quanto do ver, julgar, agir, revisar e celebrar. g) Creemos no divino que há em cada jovem, numa teologia jovem revestida e encharcada com os símbolos e signos juvenis. É nosso credo pessoal, credo que se transfigura em um itinerário de fé que ora apresentamos. E deseja transformar-se em elemento substancial da vida dos grupos da PJM e, conseqüentemente, da vida dos jovens que estão nos grupos. Importa que a Vida nasça nesses e faça valer nosso Credo (UM-BRASIL, 2006, p. 36-37). //

Portanto, as opções pedagógico-pastorais da PJM, refletidas no nosso processo de organização, e vivenciadas nas experiências do cotidiano juvenil, afirmam a proposta da formação integral dos jovens, assumindo como fonte de inspiração o anseio de São Marcelino Champagnat: “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Isso nos leva a uma divisão de competências a serem desenvolvidas em cada momento: a

descoberta do caminho comunitário; a descoberta do grupo; a descoberta da comunidade; a descoberta da questão social; e o despertar da vocação e o amadurecimento do projeto de vida. Cada descoberta vai interligando experiências e agregando valor à educação integral dos jovens.

O desenvolvimento dos jovens para a liderança e a responsabilidade também é incluído em nosso processo de organização. Em cada momento na PJM, jovens coordenadores ficam responsáveis por preparar os encontros, escutar os anseios do grupo e auxiliar os outros jovens no processo de educação e evangelização. Já os animadores são jovens com um pouco mais de experiência e caminhada na PJM, que já vivenciaram a proposta do momento que animam, por isso são responsáveis por auxiliar a coordenação do grupo na condução e preparação dos encontros, dando fôlego para as atividades e motivando os outros jovens em sua caminhada.

Os assessores são adultos de referência que, por meio do ministério da assessoria², são responsáveis por promover encontros de formação para os coordenadores e animadores da PJM, acompanhando todos os processos e auxiliando na caminhada dos jovens na educação e amadurecimento da fé. Nas unidades socioeducacionais, existe também a figura do articulador, que é responsável por dinamizar e desenvolver a PJM na unidade, que também se responsabiliza pelo contato e encaminhamento com a coordenação de evangelização,

solicitação de materiais e articulação dos encontros regionais TENDA e CLIMA³. Esta organização favorece a dinamização e qualificação da proposta pastoral-pedagógica da PJM, além de estimular as juventudes no protagonismo desde os primeiros momentos na PJM.

2.2 Os três pilares da vivência educativa e evangelizadora na PJM

No processo⁴ da educação e evangelização proposto pela PJM, deparamo-nos

com três pilares que fomentam a ação educativa e evangelizadora Marista: amizade; solidariedade e espiritualidade.

Nesse processo, há, também, o que se designa de descobertas. Cada uma delas apresenta múltiplas realidades a serem vividas. Embora façam parte do mesmo caminho, as descobertas são diferentes e constituem um espaço de tempo considerado ideal para o desenvolvimento do processo de formação integral proposta para as faixas etárias

2 O ministério da assessoria busca levar os jovens a descobrir e trilhar o seu próprio caminho. De forma madura e responsável. O assessor, pessoa que exerce esse acompanhamento, deve caminhar ao lado das juventudes na intenção de que seja delas o protagonismo, buscando “respeitar a liberdade do processo de discernimento dos jovens, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo” (CV, 2019, nº 246.). O acompanhamento deve ser feito por aqueles que acreditam nas juventudes como agentes de transformação da realidade, que compreendem e valorizam seus anseios e que se sentem inspirados por seu modo dinâmico, sensível e presente de agir. Deve ser realizado por mulheres e homens que se sintam chamados a ser instrumento de Deus na evangelização das juventudes e que, vivendo uma espiritualidade encarnada na realidade, inspirem adolescentes e jovens na concretização de seus projetos de vida, na sua formação de consciência crítica e engajada socialmente, fomentando o protagonismo e o seu papel em quanto sujeito político da sociedade (Instituto dos Irmãos Maristas, 2011). (UMBRASIL, 2020, p. 47).

3 O TENDA e o CLIMA são encontros regionais da PJM, que favorecem o entrosamento dos participantes com pessoas de outras unidades socioeducacionais e criam um sentimento de família e unidade nos ideais que constroem laços e relações com diversas pessoas de diferentes costumes, culturas e regiões. O TENDA é o encontro para o momento Coração Acolhedor, e o CLIMA (Curso de Liderança Marista) para os jovens dos momentos Boa Mãe e Cruz.

4 Quando procuramos, em qualquer dicionário de língua portuguesa, o significado de processo, logo encontramos: ação continuada, segmento, curso, decurso... Se formos sensíveis, poderemos perceber que esses significados têm muita relação com a ideia de caminho. Por isso, processo implica um conjunto de “coisas” que acontecem em nossa interioridade por motivações diversas, buscadas, provocadas ou surgidas sem serem convidadas. É um caminho que vamos construindo; uma estrada em que nos defrontamos com situações previstas e imprevistas, que nos alegram, entristecem, desafiam ou nos levam a acomodar-nos. Como uma travessia que, por mais que planejem, não deixa de ser misteriosa. Quando falamos de processo, isto é, do caminho e do amadurecimento na fé, não nos referimos a algo parado ou automático. Antes, ele tem começo e história a ser vivida. Pode ser cultivado ou pode ser esquecido, mas não para. Assim, como podemos descobrir aquilo que nos fez crescer ou diminuir no amor, assim é o caminho da fé em cada um de nós. Basta ouvir, ver e sentir para percebermos onde acertamos ou erramos. Processo estacionado não existe: ou se avança ou se retrocede. Se falamos de processo de educação na fé significa que queremos perceber como esta fé avança ou retrocede (UMBRASIL, 2006, p. 24).

específicas. É um tempo propício para a descoberta da identidade pessoal e de grupo, bem como para a vivência de experiência da fé, personalidade, afetividade e da solidariedade.

Na Pastoral Juvenil Marista, há cinco descobertas: a descoberta do caminho comunitário; a descoberta do grupo; a descoberta da comunidade; a descoberta da questão social; o despertar da vocação e o amadurecimento do projeto de vida.

2.2.1 Amizade

A amizade surge a partir das relações afetivas de cumplicidade, confiança e cuidado mútuo de uma pessoa para com a outra; ela afirma a fraternidade em nossas relações e impulsiona a vivência do amor e do afeto e não há um espaço mais suscetível à construção de novas amizades do que um espaço de grupo juvenil. A amizade é fruto da relação, do caminhar junto com o outro, das partilhas, vivências e experiências. O próprio Deus quis fazer-se relação em si mesmo, na Trindade, e conosco, na encarnação de Jesus.

O mistério da Trindade suscita em nós o desejo de nos relacionarmos e isso se dá, de forma clara, no ato de sermos grupo. É sendo grupo unido, amigo, organizado, motivado e animado, que encontramos um espaço de referência e influência em nossas vidas. Em três pessoas, Deus se faz comunidade plena, assim como nós desejamos ser grupo vivendo na plenitude da harmonia.

No grupo, encontramos diferentes visões de mundo, opiniões e experiências distintas, o que, às vezes, pode fazer com que uma maravilhosa expressão da diversidade se torne motivo de existir grupos diferentes em um grupo. É necessário tomar muito cuidado quando as relações nos levam a preterimentos e/ou favoritismos, pois isso causa divisão, exclusão e segregação. Um grande passo para o enfrentamento dessa possibilidade é o reconhecimento da igualdade na diferença. Somos iguais por sermos diferentes. Romper com as diferenças que nos segregam, para percebermos as semelhanças que nos agregam, é algo muito próprio de um grupo de PJM. O grupo busca reunir diferentes pessoas em busca de um bem comum, são diferentes membros que formam um todo. Um grupo que dialoga, chegando a um denominador comum das questões, atingiu um grau de maturidade e autonomia.

O apóstolo Paulo, escrevendo para a comunidade de Corinto, diz que o corpo é um só, mas tem muitos membros, e, no entanto, apesar de serem muitos, todos os seus membros formam um só corpo, pois este não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o conjunto fosse só um membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo (1 Cor 12,12 - 21). Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria, pois são, em plenitude, um conjunto (1 Cor 12, 26).

Cada um dos membros recebe uma função, um dom para compartilhar e estar a serviço de todo o grupo, mesmo existindo uma diversidade de dons, estes convergem para uma unidade, um bem comum (1 Co 12,4 – 11). Os dons que Deus nos concede de forma gratuita precisam também ser vivenciados e partilhados na gratuidade. Não existe maneira mais eficaz de agradecer a Deus do que partilhar com o grupo os dons que Ele nos concede. Podemos enxergar esses dons como luzes nas nossas vidas, ninguém acende uma luz para colocá-la escondida, e sim no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. Assim também que a luz de vocês brilhe diante das pessoas, para que elas vejam as boas obras que vocês estão fazendo e louvem o Pai de vocês que está no céu (Mt 5,15). Essa luz que fazemos brilhar para todos, transforma-nos em portadores da luz, casa da luz, chama acesa, sinalização, farol. O farol é símbolo carregado de significado para nós, Maristas de Champagnat, ele nos convida a irradiar esperança pelos quatro cantos do mundo.

O farol surgiu desde a antiguidade, onde a navegação ainda não era tão desenvolvida e os navegadores encontravam grandes dificuldades ao aproximarem-se da terra, o farol indicava, então, que ali havia terra firme, porto seguro. O farol

ilumina a escuridão do mar, orientando as embarcações. Como Marcelino Champagnat e Maria, a nossa Boa Mãe, queremos, assim como o farol, iluminar e orientar as embarcações que navegam nos corações dos jovens, mostrando um sentido, uma terra firme, um grupo.

Fazendo-nos comunidade nos grupos de PJM, nós garantimos a experiência trinitária em nossas relações e aprofundamos a vivência da amizade.

“ A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós uma espécie de lei de êxtase: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser. (FRANCISCO, 2020.) ”

É na gratuidade do amor que partilhamos nossos dons a serviço da solidariedade.

2.2.2 Solidariedade

Como dito antes: é na gratuidade do amor que partilhamos nossos dons a serviço da solidariedade. A cultura da solidariedade é uma utopia⁵ que buscamos construir em nossos espaços grupais. Ela nos aproxima de Deus e dos irmãos e nos convoca à vivência da fraternidade.

5 Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade.

Com sensibilidade, energia, força, entusiasmo, agitação, vontade e impulso, as juventudes têm a capacidade de ver, encontrar os sinais do Reino e fazer a vontade do Pai para que a sua justiça seja sempre a nossa prioridade. Muitos dos atuais movimentos estudantis, sociais e revolucionários têm como articuladores as juventudes.

O nosso profetismo não pode ser confundido com meras adivinhações, premonições, sorte, futuro. O movimento profético requer as denúncias das injustiças do mundo e o anúncio das maravilhas do Reino. Os grandes profetas foram aqueles que se depararam com uma realidade absurda, destruidora, abusiva e sentiram a necessidade de transformá-la. Simultaneamente, precisamos anunciar as Boas-Novas, as maravilhas, as graças, a bonança a vitalidade que habita nas juventudes. A nossa juventude quer viver plenamente, sonhar com um mundo novo e anunciar as esperanças. A pedido de Jesus de Nazaré, assumimos a proposta de sermos sal e luz (Mt 5,13-14). Esses dois símbolos nos unem em uma mística de uso e serviço, tanto o sal quanto a luz nos evocam a uma utilização natural, os dois são necessários para coisas básicas do dia-a-dia, tornando-os essenciais na dinâmica da vida. O sal, que dá gosto aos nossos alimentos, recorda-nos como as juventudes temperam, dão gosto e sabor à vida. A luz que afasta a escuridão é revelada na relação com as juventudes, que são luzeiros, faróis de esperança, sinalizadores da luz.

Nas juventudes, o sagrado é plenamente contemplado. As juventudes são moradas do Sagrado. É o que constataremos se tivermos sensibilidade para reconhecer o rosto de Deus em cada expressão e movimento juvenil. Acolher as juventudes e sua dinâmica de vida é acolher o próprio Espírito de Deus, movimento impulsor e vitalizador da Igreja. Neste caminho, buscamos nos conectar com o Autor da Vida e da História, deixando que flua toda a vida que habita em nós.

Neste processo de uma educação para a solidariedade, garantimos em nossos documentos a realização do TAS-TAC (Trabalho de Ação Social e Trabalho Apostólico Concreto), no qual os jovens buscam uma instituição para realizar o acompanhamento e assistência socio-pastoral durante um ano. O que, muitas vezes, preocupa nestas ações é o perigo de que se transformem apenas em encontros puramente assistencialistas, caso não haja um acompanhamento sistemático às instituições assistidas.

Pensando nisso, em dezembro de 2018, a coordenação de evangelização do Marista Centro-Norte lançou um documento com o propósito de organizar e implantar as ações voluntárias já existentes em nossas unidades: o VEM – Voluntariado Estudantil Marista⁶. O documento traz os objetivos do voluntariado marista, bem como a ideia de fortalecer a construção de uma consciência crítica e do desenvolvimento do serviço voluntário entre toda a comunidade educativa marista⁷.

Alinhando as ações do Voluntariado Estudantil Marista com proposta da PJM, conseguimos garantir uma educação para a solidariedade, ajudando os jovens a construir uma nova sociedade mais justa e fraterna. Temos consciência de que contribuindo em sua formação como cidadãos, eles mesmos serão capazes de criarem o mundo onde queiram viver.

A proposta da PJM para a solidariedade responde os apelos do Papa Francisco, para a construção de uma “Igreja em saída”, que não se acomoda em seu “sofá”, sua zona de conforto, mas parte em direção às periferias existenciais do mundo. A PJM, para além dos muros dos colégios maristas, busca construir uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, indo em direção aos pobres, marginalizados e excluídos.

Em sua carta aos Romanos, São Paulo exorta a comunidade dizendo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-o.” (Rm 12,2). Reconhecer as diversas injustiças e violências presentes em nossa sociedade é o primeiro grande pas-

so para transformá-las por meio de ações solidárias concretas. É neste processo de uma educação para a solidariedade que garantiremos a conversão de culturas individuais, consumistas, egocêntricas, violentas e perversas em culturas solidárias, de diálogos e de encontros.

2.2.3 Espiritualidade

O caminho da educação e amadurecimento na fé da PJM é norteado pela mística. Por meio da mística, tornamos palpável a nossa espiritualidade, concretizando e encarnando no nosso dia a dia.

// *Podemos dizer que a mística é a alma da espiritualidade. Espiritual é a pessoa que vive com o Espírito, dom do Deus da Vida. Uma pessoa espiritual é aquela que tem a vida dentro dela e a exterioriza. É pessoa repleta de esperança, de solidariedade, de sentido, de amor, de paz e justiça. Mística é o resultado da vivência e integração de todos esses elementos. A mística, contudo, não nasce de nós nem se destina*

6 No documento, a juventude é apresentada como uma “vocação profética” e se relaciona com a missão. De acordo com o VEM, o estudante marista precisa entender quatro elementos para se engajar no voluntariado: perceber-se, comprometer-se, atuar e celebrar. O documento também traz o Itinerário Formativo, como um instrumento de empoderamento e de ampliação das possibilidades do sujeito, para aumentar sua capacidade de ação no próprio contexto e a consciência dos valores e das ações que os guiam. O VEM é composto por três fases – local, regional e internacional – que fazem parte do Itinerário Formativo, e integram as competências e as habilidades propostas para cada fase. Os símbolos também estão presentes no documento, assim, Mochila, Sandália e Álbum, por exemplo, são os elementos que traduzem a missão solidária: a mochila representa a saída, a preparação; a sandália significa colocar os pés na realidade; e o álbum, a memória realizada. Disponível em: <<https://marista.edu.br/vidamarista/?p=3635>>.

7 Disponível em: <<https://marista.edu.br/vidamarista/?p=3635>>.

só a nós. Ela é resultado do meu relacionamento com o Espírito de Deus, que me habita e habita o mundo e pode ser experimentada em espaços onde este Espírito se manifesta: no meu quarto, nas montanhas, no deserto, na praia, num livro, nalguma igreja, na comunidade, na eucaristia, numa visita a doentes ou necessitados. Entretanto é necessário que eu seja capaz e suficientemente atento para ver e perceber, em quaisquer desses lugares, o Espírito que deseja dar-me mais vida (Sab 1,6-7). Quando falamos de mística da educação na fé, queremos falar da alegria e da vibração que há na descoberta e no aprofundamento da fé no seguimento de Jesus. Dele aprendemos que a vida é bonita quando a gente se entrega aos outros. A mística não é somente algo racional, mas antes algo que alegra o coração sem deixar de ter, também, a sua lógica. É vibrante, carregada de sentido. Assim como se alimenta na fé, na esperança e no amor aos outros, ela se torna uma distribuidora de amor, de esperança e de fé, pois a mística favorece em nós estas sínteses essenciais: de corpo e afeto, sonho e compromisso, ética e estética, o "eu" e o "outro". Uma pessoa tem mística quando é vaso cheio que transborda o tesouro que carrega em si (UMBRASIL, 2006, p. 36-37). //

Educar para a interioridade é um grande desafio neste contexto social, líquido e globalizado em que vivemos. A interioridade colabora para o autoconhecimento, para o foco, para a saúde mental e o desenvolvimento das competências, hobbies e habilidades.

A busca pela espiritualidade alimenta nossa relação com Deus, consigo mesmo e com o outro, transformando este processo na tríade essencial da vida: eu, o outro e Deus. Quando eu me relaciono com o outro, os valores da amizade, da partilha, da sociedade e do bem comum se fazem presentes. Quando eu me relaciono com Deus, os princípios da interioridade, espiritualidade e tomada de consciência são aguçados. Quando ofereço caminhos, meios e possibilidades do outro se relacionar com Deus, há o processo da evangelização que levará o outro a assumir um caminho de amadurecimento na fé.

2.3 Acompanhamento das juventudes

O assessor é figura indispensável no processo de uma educação e evangelização integral, pois é, a partir das suas experiências, que entusiasmará os jovens a vivenciar as suas próprias, no seu contexto, percebendo todos os avanços sociais. A sua presença, junto aos jovens, precisa ser carregada de vitalidade, paixão, serviço e gratuidade. Só nos apaixonamos por uma causa quando nos envolvemos com ela, e a dinâmica do envolvimento é necessária e mesmo um fator crucial para a viabilidade de um bom grupo.

Para um verdadeiro envolvimento com os jovens, é necessário conhecermos o chão que eles pisam e suas diversas realidades. Conhecer é condição prévia para educarmos e evangelizarmos. É na presença e no diálogo que conhecemos as juventudes, apaixonamo-nos por suas histórias, colocamo-nos a caminho com eles e nos inserimos na grande dinâmica da cultura juvenil.

Por opção clara e consciente, buscamos formar jovens autônomos, protagonistas, responsáveis, construtores da sua própria identidade pessoal e grupal. A construção da identidade ocorre a partir de referências e influências tanto de pessoas quanto de espaços. Minha casa se torna um espaço de referência para mim quando nela percebo o zelo e cuidado que a minha mãe tem para com seus espaços e objetos, o que me faz querer ser igualmente cuidadoso como nosso lar. De igual modo, a escola se torna um espaço de referência quando nela percebo que o meu professor gosta de educar e eu também me vejo nesta condição.

A PJM, por sua vez, torna-se um espaço de referência quando nela há um assessor repleto de valores, entusiasmo, paixão, vitalidade e alegria, valores que eu sou, assim, motivado a também desenvolver. O espaço acaba se tornando indiferente quando eu não encontro um sentido, uma motivação, um desejo para estar nele; onde existe um espaço de referência, ali há uma pessoa de referência que, num contexto de PJM, é o assessor, que se torna parceiro de caminhada,

apontando as saídas, orientando e norteando os caminhos, sempre recordando que seu papel no processo é de nortear, guiar e orientar, pois quem faz o caminho, quem anda, são os próprios jovens, com toda capacidade, vitalidade e protagonismo que lhes são próprios.

Essa pessoa de referência precisa carregar dentro de si o entusiasmo com toda a carga que a palavra tem. *Entusiasmo* vem de *en* (dentro) *theus* (Deus), pessoa portadora de Deus. O assessor precisa portar o Sagrado dentro de si para encantar, motivar, animar, assessorar e cativar as juventudes. Carregar esse Sagrado e compartilhar com os jovens é plena expressão de uma opção de vida doada às juventudes e seus sonhos.

// *Uma das opções pedagógicas da Pastoral Juvenil Marista é o processo integral de educação na fé. Ele acontece de forma processual, dinâmica e abrangente, sendo um itinerário que o próprio jovem percorre. Não é à toa que a palavra caminho signifique passagem, trilha, espaço, trajeto, percurso. Traduzindo isso para a Pastoral Juvenil Marista, significa pensar que não há crescimento na fé sem trajetória e caminho. Ninguém nasce pronto; pelo contrário, a formação é algo que precisa fazer-se diariamente, num desafio que cabe a cada pessoa ir superando (UMBRASIL, 2006, p. 20). //*

O nosso processo educativo é realizado a partir do caminho. É neste caminhar com os jovens, dando-lhes voz, vez e lugar que chegaremos à tão sonhada mudança da realidade e, a partir de então, podemos celebrar o êxito de cumprirmos bem nossa missão enquanto agentes, mas também celebrar, mesmo se o resultado não foi como esperávamos, pois, assim, temos oportunidade de voltar ao início, observando os erros cometidos no caminho e, mais experientes, podemos, confiantes, recomeçar.

Outra forma de acompanhamento juvenil que favorece o crescimento pessoal e grupal é o método de jovens para jovens, onde proporcionamos, por meio do protagonismo juvenil; espaços que desenvolvam os jovens enquanto líderes, animadores e articuladores de processos. A formação de lideranças também é uma das opções pastorais-pedagógicas do desenvolvimento dos jovens na PJM. Por meio deste método, educamos para a responsabilidade, para a tomada de decisões, para a ética e para a justiça.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de uma educação marista para as juventudes é falar de uma educação totalmente imbuída de uma evangelização educadora. É necessário um processo integral para favorecer uma formação integral das juventudes, e isso a PJM atesta em suas opções pastorais-pedagógicas e na prática da educação evangelizadora. Assim, garantindo que a educação que oferecemos aos jovens integre aspectos

socioculturais, socioemocionais, políticos e espirituais, garantimos também que a formação das juventudes seja mais humana e, conseqüentemente, mais cristã.

Nessa formação favorecemos espaços de socialização e integração dos estudantes maristas, já que, no grupo, eles se relacionam como comunidade que caminha junto, com um mesmo ideal, e se tornam companheiros de caminhada, amigos dos demais. Formando jovens conscientes de si mesmos e conscientes do mundo em que vivem, estruturamos, com eles e para eles, uma educação eficaz, integral e evangelizadora.

Há 15 anos, em nossa práxis pastoral, acreditamos nas juventudes como construtoras da civilização do amor e testemunhas da esperança. Somente reconhecendo que a juventude é um estado de coração é que entendemos como uma instituição, fundada há 203 anos, pode se manter viva, renovada, atualizada, atenta aos sinais dos tempos e sensível aos apelos juvenis.

Fomos fundados a partir de um sonho e de um encontro; um sonho de proporcionar educação evangelizadora e um encontro que confirmou e tornou esse sonho palpável. A PJM se compreende também como um espaço para a concretização dos sonhos das nossas juventudes, uma vez que sua dinâmica ajuda a alimentar as esperanças e o desejo de caminhar rumo à civilização do amor, o Reino de Deus entre nós. Como maristas de Champagnat, queremos continuar a

perceber as juventudes como um lugar teológico, onde Deus se apresenta em diversos rostos, jeitos de viver e culturas.

Ter as juventudes como opção de vida e lugar teológico é assumir um estado de constante cultivo da esperança; é alimentar os sonhos que nos impulsionam, como instituto religioso, a sermos com-

panheiros dos jovens, enquanto caminham rumo a novos horizontes de vida.

Anima-nos a certeza de que, servindo e acompanhando as juventudes de hoje, atualizamos o encontro de Champagnat com o jovem Montagne e preparamos a sociedade do amanhã.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**: ensaio de Teologia Narrativa. 29ª ed. – São Paulo: Vozes, 2014.

DICK, Hilário. **Cartas a Neotéfilo**. Rio Grande do Sul, 2003.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Roma: Vaticano, 2020.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

UMBRASIL. **Caminho da educação e amadurecimento na fé**: a mística da PJM. 2006.

_____. **Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Maristas**: PJM – Pastoral Juvenil Marista / Secretariado Interprovincial Marista. – São Paulo: FTD, 2006.

_____. **Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista**: PJM – Pastoral Juvenil Marista – Brasília. 2020.

Anexo A: Logomarca da Pastoral da Juventude Marista



Fonte: https://marista.edu.br/patosdeminas/?page_id=713

Anexo B: Bandeira da Pastoral da Juventude Marista

Fonte: <http://pjmgrupomarista.org.br/wp-content/uploads/sites/17/2016/12/Diretrizes-Nacionais-da-PJM.pdf>

Anexo C: Credo da Pastoral da Juventude Marista

Fonte: <https://marista.edu.br/pjm/wp-content/uploads/2016/05/>

Credo da Pastoral Juvenil Marista

Cremos em Deus Trindade que se faz comunidade e manifesta seu projeto na pessoa de Jesus Cristo.

Cremos na vida como dom de Deus e tesouro a ser cuidado pela mulher e pelo homem, templos de amor.

Cremos em Maria, a Boa Mãe que, na sua experiência de fé e ternura, é exemplo de adesão ao Reino.

Cremos na Igreja Profética e Missionária, sal da terra e luz do mundo, que acolhe a juventude.

Cremos que o carisma marista, revelado em Marcelino Champagnat, toca o coração da juventude.

Cremos que o Ministério da Assessoria é expressão da gratuidade, assumindo a juventude como opção de vida.

Cremos no protagonismo juvenil que transcende as diversidades na luta por uma sociedade justa, solidária e fraterna.

Cremos no espírito transformador e criativo da juventude que, no amor e na esperança, alimenta seus sonhos.

Cremos na missão evangelizadora da juventude, caminho da Civilização do Amor. Amém!

Anexo D: Símbolos dos momentos da Pastoral Juvenil Marista



- **A Estrela de Belém**, com todo o seu sentido de nascimento e vida.



- **O Coração Acolhedor**, de mãos abertas, significa o processo de crescimento na fé, o acolhimento do outro e a solidariedade que devem ser exercitados cotidianamente.



- **Maria Boa Mãe** lembra o compromisso de ser protagonista sensível à realidade do mundo que o cerca e atenta às pessoas mais necessitadas.



- **A Cruz** que, mais do que morte, é o símbolo cristão mais evidente e lembra que assumir a missão cristã é uma atitude cotidiana de combater as injustiças e ressurgir para a vida.



- **As Três Violetas** representam o desejo e o compromisso de uma vida voltada para a vivência do projeto de vida, permeado pelos valores evangélicos e maristas.

I

Fonte: https://marista.edu.br/pjm/wp-content/uploads/2016/05/M%C3%ADstica-da-PJM_introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf

ARTIGO

O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA A AÇÃO PASTORAL

Wellington Minoru Kihara, Ana Luisa Schmidt,
Julia Moreira dos Santos Silva e Kirsty Hellen Santos Araujo

RESUMO

O texto descreve, com base em experiências pastorais no ambiente universitário, aspectos que contribuíram na ação pastoral em tempos de pandemia. Em sintonia com os documentos da Igreja, do Setor Universidades da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e das Linhas de Ação Pastoral da ANEC, discorre sobre experiências de voluntariado on-line, de escuta do outro e da Palavra de Deus, marcadas pela empatia e amizade, a partir de momentos formativos realizados por vídeo-chamadas.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente universitário. Ação pastoral. Voluntariado.

WELLINGTON MINORU KIHARA

Graduado em Administração e Psicologia pela FAE Centro Universitário. Especialista em Gestão de Processos Pastorais pela PUCPR (2014). Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Paraná (2018), com ênfase em Análise de Política Pública e Tecnologia Social.

ANA LUISA SCHMIDT**JULIA MOREIRA DOS SANTOS SILVA****KIRSTY HELLEN SANTOS ARAUJO**

Acadêmicas do Curso de psicologia da FAE Centro Universitário. Atuam como voluntárias na Pastoral Universitária.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Onde houver desespero, que eu leve a esperança”. Esse trecho da Oração da Paz, atribuída a São Francisco de Assis, é capaz de sintetizar muitas das ações pastorais realizadas em contexto universitário, neste período de pandemia, causada pela COVID-19. O isolamento social tem sido um período para adquirir novos conhecimentos, explorar as tecnologias existentes e seguir firme com a missão institucional e alinhados com “o empenho em formar uma comunidade humana autêntica, animada pelo espírito de Cristo” (EC, n. 21).

Apesar das dificuldades, incertezas e uma “quebra” no cronograma de atividades previamente elaborado, as ações continuaram, mesmo que de forma remota. Conforme Chesini e Gilz (2019), a ação pastoral é a vivência da Boa Nova do Reino de Deus e que confere a essência da Educação Católica.

Nesse sentido, mesmo em períodos de crise, evidencia-se o papel da pastoral em disseminar o amor de Deus, sendo instrumentos de esperança, de paz e bem. Afinal, “evangelizamos também procurando enfrentar os diferentes desafios que nos podem apresentar” (EG, n. 61). Para tanto, neste artigo, evidencia-se alguns aspectos que contribuíram para a ação pastoral: o voluntariado on-line, a escuta ao outro e a Palavra de Deus, a empatia e a amizade.

2. O VOLUNTARIADO: UMA EXPERIÊNCIA NA MODALIDADE ON-LINE

Conforme Papa Francisco (2018, n.p), “a cultura da solidariedade e da gratuidade qualifica o voluntariado e contribui concretamente para a construção de uma sociedade fraterna, em cujo centro está a pessoa humana”. Pode-se dizer que o trabalho voluntário, além dos inúmeros benefícios para aqueles que o recebem, proporciona benefícios significativos para aqueles que o realizam. Um exemplo de voluntariado, neste período de pandemia, foram as parcerias firmadas com hospitais. Assim, atendendo a demanda das próprias organizações, o objetivo foi de transmitir mensagens de esperança, conforto e motivação para os profissionais da área da saúde que lidam diariamente com as mais diversas adversidades. Essa experiência reforça que “o bem tende sempre a comunicar-se” (EG, n. 9). As mensagens transmitidas procuraram proporcionar àquele que recebe o encontro com Jesus, sendo que, “com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG, n. 1). As mensagens foram transmitidas por meio de vídeos.

Trata-se de uma ação que mantém viva a solidariedade e a sensibilidade para com o outro. A “solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros” (FT, n. 115). Transmitir acolhimento e sentimento é possível mesmo de forma remota. Tal fato contribui para o papel que as universidades têm de criar um “âmbito privilegiado

para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo” (EG, n 134).

3. A ESCUTA DO OUTRO E DA PALAVRA DE DEUS

Um aspecto muito valorizado e cultivado nas ações da Pastoral Universitária é a escuta. E, diante do contexto vivenciado, essa prática foi ainda mais evidenciada. A partir da escuta, tem-se a acolhida e a empatia pelas dificuldades que o contexto presente tem ocasionado. A escuta oportuniza o reconhecimento do outro, compreendendo e valorizando a sua condição humana. Assim, há troca de experiências, de sentimentos e, por consequência, a criação de vínculos (PRESTRELO et al., 2016). Vínculos que geram amizade, trabalho em equipe, fortalecem e contribuem para a ação evangelizadora no âmbito universitário.

“ *A primeira sensibilidade ou atenção é à pessoa. Trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras. O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao outro. Não é questão de quantidade, mas de que o outro sinta que o meu tempo é dele: todo o tempo que precisar para me manifestar o que quer. Deve sentir que o escuto incondicionalmente, sem me ofender, escandalizar, aborrecer nem cansar (CV, n. 292). //*

Nesse aspecto, destaca-se também a escuta da Palavra de Deus. A Palavra de

Deus é a referência para essa prática da escuta e demais ações da Pastoral. Pois, tendo em vista a diversidade de questões que surgem, faz-se necessário ter uma fonte inspiradora como alicerce. Assim, conforme Chesini e Gilz (2019, p. 23), “a Palavra de Deus é fonte inspiradora da evangelização e é sempre necessário discernir a partir dela a vontade de Deus nos tempos atuais, nos propósitos institucionais, nos resultados a serem alcançados e no que fazemos cotidianamente”. A partir da Palavra de Deus é possível escutar e tomar as decisões mais assertivas para com o outro e com o todo.

4. A EMPATIA

A escuta do outro é, também, o exercício da empatia. A empatia pressupõe um movimento no qual o indivíduo, após identificar e vivenciar com o outro, seja sua dor ou sua alegria, é levado a ter uma atitude no intuito de apoiar e contribuir de alguma maneira na vida de outra pessoa (PERETTI, 2010).

A empatia é uma riqueza imprescindível e, no campo acadêmico, mostra-se ainda mais elementar, tendo em vista a diversidade de valores e crenças existentes. Essa diversidade é bela e demanda por respeito e convívio harmônico, visando sempre o bem-estar, felicidade e alegria tanto de si próprio quanto dos demais. Ainda, mostra-se “plena de possibilidades para a promoção da tolerância, do respeito mútuo e da fraternidade entre os diversos” (CHESINI e GILZ, 2019, p. 23). Valorizar e trabalhar a empatia, no contexto universitário, contribui para

formação integral e humana.

// *Uma educação humanizada, portanto, não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não pede simplesmente ao professor para ensinar e ao aluno para aprender, mas exorta cada um a viver, estudar e agir de acordo com as premissas do humanismo solidário; não prevê espaços de divisão e contraposição mas, pelo contrário, oferece lugares de encontro e debate para realizar projetos educativos válidos; trata-se de uma educação - ao mesmo tempo - sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 10). //*

A empatia é um processo pelo qual cada sujeito reconhece no outro um outro ser humano. Proporciona a compreensão de que o ser humano a sua frente é tão humano quanto a si e digno de afeto, compaixão e segurança. A empatia não se limita a sentir o que o outro sente, dado que não seria possível vivenciar o mesmo sentimento que o outro, porém a empa-

tia se manifesta como um subsídio eficaz que possibilita a desconstrução das barreiras da individualidade, que, por vezes, obstaculiza os indivíduos de enxergar os demais e suas necessidades (PERETTI, 2010). Desse modo, o exercício da empatia, favorece a solidariedade, a partilha, a comunhão e o convívio fraterno entre a comunidade acadêmica.

5. A AMIZADE

Souza e Huts (2008) afirmam que o indivíduo é um ser social e reforçam que a amizade é um relacionamento primordial para o desenvolvimento dos indivíduos. Desse modo, contribui não somente em seus aspectos biológicos, mas socialmente, psicologicamente e espiritualmente também. Nesse sentido, valorizar e cultivar a amizade em contexto universitário contribui significativamente para a formação humana e integral.

No ambiente acadêmico, boas amizades e interações positivas tem um grande potencial para transformar este meio e fazer as pessoas se sentirem queridas e estimadas. Para tanto, é necessário ter paciência e altruísmo, exigir menos números e preocupações triviais. Assim como, mais atenção para os sentimentos das pessoas, à medida que o essencial é sempre invisível aos olhos (SAINT-EXUPÉRY, 2016). A amizade exige tempo e um espaço que favoreça a virtude. É construída no decorrer da jornada acadêmica.

// *A amizade não é uma relação fugaz e passageira, mas estável, firme, fiel, que amadurece com o*

passar do tempo. É uma relação de afeto que nos faz sentir unidos e, ao mesmo tempo, é um amor generoso que nos leva a procurar o bem do amigo. Embora os amigos possam ser muito diferentes entre si, há sempre algumas coisas em comum que os leva a sentir-se próximos, e há uma intimidade que se partilha com sinceridade e confiança (CV, n. 152). //

Conforme Souza e Hutz (2008), a amizade é um relacionamento pessoal voluntário, livre de interesses egoístas, em que ambos estão felizes na companhia um do outro. Ainda, as relações saudáveis possibilitam a intimidade para expressar sentimentos, dedicação mútua, altruísmo e cuidado para com o outro. A amizade contribui para o aprimoramento do desempenho acadêmico, uma vez que os indivíduos desenvolvem um apoio mútuo e solidário entre si (SENA e SOUZA, 2010). Isto é, acabam se ajudando em períodos de avaliação, trabalhos em grupo e dificuldades em determinada disciplina. Trata-se de uma forma de expressar o amor pelo outro que supera estereótipos e julgamentos pré-concebidos. A amizade é permeada pelo amor, o qual entende-se que “o amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (FT, n. 94).

As ações voluntárias são uma das oportunidades para aprender novas aptidões, bem como criar vínculos com ou-

tros alunos, evidenciando os benefícios da amizade (LIMA e BARELI, 2011). Reforçando, dessa forma, que “a amizade é um presente da vida e um dom de Deus” (CV, n. 151).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho voluntário on-line, a escuta do outro e da Palavra de Deus, a empatia e a amizade são apenas alguns dos aspectos vivenciados, cultivados e disseminados pela Pastoral em contexto universitário. E, que estão sendo essenciais nesse período de isolamento social causado pela pandemia do COVID-19. No entanto, não se limita apenas a esses aspectos. Outras atividades também são realizadas e contribuem ainda mais com a formação humana e integral do ser humano e impactam diretamente a sociedade. A partir de momentos formativos, realizados por meio de vídeo chamadas, é possível refletir, dialogar e planejar formas de concretizar cada aspecto evidenciado e muitos outros. Assim, fica como recomendação para estudos futuros a perspectiva dessas outras atividades da Pastoral Universitária em contexto de uma Instituição de Ensino Superior Católica. Trata-se de uma riqueza e diversidade de ações. Essas que estão norteadas pelos eixos (espiritualidade, formação/reflexão e socioeducativo) propostos no Estudo 112 da CNBB (Conselho Nacional dos Bispos do Brasil), “Setor Universidades da Igreja no Brasil: Identidade e Missão” (2019). Assim como, com as “Linhas de Ação Pastoral da ANEC” (2019). Ainda, à luz do carisma franciscano.

REFERÊNCIAS

CHESINI, Cláudia; GILZ, Claudino (Organizadores). **Linhas de Ação Pastoral da ANEC**. Brasília: Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Setor Universidades da Igreja no Brasil**. Estudos da CNBB 112, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao Humanismo Solidário**. Roma: Vaticano, 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

FRANCISCO. **Exortação Apóstolica *Evangelii Gaudium***. Roma: Vaticano, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

_____. **Discurso del Santo Padre Francisco al centro de servicio para el voluntariado "cerdeña solidaria"**. Roma: Vaticano, 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2018/november/documents/papa-francesco_20181130_sardegna-solidale.html>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

_____. **Exortação Apóstolica Pós-sinodal *Christus Vivit***. Roma: Vaticano, 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

_____. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. Roma: Vaticano, 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

LIMA, Aldo José Fossa de Sousa; BARELI, Paulo. **A importância social do desenvolvimento do trabalho voluntário**. 2011. Disponível em: <www.eticaempresarial.com.br/imagens.../File/.../artigo_voluntariado.pdf>. Acesso em: 31 Out. 2020.

PERETTI, Clélia. Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 199-207, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

PRESTRELO, Eleonôra Torres et. al . "Ouvir é como a chuva" - **o apoio psicológico como parte da formação em psicologia**. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 11, n. 1, p. 86-99, jun. 2016 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Out 2020.

SAINT-EXUPÉRY, ANTOINE DE. **O pequeno príncipe**. Tradução: Angela das Neves. 1, ed. - Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2016.

SENA, Soraya da Silva; SOUZA, Luciana Karine de. Amizade, infância e TDAH. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 18-28, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 13, n. 2, p. 257-265, June 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Dez. 2020.

ARTIGO

ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA: CAMINHOS PARA REALMAR A ECONOMIA EM DEFESA DO BEM VIVER

Tania Cristina Teixeira, Emmanuele Araújo da Silveira
e Christian Rodrigues da Costa

RESUMO

Uma nova configuração e uma resignificação da Economia está sendo moldada em um contexto de extrema importância para as sociedades, nações e comunidades, onde temos assistido a destruição da vida e dos bens naturais – que são a essência e a dádiva da Casa Comum, em suas diferentes localidades. Penalizando e destruindo a fauna, a flora e provocando a mortandade de seres humanos e de outras espécies, a Economia atual tem se mostrado cada vez menos humanista. Além disso, a dureza dos tempos atuais, provocada pela pandemia da COVID-19 – que tem ceifado vidas, impedido a normalidade da vida cotidiana e do desenvolvimento social do trabalho –, vem privando uma parte significativa das populações de atuarem no meio social. Este processo nos obriga a repensar a organização sistêmica em que vivemos, encampada na geração da riqueza, onde, em contrapartida, verifica-se o empobrecimento geral das pessoas em situação de vulnerabilidade financeira e social – culminando na elevação da concentração de renda em âmbito nacional e, inclusive, mundial. Diante de tal problemática, o Papa Francisco faz, com a Economia de Francisco e Clara, um chamamento aos jovens que estão dispostos a repensar a Economia com propostas que entreguem mais justiça social, inclusão, democracia e participação.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Economia de Francisco e Clara. Igualdade. Bem comum.

TANIA CRISTINA TEIXEIRA

Doutora em Economia aplicada – Universidad de Valencia –Valencia, Espanha. Mestrado em Ciências Políticas – FAFICH - UFMG. Professora do Departamento de Economia – ICEG- PUCMINAS. Pesquisadora voluntária e extensionista da PROEX/PUCMINAS. Presidente do CORECON-MG.

EMMANUELE ARAÚJO DA SILVEIRA

Bacharel em Ciências Econômicas pela PUC Minas. Investigadora voluntária do Departamento de Ciências Econômicas da PUC Minas. Membro da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara.

CHRISTIAN RODRIGUES DA COSTA

Estudante de Ciências Econômicas na PUC Minas. Investigador voluntário do Departamento de Ciências Econômicas da PUC Minas – Brasil. Membro da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara.

Ainda há tempo, mas é preciso perguntar-se pelo sentido de nossas vidas para além do dominador e consumidor. Para tanto, será preciso um esforço gigantesco de conversão ética, mudando o modo de ser autocentrado, para um modo de ser aberto e solidário. (Baseado na Encíclica Laudato SI' - Sobre o Cuidado da Casa Comum - IV Capítulo - A justiça intergeracional)

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O alinhamento imediato das Ciências Econômicas às exigências de mercado foi objeto de questionamentos ao longo do século XX, e continua nos dias de hoje. Verifica-se que várias críticas foram realizadas no transcorrer das últimas décadas e se referem, por um lado, ao processo de produção e de distribuição da riqueza gerada – relacionadas ao bem-estar social – e, por outro, da desigualdade, da exclusão e do mal-estar de grande parte da população global. Outra vertente crítica que também merece destaque diz respeito ao meio ambiente, à necessidade de reduzir os impactos econômicos e da preservação da natureza.

Tal debate, travado no meio acadêmico e nas sociedades, obteve um forte impulso nos dois últimos anos com o lançamento de uma proposta que englobou as diversas matizes apresentadas – com o objetivo de superar os limites impostos por aquela pauta econômica extremamente limitadora.

Essa iniciativa, realizada pelo Papa Francisco, conclamou aos jovens – em âmbito planetário – que estivessem dispostos a contribuir com o realmar da Economia, para que criem meios efetivos para que a Economia mundial possa ser mais justa, inclusiva, democrática e participativa.

A essência desse chamado consiste em repensar o modo de produção, o pro-

cesso de distribuição das riquezas, a valorização da terra e dos bens, assim como a vida em sua expressão mais nobre, reconhecendo o direito de um *habitat* comum. Ademais, o cuidado e o amor, como elementos constitutivos de um novo modo vivente, colidiria de forma contundente com o atual modelo – que não vê a vida de todos os seres como centro das disputas econômicas, mas, sim, o lucro.

Esse modelo atual, não sustentável, submete-se a uma ordem cujo objetivo responde a outro ordenamento; o mercadológico. Neste, a despeito de todas as iniciativas divergentes, um determinismo enxorável, divinizado, idolatrado, e fundado em uma engrenagem econômica cujo objetivo maior é a geração de riqueza e o uso permanente de bens naturais e humanos, para fins de atender a insaciabilidade consumista ora engendrada.

Neste aspecto, a crítica do Papa Francisco foi contundente, uma vez desnudar a perversidade do sistema econômico atual, que coloca o dinheiro acima da vida – em sua mais triste face impulsionadora de desigualdades.

Destaca-se, também, a iniciativa dos precursores da Economia de Francisco e Clara, ao considerarem a importância da mulher e seu processo de participação na elaboração de uma agenda frutífera. A participação das mulheres, aqui, é somada às iniciativas que visam uma sociedade mais inclusiva – que não marginaliza e não desagrega. Com isso, re-

afirma-se a edificação de uma sociedade na qual os iguais, em suas diferenças, podem edificar a Casa Comum, a partir de uma relação igualitária, cujos preceitos não são estabelecidos pela relação competitiva, nem mercadológica.

Neste sentido, observa-se ser possível vislumbrar a emergência de “novas economias no século XXI, masculino e feminino [podem] caminhar lado a lado, ombreados, nem à frente nem atrás, mas de mãos dadas, como o ‘Irmão Sol’ e a ‘Irmã Lua’” (ABEF, 2019). Reafirma-se o compromisso e “trata-se de uma proposta na qual feminino e masculino caminham necessariamente lado a lado, sem primazia” (ABEF, 2019).

No cenário atual, a sociedade humana se depara com grandes desafios, constrangida pelos desastres ambientais sem precedentes, destruição, queimadas e pelos mais diversos tipos de misérrias e restrições. Além disso, as próprias desigualdades sociais, em suas mais diversas facetas (econômica, de gênero, educacional, racial), acabam por estimular a permanência do atual ciclo exploratório dinheiro-vida.

Neste contexto, podemos esperar outra realidade econômica, social, política cultural e espiritual? Em que bases? São questões que abordaremos a seguir. Discutir a Encíclica *Laudato Si'*, e sua relação com a Economia de Francisco e Clara, destacando as crises de cunho econômico e de valores. Em última análise, será demonstrada a necessidade

de se delinear uma outra economia, que discuta a Casa Comum e o direito de habitar com vida e abundância para todos. Em suma, como se verá, a análise do chamado do Papa Francisco, em confronto com problemas da contemporaneidade, leva a uma – das válidas – conclusão possível: é necessário que a economia do futuro coloque a vida acima do lucro, e não o inverso. O ciclo de exploração atual, pois, há de ser suplantado.

2. ENCÍCLICA *LAUDATO SI'* E A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Em 2015, na Carta Encíclica *Laudato Si'* “Sobre o Cuidado da Casa Comum”, o Santo Padre Francisco já sinalizava que uma proposta de correção das disfunções da economia mundial estava por vim: “O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite a ‘eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente’” (LS, 2015, n.6).

A Encíclica *Laudato Si'*, conclamou a todos a realmar a Economia, a partir das relações constitutivas da ecologia integral e de uma Educação voltada para o desenvolvimento de novos valores. Clamou, de forma imperiosa, a repensarmos valores e atitudes, consubstanciando a proposta de uma nova economia que leve em consideração que: “O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (LS, n. 2).

Alí, lançava bases para que repensássemos a forma como tratamos (exploramos) os bens naturais em um ciclo que – não deveria – mas somente gera mais desigualdades.

Com isso, em análise à ecologia integral, faz-se necessário rever a visão unívoca a respeito do que produzimos, como consumimos e como distribuimos as riquezas. A partir da reflexão da CNBB sobre a encíclica, averigua-se que “o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional” (CNBB, 2017). Noutras palavras, a Economia atual leva à conclusão de um pensamento único, no sentido de que tudo pode ser coisificado, como os bens naturais e até mesmo a própria vida – em todos os aspectos.

Para superar tal problemática que o Papa Francisco, pela Encíclica *Laudato Si'*, fez um convite aos jovens para atuarem como protagonistas na construção de uma “outra Economia”. A mesma – ao contrário da atual –, visaria o trato dos bens naturais com maior responsabilidade social, bem como a inversão de prioridades, em um contexto no qual o lucro não se sobreporia à vida. Esclarecendo a Economia de Francisco e Clara, o Papa Francisco estabelece:

// *Escrevo-vos a fim de vos convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a*

estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã. (Carta Papa, 2019). //

Pois bem. A Economia de Francisco e Clara nos permite realizar uma reflexão sobre a tecnificação, a coisificação da(s) vida(s) e o consumismo desenfreado, que ao mesmo tempo é dínamo e morte do futuro. Isto, pois o uso inadequado de bens, a reprodução das desigualdades e o empobrecimento patente de grande parte da população (em escala global), não permite que concluíssemos por horizontes mais otimistas.

Neste sentido, o atual contexto exige uma análise mais pormenorizada, e que nos permita “[...] não somente ficar nos sintomas, mas avançar até as causas mais profundas da crise ecológica. E as causas, diz o Papa, límpido e claro, são de dupla natureza, mesmo que conectadas: o paradigma tecnocrático dominante (sistema capitalismo) e o antropocentrismo” (ZAMPIERI, 2016, p. 11).

Zampieri (2016) introduziu outro ponto de vital relevância: a Economia, a Política e o Ambiente devem manter um franco diálogo para a plenitude humana:

// [...] o bem comum e a qualidade de vida são o parâmetro para se avaliar a política e a economia, diz o Papa. Bens ambientais são aqueles em que o mercado não é naturalmente um bom cuidador e protetor. É mais fácil o mercado especular, e os bancos são os mais cruéis nisso, ao invés de realmente proteger o que é de todos. O capital especulativo tem sido desastroso para a humanidade, crise após crise, o que temos é mais desregulamentação e mais facilidade de ação impune. É preciso um freio no conceito de progresso infinito e na especulação onde dinheiro gera dinheiro sobre a morte dos mais fracos. É preciso dar um basta à ideia de que é possível crescer infinitamente de forma sustentável. Isso é falácia que não se sustenta (ZAMPIERI, 2016, p.16). //

Souza (2019), com as contribuições de Zampieri (2016), ressaltou que a composição da Economia de Francisco e Clara poderia ser analisada nas seguintes faces: 1) Renda básica; 2) Economia Solidária 3) Orçamento participativo; 4) Dimensão da espiritualidade; 5) Os aspectos ambientais e a sustentabilidade; e 6) Mercado inclusivo. Estes são os pilares iniciais para a consolidação efetiva da Economia de Francisco e Clara em diversos países, discutidos e delineados com a finalidade de sustentar um novo modelo econômico, que seria capaz de estabelecer uma agenda para o bem comum.

Por todo este contexto, o grande desafio posto nos exige rever tanto o conceito como o modus operandi do sistema econômico e social atual. Atualmente, tem-se reproduzido relações sociais, econômicas e culturais que vão de encontro a uma perspectiva que nem sempre favorece as sociedades mais pobres, prejudicando-se o bem-estar e a qualidade de vida dos povos.

Por sua vez, a Economia de Francisco e de Clara, com enfoque no bem-viver, permite-nos almejar uma mudança estrutural permeada pela construção de um modo de produção solidário, e que não seja apenas uma franja de acomodação das famílias empobrecidas e despossuídas.

Assim, uma vez que a proposta do Papa Francisco coloca em xeque o formato atual, e propõe uma economia mais humanista (de: lucro > vida; para: vida > lucro)¹, faz-se necessário demonstrar alguns problemas da contemporaneidade, e como a proposta da Economia de Francisco e Clara pode ajudar a superar tais problemáticas.

3. OS PROBLEMAS DA ECONOMIA NA CONTEMPORANEIDADE

Uma primeira questão a ser menciona-

da se refere ao crescimento vertiginoso do desemprego – em função do processo de substituição decorrente da humanidade pela tecnologia. Tal problema resulta em franca redução de postos de trabalho de qualidade e amplia o número de famílias desprotegidas, desamparadas e sem recursos. Uma alternativa para contornar essa situação seria a inserção de tais famílias na economia informal e, sobretudo, em atividades onde não se vislumbra, em um futuro próximo, a substituição das tarefas por avanços tecnológicos diversos.

Outro fator a ser considerado se trata da falta de investimentos na pequena e na média empresa. Tais instituições são, mesmo, geradoras de produtos destinados ao mercado interno e externo, responsável pela contratação de grande parte dos trabalhadores em nossa Economia. Ademais, os avanços tecnológicos tendem a ser concentrados em grandes empresas/indústrias, colocando as pequenas atividades à margem dos desenvolvimentos tecnológicos, em um contexto de redução de competitividade e precarização de suas atividades. Observa-se que economias com maior atenção aos interesses dos empreendedores, por meio de políticas de inovação, formação e capacitação, reduzem,

1 E, aqui, a vida deve ser entendida em seu sentido mais amplo, apto a incorporar os mandamentos da natureza em sua plenitude (seres vivos, recursos minerais, ecológicos, aquíferos, dentre outros), e não somente em seu aspecto que desdobre e reconheça somente a vida humana. Melhor dizendo, reconhecer a vida humana sem que se respeite todo o contexto natural que o permeia é, em igual sentido, tão destrutivo quanto o é a atual estrutura econômica.

de forma significativa, a precariedade das famílias e da falência de empresas de médio e pequeno porte, dando maior sustentabilidade aos pequenos negócios. Neste quadro, o estímulo à Economia Social e ao cooperativismo, como instrumento de fomento às iniciativas de produção, comercialização e de oferta de serviços, com vistas à repartição da renda e dividendos, enquadra-se à proposta do Papa Francisco.

Nesta linha, a organização das cooperativas sociais serve não apenas como forma de proteção ao desemprego, à fome, e aos avanços tecnológicos centrados nas grandes empresas, mas, sim, como defesa face à organização das grandes instituições. Nogueira e Favoreto (2019) afirmam que

“ a nova arquitetura do poder é engendrada em função de redes corporativas. Convenientemente, as corporações se articulam de modo cada vez mais intenso. A concorrência estabelecida entre competidores difusos tem cedido lugar às associações interfirmas, do que derivam gigantes empresariais. Oligopolizada, a economia passa a girar, prevalentemente, em torno de corporações cuja força se tornou desmesurada (NOGUEIRA & FAVORETO, 2019, p. 1). ”

Em seguida, veja que a capacidade reduzida e a fragilidade dos Estados nacionais em influenciar e regulamentar

a atividades dos pequenos produtores, cooperados e empresários. Este seria um dos agravantes para o crescimento das desigualdades sociais em grande escala e o recrudescimento da pobreza e da marginalização de parte da população que habita a Terra. Com Dowbor (2017, p. 142), verifica-se que a concentração de avanços tecnológicos, bem como recursos naturais em grandes instituições, somente acarreta no “fenômeno da apropriação do recurso público pelos mais ricos [...] e a transferência massiva de recursos públicos para grupos financeiros privados”.

O empobrecimento das nações e o enriquecimento de grupos e das corporações podem propiciar e promover muitas assimetrias em um mercado imperfeito, acarretando grandes disparidades em âmbito mundial. Tal contexto contribui, em verdade, para a queda da qualidade de vida e redução dos indicadores de desenvolvimento humano.

Piketty (2014) já alertava sobre o crescimento das desigualdades entre nações. Para o autor, dois pontos são principais para o crescimento das desigualdades: 1) a concentração da capacidade produtiva em grandes empresas; 2) baixa regulamentação/contribuição estatais para estimular a produção dos pequenos e médios produtores:

“ [...] enfrentamento do capitalismo patrimonial globalizado do século XXI. Os mecanismos de mercado instituídos, ao invés de equilíbrio,

têm fabricado desigualdade, e o enriquecimento está cada vez menos associado à contribuição produtiva. Daí a necessidade de uma intervenção institucional (PIKETTY in NOGUEIRA & FAVORITO, 2019, p.1). //

Os referidos entraves, mencionados acima, ainda são constantemente impulsionados pelos processos de desindustrialização e deslocalização das empresas em países em desenvolvimento, elevando o desemprego ou, mesmo, a existência de trabalhos precários. É, mesmo, a concentração do capital e dos meios de produção em países desenvolvidos, mas à custa daqueles menos desenvolvidos.

Nos últimos dois anos, marcados pelo processo pandêmico, assistimos o desmoronar de diversas economias e a necessidade premente da entrada do setor governamental para criar condições mínimas para as pessoas e pequenas/médias empresas. É neste cenário que podemos repensar o paradigma norteador deste sistema econômico que, por séculos, tem apresentado suas mazelas, seus desequilíbrios e suas fragilidades. É neste cenário pandêmico e adverso que o campo para uma Economia mais humanista, fraterna e menos desigual se coloca à disposição:

// *[...] medidas que levem ao real equilíbrio entre mercado e Estado, bem como a disseminação e o fortalecimento dos 'implantes socialistas'. A crise pandêmica*

significa também oportunidade para a busca concreta de uma sociedade pautada por outros parâmetros morais, culturais, políticos e econômicos. Tal economia nova, necessariamente não tem caráter exclusivo materialista, ou seja, contempla efetivamente a dimensão da espiritualidade. Isto porque nós nos alimentamos e fazemos uso também de bens que não podem ser comprados e que devem circular amplamente, conforme apontaram, há oito séculos, Clara e Francisco de Assis: como dádivas da criação divina (SOUZA, 2019, p. 9). //

Logicamente, a implantação de uma Economia capaz de dar sustentação às gerações futuras requer mais que a repetição ou a manutenção dos – incorretos – arranjos e combinações vigentes, tais como: a redução de custos na produção de bens e serviços a serem ofertados; a queda do poder de compra dos salários; a elevação dos tributos daqueles que têm menor renda; a privatização dos serviços essenciais; e o uso da máquina pública para fins privados.

Estes são alguns entraves para a emergência de um *habitat* favorável ao bem comum. São destrutores do direito ao bem-viver, e construtores da concentração de recursos e riquezas. Portanto, em âmbito global, as sociedades necessitam repensar o *modus operandi* de produzir, distribuir, consumir, gastar, custear, planejar e projetar o futuro.

Assim, a Economia de Francisco e Clara é um caminho a ser percorrido, na adversidade, e na contramão da barbárie. A valorização da vida sobre o lucro, sobre a concentração de riquezas e às inúmeras desigualdades, parece guardar um horizonte, mesmo longínquo de ser superado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o maior desafio posto é o de realmar a Economia, requerendo mudanças estruturais sistêmicas; efetivas. Todavia, sem mudar os valores que contrariam o pensar no bem e na Casa Comum, não se propiciará o transbordamento da vida nem se criará o espaço efetivo de “outra Economia”, solidária, e da comunhão de Francisco e Clara.

A efetividade desta construção da Eco-

nomia de Francisco e Clara não requer somente da elaboração de uma nova teoria relativa às forças de mercado, da organização industrial em vigor, do desenvolvimento das novas tecnologias da Comunicação e da Informação ou da verticalização das corporações. Este é o cenário que a realidade nos apresenta, somado à financeirização crescente do sistema em larga escala.

O chamado do Papa Francisco exige que tenhamos a condição de desenvolver e implementar grandes mudanças estruturais, resultantes da emergência de valores que sejam compatíveis com o desenvolvimento humano, com o desenvolvimento das capacidades construtoras de uma nova Economia que não suprima a vida, e sim, com ela dialogue.

REFERÊNCIAS

ABEF. **Carta de Clara e Francisco**. São Paulo, 2019, 14p. Disponível em: <<https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Carta-de-Clara-e-Francisco-Final.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BOFF, LEONARDO. **“Rumo a Assis: na direção da Economia de Francisco”**. 14 nov. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604646-a-fratelli-tutti-um-novo-paradigma-de-sociedade-mundial-de-senhor-dominus-a-irmao-frater-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CNBB. **Sete Conceitos e ideias centrais da encíclica *Laudato Si'*** – Sobre o cuidado da casa comum. Brasília, CNBB, 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/sete-conceitos-e-ideias-centrais-da-enciclica-laudato-si-sobre-o-cuidado-da-casa-comum>>. Acesso em: 17 set. 2020

DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo** – a nova arquitetura do poder: domi-

nação financeira, seqüestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

_____. **Democracia Econômica: alternativas de gestão social**. 2 edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo, Paulinas, 2015.

_____. **Carta do Papa Francisco para o evento "Economy of Francesco"**. Assis: Vaticano, 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GAIGER, Luiz Ignácio. Os caminhos da economia solidária no Rio Grande do Sul. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo, Contexto, 2000.

NOGUEIRA, A.J.M, FAVORETO, R.L. Capitalismo improdutivo: um infortúnio que associa a economia brasileira. **Cad. CRH**, vol.32 n.85 Salvador Jan./Apr. 2019. Epub June 03, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100209> Acesso: 10 fev. 2021.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

SOUZA, André Ricardo de. Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 1, jan.- abril 2020, pp. 367-377.

TEIXEIRA, J.R. O pensamento Descolinial no questionamento à ordem internacional: Contraponto ao discurso hegemônico das relações internacionais. **Anais do II Seminário Internacional Pós-Colonialismo, Pensamento Descolonial**, Unisinos, Brasil, abr. 2018.

TEIXEIRA, Tania.C. **Condicionantes de los Procesos de Flexibilización y Precarización en el contexto de la Globalización. Un Estudio Comparativo del sector de las nuevas tecnologías de la información y de la comunicación en España y Brasil**. Tesis doctoral. Dep. de Ciencias Económicas- Economía aplicada de La Universidad de Valencia- España. 2014.

ZAMPIERI, G. Laudato Si': Sobre o cuidado da Casa Comum. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 4-23, jan.-jun. 2016.

ARTIGO

O CONTEXTO SOCIAL DO SUJEITO, A SUA RELAÇÃO COM O DIVINO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM MADAME BOVARY, DE FLAUBERT (I)

Ir. Joanire de Souza Pinto e Edilaine Vieira Lopes

RESUMO

O artigo teórico aborda a experiência religiosa do sujeito e a sua relação com o divino, com base em algumas evidências do fenômeno religioso e da sua complexidade na constituição dos sentidos da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. A análise foi realizada com o intuito de trazer um novo olhar, ou novas reflexões, que ampliassem a discussão sobre a influência e a importância da vivência religiosa na vida do sujeito, a partir do contexto social em que ele vive, ao estabelecer a sua relação com o sagrado e com o profano. Assim, analisou-se o movimento das ações da protagonista Emma, sobre o eixo de sua realidade religiosa, sob a qual se sucede uma série de atitudes ditas sagradas ou profanas. Nesse sentido, busca-se compreender essas manifestações, de modo especial, o que acontece nessa fase do realismo, quando o ser humano procura apoio em diferentes sacralidades ou diferentes arranjos simbólicos e, de outro lado, também, acontece um repúdio ao que se tem por sagrado. A pesquisa, de cunho bibliográfico, valeu-se de estudos do filósofo Gilles Lipovetsky (2005) e de outros que ampliam a crítica social e contextualizam a experiência do sujeito que vive, ou deseja viver, em um mundo des-sacralizado. Quanto aos resultados, vale ressaltar que esta parte 1 aborda a forte influência da Igreja na prescrição das práticas religiosas, como também na posição do papel da mulher na sociedade desta época e constata-se que as atitudes de Emma Bovary trazem consigo valores, vivências e experiências religiosas. Aqui não cabem julgamentos, apenas uma leve descrição, na tentativa de entender melhor esses processos. Propõe-se, futuramente, ampliar a discussão análoga em artigo posterior, para finalizar as amarras que este trabalho de pesquisa inicia aqui.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência religiosa. Romance. Dessacralização. Fato religioso.

IR. JOANIRE DE SOUZA PINTO

Educadora Social no Centro Social Madre Regina (em Novo Hamburgo, RS), vinculado à Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Formanda em Letras pela Universidade FEEVALE

CONTATO: joanirejo@gmail.com

EDILAINE VIEIRA LOPES

Professora e Pesquisadora. Doutora em Letras, com Estágio Pós-Doutoral em Indústria Criativa

CONTATO: edilaine.nh@gmail.com

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, do Papa Francisco, direcionada aos jovens e a todo povo de Deus, é falado sobre a importância das instituições educativas, sendo lançado o desafio de que sejam espaços a oferecer aos jovens um espaço de aproximação. Assim, pressupõe-se que as experiências religiosas e morais propostas podem preparar o indivíduo para confrontar-se com o mundo que o ridiculariza. “Na verdade, uma das maiores alegrias de um educador acontece quando vê um aluno torna-se pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de doar” (CV, n. 221).

Partindo dessa ideia, surgiu o desejo de chegar aos jovens universitários, por meio do tema abordado na análise do Romance da Madame Bovary, pois conforme a citação do documento: “A Escola Católica continua a ser essencial como espaço de evangelização dos jovens”

(CV, n. 222). Logo, falar da experiência religiosa, da sua relação com o sagado e o profano como espaço cultural, é algo também possível quando se faz uso dos recursos da literatura.

No discurso do Papa Francisco com os alunos e com o mundo acadêmico, na Praça San Domenico, em Bolonha (1º de outubro de 2017), foi mencionado aos estudantes que “hoje em dia, acima de tudo, o direito à cultura significa proteger a sabedoria, isto é, um saber humano e que humaniza. Deve-se reivindicar o direito a que não prevaleçam as muitas sereias que hoje distraem dessa busca” (CV, n. 223).

E, assim, a finalização lembra a todos que Ulyses, para não ceder ao canto das sereias, que seduziam os marinheiros e os faziam se espatifar contra as rochas, amarrou-se ao mastro do navio e cobriu os ouvidos de seus companheiros de viagem. Por outro lado, Orfeu,

para contrastar a música das sereias, fez outra coisa e entoou uma melodia mais bonita, que encantou as sereias. Eis a tarefa aqui, de responder aos desafios da sociedade de forma dinâmica, por meio de pesquisa, de conhecimento e de partilha. Ainda que em uma publicação de cunho Pastoral, nunca se perde de vista a dimensão ser humano e as aprendizagens evolutivas possíveis junto à arte, no caso a literária. Então, eis o que Madame Bovary pode trazer à tona, de modo que Gustave Flaubert permita tais discussões, mesmo em meio à pandemia. Segue, assim, a parte 1 desta partilha em forma de pesquisa e artigo teórico literário.

1.1 A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO NO ROMANCE, MADAME BOVARY

Madame Bovary é um romance de Gustave Flaubert, considerado um dos primeiros realistas, que se tornou importante e reconhecido por sua originalidade. Dele derivou o termo "bovarismo" na Psicologia, em referência às características da protagonista, que se dá a conhecer diante de um ato misterioso: a manifestação de algo "de ordem diferente" – de uma realidade que não pertence a seu mundo – desejo do sagrado e por objetos que fazem parte do mundo "natural" e "profano". Embora a obra já tenha sido muito estudada e analisada em vários aspectos, principalmente no âmbito dos sentimentos e do comportamento psicológico da protagonista, Ema, surge o desejo de lan-

çar um olhar diferente sobre o texto e analisar a representação do sagrado e do profano desde o ponto de vista de sua representação na literatura até a compreensão da experiência humana do divino, com base nos fundamentos de uma Antropologia religiosa.

O sagrado pode ser entendido como algo detentor de certa força que foge à razão humana e evoca a um Deus. Contudo, existem diferentes interpretações do sagrado em diferentes povos e culturas. Alguns autores recorrem à fenomenologia da religião e destacam a noção de santo e sagrado em lugar da ideia de Deus, como noção básica do pensamento religioso.

O profano dá-se em oposição a esses conceitos, sendo remetido à esfera do mal, do impuro na medida em que o homem pratica as transgressões divinas sem pudor algum. Assim, objetiva-se, aqui, a análise, ainda que breve, de algumas evidências do fenômeno do sagrado e o profano na constituição dos sentidos da obra, analisando o movimento das ações da protagonista Emma, sob o eixo de sua realidade religiosa, pela qual se sucede uma série de atitudes ditas sagradas ou profanas.

Nesse sentido, busca-se compreender essas manifestações, de modo especial, o que acontece nessa fase do realismo, quando o ser humano procura apoio em diferentes sacralidades ou diferentes arranjos simbólicos, enquanto acontece um repúdio ao que se tem por sagrado.

Compreender o universo espiritual do homem é buscar o conhecimento geral do homem, como se observa dentro das narrativas das civilizações.

De que maneira a relação entre o sagrado e o profano se evidencia e institui significados na obra escolhida, partindo das seguintes hipóteses: o romance evidencia a oposição entre o sagrado e o profano; a protagonista, “mulher de prática religiosa”, esforça-se por manter-se o máximo de tempo possível em um universo sagrado como apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive ou deseja viver em um mundo dessacralizado; a protagonista toma conhecimento do profano porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do sagrado.

Aqui, não se busca uma aplicabilidade prática, uma vez que se pretende explicar a questão do sagrado e do profano no romance escolhido, lançando um olhar diverso no que diz respeito à concepção conceitual do sagrado e profano. Pretende-se realizar um breve esboço do contexto histórico para auxiliar o entendimento e abordar alguns aspectos do momento histórico da França no século XIX, do Realismo, do autor e da obra, com o objetivo de verificar os sentidos instituídos na narrativa.

2. O MOMENTO HISTÓRICO

Para compreender o contexto em que este romance foi publicado, inicialmen-

te, revisitaremos alguns aspectos da história da França, no século XIX. Sabe-se que os escritores e artistas franceses do século XIX tiveram participação e demonstraram posicionamentos ideológicos variados que permearam suas concepções estéticas na Literatura e nas Artes.

Em princípio, situamo-nos no contexto histórico em que o autor da obra viveu. Período conturbado e transitório, pois a França havia passado por revoluções, que trouxeram um impacto considerável no modo de vida das pessoas.

A Revolução Francesa foi tradução de mudanças na realidade social e política, após a revolução industrial que teve início na Inglaterra. Essas transformações foram cruciais para a destruição do modelo econômico feudal e forneceu lugar ao modelo de organização técnica. Mesmo com modificações econômicas e sociais, a França era a nação mais rica e populosa da Europa.

As sucessivas revoluções que ocorreram depois emolduraram o contexto econômico e social em que o romance *Madame Bovary* foi escrito. O primeiro presidente eleito foi Luís Bonaparte, sobrinho do imperador Napoleão Bonaparte. Antes do final de seu mandato, em 1851, Luís Bonaparte deu um golpe de estado e implantou o Segundo Império.

As revoluções foram lideradas por uma mistura de reformadores, de membros da classe média e de trabalhadores, que

não se mantiveram unidos por muito tempo, o que modificou intensamente os ideais da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Vale lembrar que, mesmo que o clero e a realeza tivessem a maior riqueza, quem adquiriu as propriedades dos meios de produção e possuía a mão de obra técnica e artesanal que movimentava o mercado era a burguesia, classe social que não existia anteriormente.

Foi nesse período que surgiu essa nova classe mediana, intermediária, nem rica demais nem pobre demais e, no século XIX, ela se consolidou. Os burgueses, que antes não tinham acesso à corte, adequaram-se ou, ao menos tentaram se adequar, aos costumes e hábitos da alta classe social.

Assim, a Revolução Francesa trouxe consequências e impactos na vida do sujeito do século XIX e fez sentir seus ecos na expressão da alma do tempo. Atormentados, os escritores do início do século XIX derramam, incessantemente, sua subjetividade ferida, que se caracteriza por uma doença da sensibilidade e da vontade.

Esses corações dispostos a se queixarem veem a humanidade moderna como uma humanidade envelhecida. No término de quarenta séculos de civilização, o fim das certezas cristãs e filosóficas provoca a desorientação, o individualismo e o distanciamento do sujeito de seus valores e de suas crenças.

Nessa ordem, podemos recuperar as ideias do filósofo Gilles Lipovetsky (2005), quando apresenta um conjunto de reflexões que atestam que os valores e as crenças de um povo não desaparecem ao longo da história, mas transformam-se.

Para o autor, o pensamento político moderno não está totalmente estruturado em torno do "realismo". A promoção dos direitos naturais caminhava junto com o empenho moralizador e os deveres políticos, desde a metade do século XVIII, do qual já vem se inserindo a luta das virtudes contra os vícios, os conceitos de fidelidade, de pureza, no intuito de edificar a ordem política.

É nesse contexto de oposição que acontece a construção de um mundo moderno e autônomo, isto é, emancipado pelo poder religioso. Em outros termos, a religião do dever desenvolveu-se à maneira de um dever sem religião. E surge uma nova autonomia pós-teológica.

A moral não é mais uma prescrição que vem de fora, mas algo que provém exclusivamente do solo profano, o que se pretende evidenciar e ilustrar por meio da figuração e de virtudes da protagonista Emma, pela análise do romance. Em meio ao pensamento e às práticas até então consideradas modernas, vale salientar que embora "Voltaire e Rousseau critiquem a ideia de inferno e punição eterna, desvinculando-as dos dogmas da Igreja, a linha de pensamento deísta permanecerá fiel ao imperativo

de um *Deus que premia e castiga*, conceito indispensável para obrigar os homens a honrarem seus deveres” (LIPOVESTSKY, 2005, p.10).

Lipovestsky (2005) menciona, ainda, que a prática da confissão, durante o século XIX, torna-se uma prática generalizada e, apesar de os meninos, em grande número, terem adquirido o hábito de afastar-se dos sacramentos após a primeira comunhão, o mesmo não acontece com as meninas.

Partindo desses pressupostos históricos mencionados, percebe-se que a narrativa do romance *Madame Bovary*, contribui significativamente para uma revolução comportamental e ideológica do sujeito que vive na sociedade francesa do século XIX.

A personagem Emma busca viver sua autonomia no mundo profano. No entanto, não se distancia da sacralidade dos sacramentos, o que, certamente, é para ela, enquanto sujeito social, um valor, uma virtude vinculada à moral cristã ou evidência da importância da experiência religiosa que tivera, o que pode elucidar também a importância do fato religioso na vida da sociedade moderna.

A crença religiosa seria o reflexo do fato de pertença a uma sociedade organizada. Não é o conteúdo da fé ou a intimidade de consciência pessoal que é mais importante, mas o fato religioso enquanto fenômeno religioso que influencia diretamente o comportamento dos indivíduos

em sociedade. A fé é ensinada, recebida, vivida em uma Igreja e expressa em um culto celebrado publicamente.

No entanto, na Europa, sob o Antigo Regime, as duas sociedades eram tão ligadas que suas relações afetavam o todo da vida social. A Revolução Francesa foi a primeira a transcrever as reivindicações do espírito filosófico. E, na falta de poder “revolucionar” a antiga religião católica, cria-se uma religião revolucionária.

3. O REALISMO, O AUTOR E A OBRA

Gustave Flaubert nasceu em 12 de dezembro de 1821, na cidade de Rouen, na França; e morreu no dia 8 de maio de 1880. O movimento denominado Realismo, estética do século XIX, teve seu início na França, fato que se atribui à ousadia de Flaubert ao publicar *Madame Bovary*. O que o fez ser considerado por muitos como pai do Realismo, que, abandonando o idealismo romântico, propôs uma representação mais objetiva e fiel da vida social, como também elevou a Literatura, não apenas como forma de entretenimento, mas, como instrumento de denúncias dos vícios e da corrupção da sociedade burguesa.

Denuncia também as péssimas condições de vida do povo, a exploração dos operários e a influência da prática religiosa. No decorrer das páginas da narrativa, percebe-se que o autor vai desenhando aos poucos a descaracterização da estética do Romantismo, ao diferenciar a personagem protagonista

da idealizada mulher romântica, embora a personagem tenha traços românticos. No início da obra, Emma ainda sonha com o grande amor idealizado pelos enredos românticos, típico de uma jovem francesa burguesa, aos poucos, ela descobre que vive uma vida que não a satisfaz. Assim, o autor, por meio do personagem Emma Bovary, em um primeiro momento, já antecipa alguns questionamentos sobre a condição da mulher em sociedade, posicionando Emma em dissonância com o que se esperava da mulher de sua época.

É preciso considerar que, no século XIX, o papel da mulher é definido em parte pela Igreja, mas, principalmente, pela cultura e tradição, as quais criaram e definiram um parâmetro de mulher que, por natureza, era inferior em sua condição física, devendo ficar reservada somente à função de procriação e aos afazeres domésticos.

Muitas vezes, não podia estudar, e quando isso era possibilitado, sua educação se resumia às primeiras letras. No padrão europeu, a mulher não deveria andar desacompanhada pelas ruas e deveria casar-se muito cedo para adquirir experiência matrimonial.

Se considerarmos a forte influência da Igreja na decisão do papel da mulher na sociedade dessa época, constata-se que as atitudes de Emma Bovary trazem consigo valores e vivências religiosas que a fazem transitar entre o espaço sagrado e o profano, muitas vezes,

como uma oposição entre o real e irreal ou pseudoreal, constituindo, assim, a dessacralização de sua consciência virtuosa, movida pelo sonho da busca de felicidade.

Em princípio, o gênero literário realista choca a sociedade do século XIX, com a protagonista Emma Bovary, mulher burguesa de grandes sonhos e ambições, criada no campo. Ela casa-se com o médico aldeão, Charles Bovary, com quem tem uma filha, mas se mostra infeliz no casamento, sentindo-se presa e, na busca pela liberdade e felicidade, passa a ter atitudes e pensamentos que atacam os principais valores da época.

Vários escritores compreenderam que o romance francês do século XIX tinha em Flaubert o seu mestre. No entanto, para a classe mais conservadora, o romance não obteve a mesma compreensão e escandalizaram-se com a obra. Em 1857, Flaubert sofreu um processo no tribunal de Paris por ofender à moral pública e religiosa.

4. ALGUNS ECOS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

No intento de ampliar o debate sobre a personagem Emma, que não consegue romper com os laços que a prendem, mas que insiste em sonhar a respeito do mundo que a cerca, esta apresentação inicial trouxe alguns elementos para contextualizar o período histórico que caracterizou a época e o estilo do autor, da obra e da sociedade.

Assim, pretende-se descrever, no próximo texto, as realidades do sagrado e profano, a fim de dialogar com as experiências religiosas até então presentes na história de vida da protagonista e, assim, analisar as evidências do fenômeno do sagrado em sua complexidade e o profano e seu papel na constituição dos sentidos na narrativa.

Dada a quantidade de análises que podem ser feitas na obra *Madame Bovary*, desde a personagem Emma, permanece a ideia de que a temática nunca será esgotada. A personagem e suas angústias, suas pretensões de liberdade, felicidade e transição entre o tempo profano e sagrado, por meio de Gustave Flaubert, transmitiram perfeitamente o sujeito que busca fazer-se a si próprio e este só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo.

Não porque a indústria era incompatível com a religião ou porque a cidade fosse mais imoral, como erradamente possa ter sido imaginado, mas porque essas realidades concretas modificaram seu comportamento. É apenas pela pressuposição da existência de Deus que o sujeito conquista a liberdade (que lhe

proporciona autonomia em um Universo governado por leis, ou, em outras palavras, a "inauguração" de um modo de ser que é novo e único no Universo) e, por outro lado, a certeza de que as tragédias históricas têm um significado trans-histórico, mesmo que esse significado nem sempre seja visível para a humanidade em sua condição presente.

Como visto, o filósofo Gilles Lipovetsky (2005) afirma que os valores e as crenças de um povo não desaparecem ao longo da história, transformam-se. Situando-nos no contexto do século XIX, poderíamos dizer que o pensamento religioso e o socialista parecem indicar um homem insuficiente, um sujeito que é fruto de forças maiores do que ele ou anteriores a ele. E os liberais parecem acreditar em um homem poderoso que decide e faz o que deseja.

Será que todos nós somos e temos um pouco de Emma Bovary e de sujeitos históricos? Esta análise deixaremos para uma publicação futura (no próximo artigo, que já está sendo elaborado para publicação na edição seguinte desta revista). Como provocação, enquanto isso, sugere-se a leitura (ou a releitura) de *Madame Bovary* e de Lipovetsky.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 4.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução: Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit**: aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2005.

MESLIN Michel. **A experiência humana do divino**. Fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis: Vozes, 1992.

RÉMOND, René. **O Século XIX**: 1815 –1914. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

Nota das autoras: por entender a profundidade teórica abarcada na obra de Lipovetsky, pretendeu-se estabelecer o link entre as propostas sociais trabalhadas pelas escolas de educação básica e pelas universidades católicas do país, conforme os demais artigos e relatos de experiência constituintes desta edição. Sabe-se que, aqui, no presente estudo referido, não houve um relato propriamente dito, acerca de alguma aplicação social in loco. No entanto, entende-se que a obra referida apresenta elementos que abordam o ser humano, na mesma linha que tais projetos já destacados e referidos aqui. Não se tratam apenas de campanhas de arrecadação e de projetos sociais imediatistas, mas de propostas que promovem reflexões e instauram efetivas mudanças na vida dos sujeitos, dotados de vida e de história. Acredita-se que a literatura também, de alguma forma, possa trazer essa composição, por meio da arte e da verossimilhança. Logo, este estudo teórico literário vai na linha do ensaio acadêmico, devido a este convite (inicialmente feito pelo orientador Daniel Conte, da Universidade Feevale) à reflexão e ao aprofundamento, sobretudo com relação ao imediatismo e ao efêmero, tão comuns, infelizmente, na sociedade do consumo em meio aos tempos líquidos e híbridos em que vivemos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O CONHECIMENTO TRANSCENDE A ESCOLA: A DIMENSÃO SOCIAL DO CURRÍCULO NA REDE SANTA PAULINA

Altair Antonio Claro, Sinésio Fernandes e Maycon Fritzen

ALTAIR ANTONIO CLARO

Vice-Diretor do Colégio São José – Itajaí/SC.

SINÉSIO FERNANDES

Vice-Diretor do Colégio São José – Itajaí/SC.

MAYCON FRITZEN

Professor de Geografia e Itinerário Formativo do Ensino Médio.

O Colégio São José, da Rede Santa Paulina, situado na cidade de Itajaí (SC), está celebrando 80 anos. A comunidade está em festa, louvando e agradecendo a Deus pela linda história na área da Educação, construída pelas religiosas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (CIIC) e por muitos colaboradores. São oito décadas reafirmando **“sua identidade e missão de educar com amor a serviço da vida”**, como fez sua fundadora, Santa Paulina, cujo carisma inspira e norteia as ações educativas.

O Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP) da escola, em sintonia com toda a Rede Santa Paulina, tem como funda-

mento a pedagogia de Jesus – pedagogia do amor traduzida em processo de ensino-aprendizagem. Sinteticamente, tendo como base o texto do Evangelho de Lucas (Lc 24,13-35), a pedagogia de Jesus revela-se como um processo que conduz os discípulos e seguidores à descoberta do sentido existencial e da missão de cada um no mundo. Trata-se de atingir e modificar, não de qualquer modo, mas pela força do Evangelho, critérios, valores/attitudes, interesses, pensamentos e modo de vida de educadores/as e educandos/as, comunidade e sociedade.

Esta pedagogia parte da realidade da pessoa e provoca um ir além. Faz ca-

minho junto, escuta, acolhe e desafia a perceber a realidade e o contexto social com outro olhar. Jesus vai ao encontro dos necessitados do seu tempo, propõe aos seus seguidores o serviço ao próximo como critério de felicidade (João 13, no Lava pés). O mestre se identifica com o rosto daqueles(as) que ajudamos de forma concreta nos caminhos da vida: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,35-40).

Assim, também, Santa Paulina e a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição têm, na sua história e no seu carisma, a sensibilidade para perceber as necessidades que provém da realidade e disponibilidade para servir a vida, sobretudo, nos mais pobres, enfermos e excluídos da sociedade. A missionariedade e o serviço da vida são marcas que caracterizam as nossas ações educativas e nos identificam enquanto escola em pastoral. O princípio pedagógico que fundamenta a visão de sensibilidade e disponibilidade é o amor.

O Currículo da Rede Santa Paulina de Educação, a que pertence o Colégio São José, além de organizar a experiência de construir saberes e conhecimentos com competências e habilidades, também se propõe a construir um conjunto de valores e espiritualidade.

O Projeto Político Pedagógico Pastoral do Colégio São José destaca que os processos escolares e, de modo especial, os que estão mais focados na construção do conhecimento, têm **alguns eixos**, que precisam ser levados em conta no desenvolvimento das competências, habilidades e dos valores, quais sejam: o domínio de linguagens, o compreender fenômenos, o enfrentar situações-problema, o construir argumentação, o elaborar propostas e o fundamento da espiritualidade, que dá sentido à vida e desenvolve integralmente os jovens no ser e no conviver. Esta elaboração de propostas quer ser uma aproximação dos conhecimentos e itinerários formativos desenvolvidos na escola com a elaboração de propostas de efetiva participação e intervenção solidária na realidade/comunidade.

Atento aos desafios contemporâneos, o Colégio São José tem buscado sensibilizar e envolver seus educandos e educandas em ações e projetos que os ajudem a expressar a vivência dos valores vivenciados, aprendidos e internalizados em sala de aula. É importante frisar que nossa proposta curricular tem como inspiração os seguintes **valores transversais**: sensibilidade para perceber, disponibilidade para servir, simplicidade, humildade, vida interior. Para cada ano/série um **valor referencial**, por exemplo: amizade, partilha, cooperação, cuidado, ética e cidadania. O **Plano de Vivências**, a partir destes valores, deve contagiar a todos os educadores no cotidiano de suas ações pedagógicas. É o que percebemos quan-

do os professores conseguem envolver e motivar os alunos em ações concretas na defesa da vida onde estão inseridos, desde os conteúdos das áreas de conhecimento e/ou disciplinas, integrando os valores presentes no Currículo.

O olhar cuidadoso dos educadores, às manifestações e criações das crianças e dos adolescentes, revela a intencionalidade do trabalho pedagógico da escola. **Podemos elencar algumas atividades neste processo de descoberta e construção do conhecimento/valores:** projetos temáticos; vivências com cada turma e ano/série; saídas a campo; gincana da solidariedade; campanha do agasalho e natal solidário; momentos de meditação, retiro e oração; criação de espaços de escuta e presença na vida estudantil das crianças e dos adolescentes. Uma experiência interessante, desenvolvida pela orientadora educacional Karla Junkes de França, é a OCA – Oficina de Convivência e Aprendizagem, permitindo que os adolescentes falem de seus sonhos, suas angústias, seus medos, suas conquistas, com seus pares, desenvolvendo sua autoestima positiva, a sensibilidade e a empatia. Outra iniciativa aliou o uso da tecnologia (aplicativo) para a manifestação dos sentimentos, abrindo um canal de diálogo e escuta (App Espelho das Emoções). As iniciativas, como os Grupos de Jovens e de Voluntariado, também têm instigado o protagonismo juvenil, alargando os horizontes dos envolvidos e oportunizando, assim, vias possíveis de expressão da responsabilidade social e sensibilidade para com a

comunidade local, contribuindo com a transformação da realidade por meio do seu currículo. Quer assim promover o protagonismo dos estudantes na comunidade, desafiando-os a se inserirem de forma consciente na realidade das pessoas e instituições que serão visitadas e ajudadas, para que possam propor iniciativas e ações de mudança. De acordo com o professor Gabriel Tannus, que trabalha o Itinerário sobre Projeto de Vida no Ensino Médio, “isso também auxiliará no processo de discernimento e escolha vocacional/profissional, através de vivências concretas de escuta, solidariedade e serviço aos mais necessitados, superando concepções e atitudes de indiferença e exclusão tão presentes em nossa sociedade”.

A **proposta de voluntariado** com os alunos do CSJ vem ao encontro desta busca por nos colocarmos na dinâmica de Jesus, seu amor, seu serviço e sua entrega em favor da vida (Jo 10,10), bem como da vivência e da fidelidade ao carisma de Santa Paulina que nos pediu com insistência: “Caridade, caridade, caridade. Enquanto tiverdes caridade, minhas filhas, tereis tudo”. Também nos coloca no horizonte dos apelos do Papa Francisco para sermos uma “escola em saída”, e na ideia de que a Educação deve estar inserida na comunidade (aldeia global), e contribuir na transformação da sociedade, para que seja mais fraterna, justa e solidária, como tanto tem sido evidenciado no Pacto Educativo Global¹. Nunca, como agora, houve a necessidade de unir esforços numa ampla aliança

educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna. Papa Francisco indica três passos, ou melhor, três “coragens”: a coragem de colocar no centro a pessoa, a coragem de investir as melhores energias e a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade.



Fonte: Acervo do Colégio São José – Rede Santa Paulina.

Para o professor Maycon Fritzen, que participa ativamente dos projetos desenvolvidos no Ensino Médio, o Currículo proposto pela Rede Santa Paulina traz a missão de construir uma abordagem interdisciplinar na produção do conhecimento, estruturando o Ensino Médio, a partir de quatro projetos interdisciplinares: Projeto de Leitura do Mundo a partir dos Números, Projeto de Leitura Espaço-Temporal, Projeto de Iniciação Científica e Projeto de Leitura. Estes projetos são permeados pela temática

da Campanha da Fraternidade, abrindo a possibilidade de novos projetos que contemplem as demandas da comunidade escolar. Nesse sentido, os últimos anos foram fecundos na tarefa de proporcionar experiências de aprendizagem aos educandos, em contato com diferentes realidades sociais por meio dos projetos desenvolvidos.

Exemplo disso, o Ensino Médio desenvolveu o projeto **“Observatório Escolar de Políticas Públicas”**, em sintonia com a Campanha da Fraternidade 2019, a qual trazia como tema “Fraternidade e Políticas Públicas”. O Observatório foi uma experiência de aproximação dos educandos com a realidade das políticas públicas, análise e acompanhamento do ciclo das políticas públicas na comunidade e debate sobre a importância das ações que unam a sociedade civil, as instituições e o poder público na discussão de ações em prol da coletividade. O projeto abrigou vários planos de ação desenvolvidos pelos educandos para análise de políticas públicas, apresentados à comunidade escolar na Festa da Família e na Mostra do Conhecimento 2019, e resultou na publicação de artigo científico em evento internacional e na premiação do projeto, na categoria “Ética e Cidadania”, do Prêmio Excelência Poliedro 2020.

As iniciativas articulam os conteúdos curriculares com propostas de intervenção na realidade local. Outro projeto mobili-

zou os alunos do 8º Ano e a realidade dos moradores de rua da cidade e sua invisibilidade social. Com o tema **“Um olhar mais sensível – Itajaí invisível”**, a vivência desafiou os estudantes a refletirem essa realidade e a proporem soluções, encaminhando as mesmas para o poder público municipal. Para a aluna Beatriz Pereira, “a vivência foi algo diferente e renovador em sua vida, despertando a consciência para esta realidade”. “A experiência trouxe um olhar mais reflexivo sobre as oportunidades e as condições sociais existentes em nossa cidade, onde muitas pessoas passam por condições precárias, o que revela uma grande desigualdade social”, complementa o aluno do Ensino Médio, Guilherme O. Martins. Não queremos só responder às demandas do mercado, mas ir além, ajudando cada estudante a viver valores que fazem a diferença na comunidade e dão um sentido maior para o seu projeto de vida.

A professora de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais, Fernanda Poleza, que coordenou as vivências com os moradores de rua, assim relatou: “Sob a luz da Campanha da Fraternidade daquele ano, com o tema ‘Fraternidade e Políticas Públicas’, visitamos diversas casas de acolhimento, fotografamos estas pessoas nas calçadas e abrigos improvisados e ouvimos histórias. Desta experiência, os educandos apresentaram, para a Mostra do Conhecimento do colégio, exposições fotográficas, de poemas e histórias, sendo estes materiais produzidos através de seus olhares para com o tema. A sensibilização e a quebra de preconceitos trazi-

dos da sociedade foram muitos. Muitos foram os relatos de abraços em casa, choro e reflexão, logo após nossas andanças por este universo tão cruel, porém tão presente”. A professora de Matemática Rosa Maria Procheira também expressou sua experiência: “os alunos dos oitavos anos do Colégio São José perceberam que aquelas pessoas eram invisíveis diante de seus olhos...perceberam que iam até a escola todos os dias e não viam a realidade. Eu, enquanto professora da turma e uma das orientadoras no caso de matemática, percebi que o projeto foi muito significativo para os alunos, muitos vinham relatar a surpresa de nem imaginar onde eles faziam as necessidades básicas. Dentre tantas descobertas, eles viram que os moradores de rua tinham uma família, mas que muitas vezes por causa do álcool, drogas, liberdade estavam naquela situação”.

O **Novo Ensino Médio**, em fase de implantação no colégio na perspectiva dos itinerários formativos, quer possibilitar aos estudantes experiências significativas de aprendizado, permitindo que aproximem o conhecimento da vida, o saber da realidade, construindo, assim, pontes de sentido no projeto de vida. De acordo com a coordenadora pedagógica Nedriane Scaratti Moreira, “o novo Ensino Médio dá sequência à proposta pedagógica usando a metodologia: aprender a aprender. O aluno é colocado diante de situações problemas, das quais ele precisa compreender o mundo que o rodeia, estabelecer relações e descobrir qual é a sua forma de aprender, possibilitando

maior autonomia e capacidade para tomar decisões e encontrar soluções. O Colégio São José oferece a seus educandos um ambiente de desenvolvimento que vai além do simples aprendizado”.

A proposta pedagógica e curricular da Rede Santa Paulina, portanto, está baseada nos princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade, do respeito e do cuidado com a vida. Formar cidadãos capazes de atuar, com Compe-

tência, Habilidade, Atitude, Valores e Espiritualidade, na sociedade, e buscar os conteúdos em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são considerados valores essenciais para que educandos e educandas possam ser proativos, acreditando que outro mundo é possível. Assim, **se propõe a caminhar a Rede Santa Paulina, seguindo firme o ideal de “serviço à vida, na missão de educar com amor!”**

REFERÊNCIAS

COLÉGIO SÃO JOSÉ. **Projeto Político Pedagógico Pastoral Documento Base**. 2 ed. Coordenação Geral: Ir. Soeli Veber Machado e Rodinei Balbinot.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O AMOR CURA: PROXIMIDADE NOS MOMENTOS DE DOR, SOFRIMENTO E MORTE

Klésio Ferreira Hamada

KLÉSIO FERREIRA HAMADA

Licenciado em Letras, Português e Inglês, e respectivas Literaturas, Patos de Minas, MG. Estudos Teológicos e Sociais pelo Movimento dos Focolares, em Florença, Itália, e em Friburgo, Suíça. Master em Formação para Formadores e Lideranças em Instituições Religiosas e Cívicas, pela Sociedade Especializada em Sistemas Organizativos, em Roma, Itália. Membro do Setor Internacional de Formação e Pastoral do Movimento dos Focolares. Membro da Comissão de Pastoral e Espiritualidade da Rede Santa Catarina, de Saúde, Educação e Assistência Social, São Paulo, SP.

CONTATO: klesiohamada@hotmail.com

1. CAMINHO PESSOAL E COLETIVO

Cada ser humano percorre um caminho pessoal e coletivo. Aprende com experiências escuras e luminosas. Experimenta momentos de dor e sofrimento. Assim, ao longo do caminho, vai construindo uma bagagem pessoal e coletiva. Um dia, esse caminho, breve ou longo, encerrar-se-á e cada ser humano, com suas experiências vivenciadas, realizará os seus últimos passos.

No caminho, inevitavelmente, deparamo-nos com a dor, com o sofrimento

e com a morte. Sentir a proximidade de alguém ou estar próximo a alguém nos momentos difíceis e desafiadores da vida é fundamental para consolidar bem as etapas do caminho e se preparar para enfrentar outras ainda mais exigentes. Nesse caminho, insere-se a Pastoral Hospitalar: um grupo de profissionais que atua tentando ser sinal da presença de Deus nos contextos de saúde, tão carentes de proximidade, sentido e amor.

O caminho de todos nós se coloca, ainda hoje, num cenário de pandemia de Co-

vid-19. Oferece-nos uma ocasião para refletir um pouco mais, para interiorizar o essencial, para conviver como irmãos, para nos dedicar a quem precisa de nós. O Papa Francisco (2020a), na Oração Extraordinária para pedir o fim da pandemia, alertou-nos:

// aceleramos e nos sentimos fortes e capazes; mas, pela nossa avidez de lucro, nos deixamos absorver por coisas e pela pressa; não nos freamos perante os apelos de Deus, não nos despertamos diante das guerras e das injustiças; não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta, gravemente ofendido; aceleramos, destemidos, pensando que continuaríamos assim sempre saudáveis, mas num mundo doente [...]. //

É verdade! Não é possível se sentir bem se nossos semelhantes não estão bem! A dor, o sofrimento e a morte representam um grande e atual desafio neste “mundo doente”. Um mundo que evita falar sobre esses desafios e, mesmo se considerando avançado nas possibilidades de comunicação, suas inúmeras palavras não são suficientes para dar sentido às etapas cruciais da existência. A experiência de estar próximo, acompanhando, sofrendo, vivendo com quem sofre – e a pandemia de Covid-19 acelerou tudo isso –, convida-nos a dar sentido e significado ao que, aparentemente, é negativo; sobretudo, convida-nos “a levar a sério o que é sério e a redescobrir que a vida não serve, se não for

para servir”, exortou-nos o Papa Francisco (2020b), iniciando a Semana Santa, em 2020.

2. “O SENHOR DESEJA ENCONTRAR ALGUÉM?”

Uma vez, visitei um senhor já de idade que estava na UTI. Percebi a testa franzida e perguntei ao médico de plantão se esse senhor estava sentido dor. O médico me disse que não, que estava medicado. Ali, dialogando com o médico, perguntei-lhe: “Como o senhor faz para aliviar a dor?” Ele me disse: “Existem muitas drogas fortes, mas, geralmente, nas condições desse paciente, morfina”. Depois, fiz outra pergunta: “E como o senhor alivia o sofrimento?” Houve um silêncio. Sim, podemos aliviar a dor usando morfina, mas como aliviar o sofrimento de uma pessoa?

Fiz um pedido ao médico: “Posso fazer uma pergunta ao paciente?” O médico instruiu a equipe que diminuísse a sedação, que o acompanhasse e que, mais tarde, voltaríamos ali. Voltamos e fiz a pergunta: “Senhor (e falei o nome), o senhor deseja encontrar alguém?” Ele acenou com a cabeça que sim. O médico ficou surpreso. Saímos da UTI e, numa sala ao lado, perguntei aos dois filhos desse senhor, que já havia perdido a esposa: “Quem o pai de vocês gostaria de encontrar?” Eles me disseram: “O irmão dele. Há 30 anos, por causa da divisão dos bens da família, eles se desentenderam e, dali em diante, nunca mais se

falaram”. Pedi se eu poderia mediar um possível encontro entre eles e os filhos me autorizaram.

Telefonei para o irmão do paciente, apresentei-me, expliquei a situação e fiz um pedido: “O senhor sentiria de vir aqui encontrar seu irmão e restabelecer o relacionamento entre vocês?” Outro momento de silêncio. “Não. Ele agora está pagando o que aconteceu comigo e com minha família”, me respondeu. Eu lhe disse: “Olha, ele vai pagar rapidamente, pois está muito, muito mal. Penso que, se o senhor não vier ao encontro dele, o senhor viverá o tempo que ainda tem com um sofrimento maior, pois poderá sentir o remorso de não ter feito sua parte para desatar um nó”. Houve, novamente, silêncio. A resposta foi: “Vou pensar”. Algumas horas depois, ele me telefonou e me disse: “Eu irei”.

Preparei os dois filhos, a equipe da UTI, e fui recebê-lo na entrada do hospital. Assim que nos encontramos, apresentamo-nos melhor e eu lhe disse: “O senhor vai entrar e não poderá falar nada, pois o seu irmão não consegue responder; mas, poderá dar um abraço e esse abraço poderá recompor os 30 anos de separação”. Ele entrou e, comovido, assim como toda a equipe e os dois filhos, todos estavam comovidos, os dois irmãos se abraçaram. Depois de alguns instantes, o irmão enfermo inclinou a cabeça e, serenamente, concluiu o seu caminho nesta terra.

Os dois filhos me disseram: “Ver nosso

pai partir aliviado do peso de tantos anos é algo que não tem como lhe retribuir, não sabemos nem como expressar o que experimentamos participando desse abraço entre dois irmãos, entre duas famílias. Seremos eternamente gratos a você”.

Dar e receber o perdão cura. Cura interiormente feridas que uma pessoa pode guardar por anos e, passados os anos, essas feridas podem continuar a produzir sofrimento. Uma pessoa nessas condições, entrando num hospital e sendo encaminhada a uma UTI, talvez sendo intubada e sedada, dificulta ainda mais a interação, e aí, não se consegue buscar, em todas as situações, o cuidado na sua integralidade. Certamente, as equipes de saúde precisam cuidar prioritariamente dos procedimentos e protocolos clínicos, mas, numa equipe de saúde, em que há alguém que ajuda a trazer para os cuidados diários a espiritualidade, isso faz uma grande diferença.

3. CIÊNCIA E FÉ

Em outro momento, dialogando com um médico, entendemos que não há conflito entre Ciência e fé. A Ciência nos ajuda a responder à pergunta: “como eu nasci”; e a fé nos ajuda a responder: “por que eu nasci”. Duas perguntas existenciais para as quais, cedo ou tarde, todo ser humano precisa encontrar respostas.

A experiência de trabalhar com as duas dimensões, Ciência e Espiritualidade, ajuda-nos a perceber alguns sinais na pessoa que tem uma doença, e pode-

mos dizer em qualquer pessoa. Sinais que podem nos ajudar a entender que a Ciência alivia ou cancela a dor, mas a compaixão, a empatia, o se colocar no lugar do outro, a espiritualidade nos ajudam a entender o que pode estar por trás desses sinais. Uma testa franzina, por exemplo, expressava um sofrimento interior, o desejo de reencontrar uma pessoa e poder fazer a experiência do perdão, de dar e receber o perdão e, assim, concluir em paz o caminho nesta vida.

Um recente documento, emitido pela Congregação para a Doutrina da Fé (2020), *Samaritanus bonus*, afirma que “exercitar a responsabilidade para com a pessoa doente significa assegurar-lhe o cuidado até o fim: curar se possível, cuidar sempre”. Cuidar sempre, mesmo diante de situações onde a Ciência depõe as armas, mesmo diante do incurável, porque “incurável não é sinônimo de incurável” (2020), sublinha o documento, e o paciente tem o direito de ser cuidado com amor até o fim. Este é o objetivo da Pastoral Hospitalar, assegurar acolhimento e cuidados à pessoa doente, a seus acompanhantes e aos profissionais envolvidos, garantindo, por meio de um trabalho interdisciplinar, suporte médico, psicológico, social, familiar e espiritual.

4. “DEIXAI AS CRIANÇAS VIREM A MIM”

Após ler o livro “Querido Papa Francisco: o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo” (2016)¹, propus à Pastoral Hospitalar, ao Setor Pediátrico e à equipe de voluntariado uma atividade a ser realizada em forma de oficinas. Encontrávamos as crianças internadas na Brinquedoteca do Setor Pediátrico, líamos uma pergunta do livro, deixávamos as crianças responderem, mediávamos o diálogo e depois concluíamos com duas ações: ler a resposta dada pelo Papa àquela pergunta inicial e expressar todo o momento da oficina por meio de desenho, pintura ou colagem. Algumas crianças não tinham a autorização médica para ir à Brinquedoteca, então um de nós fazia essa oficina só para ela e para o familiar no quarto, onde estava internada. A equipe da UTI Pediátrica, percebendo o bem que aquelas oficinas estavam gerando, pediram para fazermos a atividade também para as crianças da UTI, que conseguiam interagir.

Foram oficinas muito ricas! Ricas por nos aproximarmos, com cuidado, respeito e amor, de muitos pequeninos e seus familiares que viviam momentos de dor e sofrimento. Algumas crianças já não estão mais nesta vida e, também por isso, essas oficinas possibilitaram uma atividade

1 O livro “Querido Papa Francisco: o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo”, organizado pela Loyola Press e por Antonio Spadaro, SJ, recolhe 259 cartas de crianças de 26 países.

pastoral ainda mais significativa, pois podíamos interagir, dialogar, expressar artisticamente o que vivíamos e mediar uma conexão com o transcendente.

Depois de um tempo, recolhendo os trabalhos, nos deparamos com um acervo de “obras-primas”, e pensamos em elaborar uma exposição com todo o material. Assim, no saguão central do hospital, preparamos os murais de acordo com o tema de cada oficina: família, fé, amizade, sofrimento, Deus, escola, morte. No último mural, colocamos alguns papéis cortadinhos para os visitantes deixarem uma impressão. Foram tantas impressões que lotaram a parte da frente e de trás do mural. As pessoas que passavam eram atraídas pela profundidade do material exposto e pela beleza, pelas cores, pela vitalidade, mesmo se muitos trabalhos retratavam o sofrimento, a dor, o desejo de perdão, a morte. Foi uma ação pastoral potentíssima para pacientes e seus acompanhantes, profissionais e todos que tomaram conhecimento da atividade.

5. EXPRESSÕES DO AMOR

Algumas expressões do amor cristão podem nos ajudar a viver a missão pastoral dentro de contextos desafiadores. Expressões simples, exigentes, diferenciadas, mas, se motivadas e movidas pela espiritualidade e realizadas com amor são um valioso meio de proximidade, de evangelização. Cito algumas que vivenciamos todos os dias.

Acolhimento: cuidadoso, consciente do valor da dignidade humana, aberto ao diálogo, atento à pessoa que se encontra fragilizada e se coloca disponível às suas necessidades.

Escuta: saber escutar mesmo quando a pessoa não pronuncia uma única palavra, escutar sem se escandalizar, sem querer dar resposta pronta, sem minimizar, escutar com simplicidade, sem ser simplório.

Proximidade: um estar ao lado respeitoso e terapêutico que tem como objetivo ajudar a pessoa a se abrir ao transcendente. Não dar respostas tentando justificar o sofrimento, não existem! Tentar dar um sentido, isso sim! Valorizar todo empenho, toda capacidade de suportar o próprio sofrimento. Quando a medicina depõe suas armas, podemos ainda estar ao lado, vivenciando, cada instante de quem atravessa o momento mais difícil da existência.

Acompanhamento: acompanhar a pessoa, que passa pela dor e pelo sofrimento, conduzindo-a a um sentido para a experiência vivida. Muitas vezes, a pessoa doente, o familiar e/ou o acompanhante se sente injustiçado, pagando por um mal. Experimenta certo vitimismo, que não o liberta, mas amarra-o ainda mais no negativo. A busca pelo transcendente pode restaurar, regenerar, promover, abrir uma nova dimensão na vida de uma pessoa, fazendo com que ela reencontre a si mesma, experimentando a dor e o sofrimento, mas,

depois, desejando iniciar uma nova e profunda etapa na vida.

São só algumas expressões do amor! Algumas, porque abissal e misterioso é o amor, aquele amor doação, serviço, gratuidade. Um amor intimamente ligado à dor, ao sofrimento, como testemunha uma grande mulher, Chiara Lubich, após uma forte experiência de dor-amor. Reporto alguns trechos de “Quando se conheceu a dor” (2003), nos quais ela sublinha os frutos de um amor que tem raízes profundas, porque vivido no sobrenatural:

// *É o amor aos outros, em forma de misericórdia, amor que faz abrir os braços e o coração aos infelizes, aos mendigos, aos martirizados da vida, aos pecadores arrependidos. Amor que sabe acolher o próximo desencaminhado, seja ele amigo, irmão ou desconhecido e o perdoa infinitas vezes. Amor que faz mais festa a um pecador que volta do que a mil justos, e empresta a Deus inteligência e bens para que Ele possa demonstrar ao filho pródigo a felicidade pelo seu retorno. Amor que não mede e não será medido. É uma caridade que floresce mais abundante, mais universal, mais concreta do que aquela que a alma antes possuía. E a caridade supera a dor, porque a dor só existe nesta vida, enquanto o amor perdura na outra. //*

6. DESAFIO E MISSÃO

Caminhando assim, como dissemos no início, comprometendo-nos com a vivência de qualquer ser humano, em qualquer parte do caminho, especialmente, por quem se encontra fazendo uma experiência de dor e de sofrimento, também, nós encontramos um sentido maior para a nossa existência, para nossa ação pastoral.

Talvez seja difícil para muitas pessoas conversar sobre esses temas, sobre o profundo mistério da dor, do sofrimento e da morte. No entanto, são temas, são experiências cotidianas que a Pastoral Hospitalar é chamada a dar sua contribuição. “Não é verdade que o homem pode organizar a terra sem Deus. O que é verdade é que, sem Deus, até consegue organizá-la, mas contra o homem. Um humanismo exclusivo é um humanismo inumano”, afirma Henri de Lubac (1945), reforçando o lugar de Deus, da espiritualidade, de um humanismo integral e integrador nos espaços de construção de uma nova humanidade.

É um desafio e uma missão! “Se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, já é o suficiente para justificar o dom da minha vida”, encoraja-nos e entusiasma o Papa Francisco (EG, 2013, n. 182). Quantas pessoas passam por nós todos os dias?! Podemos humanizar os ambientes profissionais e as experiências mais difíceis, onde muitos já cancelaram a espiritualidade, o cuidar com amor e a existência de Deus. Viver, trabalhar e acreditar em tudo isso é sustentar, com a própria vida, aquilo que se deseja transmitir aos outros.

REFERÊNCIAS

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Samaritanus bonus**, sobre o cuidado das pessoas nas fases críticas e terminais da vida. Roma: Vaticano, 14 jul. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20200714_samaritanus-bonus_po.html. Acesso em: 14 jul. 2020.

FRANCISCO. **Momento Extraordinário de Oração para pedir o fim da pandemia de Covid-19**, Roma: Vaticano News, 27 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-homilia-integral.html>. Acesso em: 27 mar. 2020.

_____. **Homilia da Missa do Domingo de Ramos**. Roma: Vaticano News, 05 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/papa-francisco-homilia-missa-domingo-ramos.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

_____. **"Querido Papa Francisco: o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo"**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____. **Exortação Apóstolica *Evangelii Gaudium***. Roma: Vaticano, 2013, n. 182. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 01 jan. 2021.

LUBAC, Henri-Marie de. **Le Drame de l'Humanisme**, Paris: Spes, 1945.

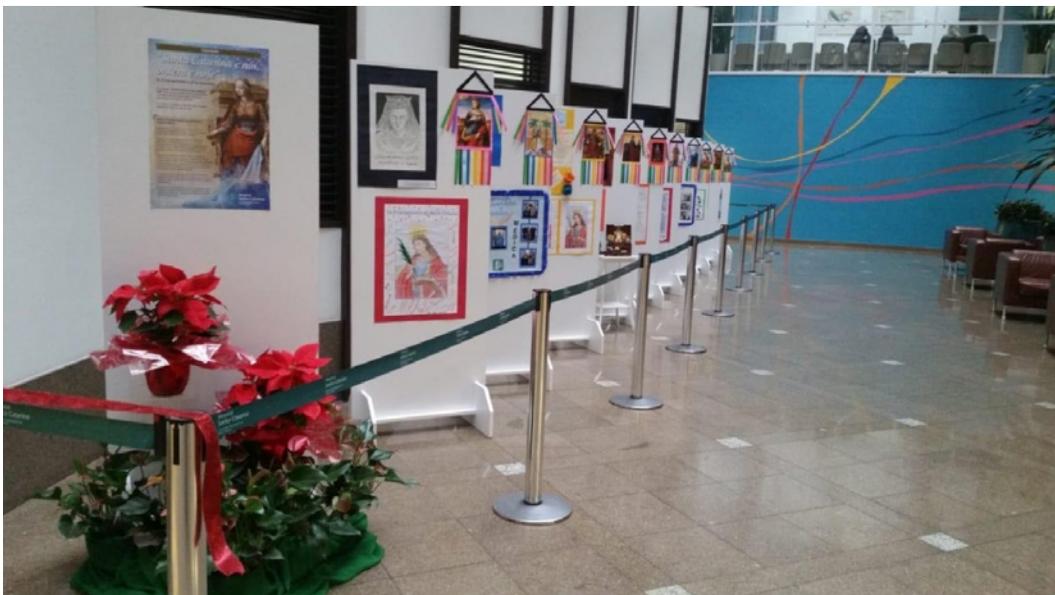
LUBICH, Chiara. Quando se conheceu a dor. **Ideal e Luz: Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido**. São Paulo: Brasiliense e Cidade Nova, 2003.

Foto 1: Exposição “Deixai as crianças virem a mim”, saguão do Hospital Santa Catarina, SP, 2017.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Foto 2: Exposição “Santa Catarina e nós, ontem e hoje”, saguão do Hospital Santa Catarina, SP, 2018



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Foto 3: Oficina: Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças, das crianças internadas aos pacientes internados.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Foto 4: Oficinas Cartões de Natal, das crianças internadas aos pacientes internados.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CRIANÇAS RIBEIRINHAS DO BAIXO RIO BRANCO: EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA DE EDUCAÇÃO POPULAR SOCIOAMBIENTAL

Pe. Benedetto M. Zampieri e Elisangela Dias Barbosa

PE. BENEDETTO M. ZAMPIERI

Padre *fidei donum* da Diocese de Pádua (Itália), em missão na Diocese de Roraima. É licenciado em Ciências da Religião, pela *Facoltà Teológica dell'Italia settentrionale* (2003), Bacharel em Teologia, pela *Facoltà Teologica del Triveneto* (2007). De 2003 a 2004, foi professor de Ensino Religioso, nas escolas estaduais da cidade de Pádua. Ordenado padre no dia 5 de junho de 2010; Vigário paroquial na paróquia de Mestrino (diocese de Pádua), entre 2010 e 2015. No Brasil, vigário paroquial, *fidei donum*, desde outubro de 2015, na Diocese de Duque de Caxias. Na Amazônia, desde 2015, na Diocese de Roraima. Atualmente, é o padre referencial para acompanhar as 15 comunidades ribeirinhas do Baixo Rio Branco, em comunhão com a comunidade de padres missionários de Pádua, que exercem trabalho pastoral em Caracará, município ao sul do Estado de Roraima.

ELISANGELA DIAS BARBOSA

Educadora popular, pastoralista, agente da Cáritas Diocesana de Roraima. Graduada em Letras, pela PUC-SP; Mestre em Língua Portuguesa, com ênfase na Análise do Discurso, pela PUC-SP. Tem formação pastoral-metodológica, de fundamentos de Antropologia, Sociologia, Filosofia e Teologia, pelo *Internationales Bildungszentrum für junge Leute*, na cidade de Solothurn (Suíça), e pelo *Centro di Spiritualità*, na cidade de Stuttgart (Alemanha). Atuou na REPAM Brasil, como articuladora regional na Amazônia; coordenou projeto social na Cáritas Diocesana de Roraima, como foco na migração venezuelana; faz parte da coordenação colegiada do Núcleo de Roraima sobre Mudanças Climáticas (Cáritas, REPAM e UFRR).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos três anos, a Amazônia passou a ter um olhar especial da Igreja Católica, que culminou com o Sínodo Especial para Amazônia. Um olhar que não foi de uma hora para outra, mas foi fruto de um processo de escuta eclesial e discernimento pastoral, que se tornou intenso com a publicação da Carta Encíclica *Laudado Si'*, em 2015. Com a publicação desta encíclica, a Rede Eclesial Pan-Amazônica, no Brasil, dinamizou uma série de Seminários *Laudato Si'* nos regionais e nas dioceses da Amazônia brasileira (CNBB, 2018).

Em outubro de 2019, no Vaticano, ocorreu o Sínodo Especial para a Amazônia¹, após um longo processo de consulta e escuta dos povos da Pan-Amazônia², em seus diversos territórios (urbano, rural, comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, entre outros). De acordo com o *Instrumentum Laboris* do Sínodo: “Este processo deve continuar, durante e depois do Sínodo, como um elemento central da vida futura da Igreja. A Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora” (CNBB, 2019, p. 10). Ou seja, a Amazônia e os povos que ali vivem tornam-se sujeitos e interlocutores privilegiados da caminhada eclesial (CNBB, 2019). É preciso escutar e fomentar experiências de escuta, para

conhecer seus valores, suas crenças, suas culturas, seus sonhos e seus desafios.

Neste sentido, sob a palavra-chave **escuta**, este relato tem como objetivo partilhar a experiência de convivência com as crianças ribeirinhas no Baixo Rio Branco, região sul do Estado de Roraima, por meio da Missão Baixo Rio Branco, realizada pela Diocese de Roraima, coordenada e acompanhada pelos padres fidei donum da Diocese de Pádua, os quais são missionários no município de Caracaraí. A última Missão foi realizada em outubro deste ano, entre os dias 01 e 15/10. Nela, a equipe missionária compartilhou a vida dos povos das águas daquela região, motivada e animada pela encíclica *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015) e pela exortação apostólica *Querida Amazônia* (FRANCISCO, 2020). Um dos principais atores sociais que se destacou nesta missão foi a criança.

Assim, este relato traz a experiência de educação popular, com foco na pauta socioambiental, vivenciada com as crianças em quatro comunidades ribeirinhas. Primeiramente, vamos contextualizar sobre a região Baixo Rio Branco e as iniciativas e os desafios eclesiais, como Diocese de Roraima. Depois, aprofundar

1 O Sínodo Especial para a Amazônia foi anunciado por Papa Francisco no dia 15 de outubro de 2017.

2 A Pan-Amazônia é constituída pelos seguintes países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil.

a missão com as crianças ribeirinhas, à luz da exortação apostólica *Querida Amazônia*³, pois compreendemos que esta exortação reúne as aspirações da encíclica *Laudato Si'* para os povos amazônidas, com os sonhos de Papa Francisco (FRANCISCO, 2020).

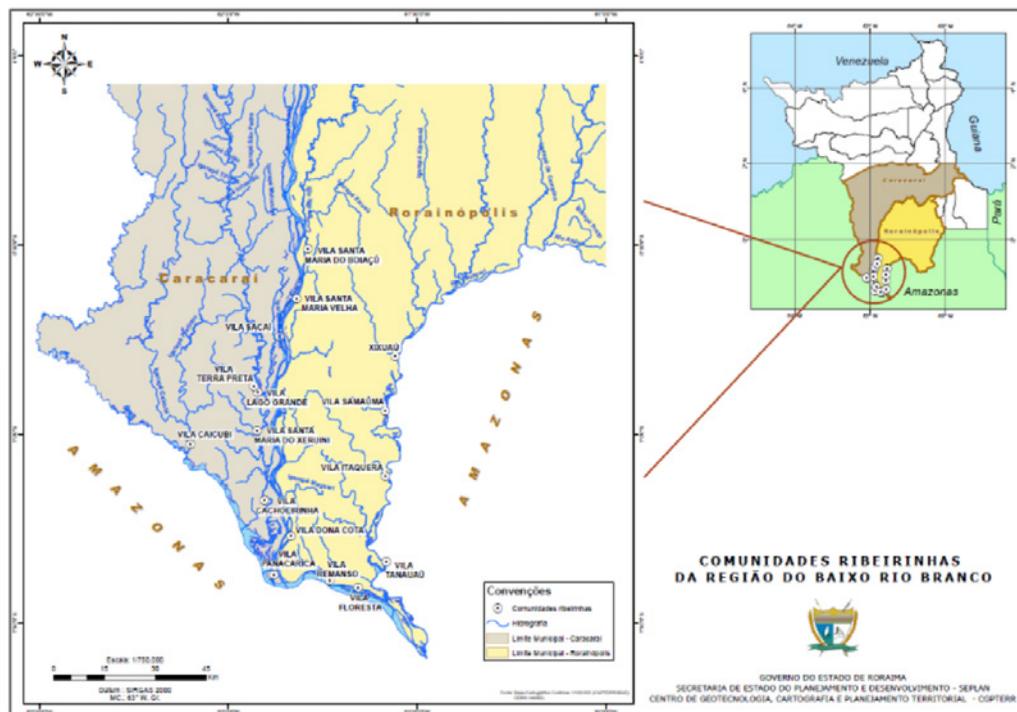
2. BAIXO RIO BRANCO E OS PASSOS ECLESIAIS E PASTORAIS

O Baixo Rio Branco é uma região ribeirinha, na periferia extrema da diocese de

Roraima, encontrando-se geográfica e antropológicamente mais próxima à Diocese de São Gabriel da Cachoeira/AM (paróquia de Barcelos) e à Arquidiocese de Manaus/AM (paróquia de Novo Airão), mas, com sede política e administrativa nos municípios de Caracará e Rorainópolis, no Estado e Diocese de Roraima⁴.

Desde o ano 2000, a diocese de Roraima assumiu o compromisso de acompanhar pastoralmente essa região, contando com os padres da paróquia de

Mapa de localização das comunidades visitadas no Baixo Rio Branco



Fonte: SEPLAN, 2019.

3 Papa Francisco convida a ler a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* associada com a leitura do Documento Final do Sínodo para Amazônia. Para ter este documento, acesso o seguinte link: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>.

4 A Diocese de Roraima comporta todo o Estado.

Caracará (RR), mas garantindo um envolvimento de apoio da diocese toda. A entrada desta região se encontra a 320 km ao sul da sede do município e da paróquia de Caracará (a cidade porto de Roraima). Compreende 15 comunidades espalhadas entre o Rio Branco, o Rio Xeruíni, o Rio Amajau, o Rio Negro, o Rio Jufari e o Rio Jauaperi. A maioria dos moradores é originária de outras comunidades ribeirinhas do alto e baixo Rio Negro, ou do Rio Amazonas.

Atualmente, a Diocese se encontra em um momento de discernimento pastoral para viabilizar o processo de passagem de uma “pastoral de visita” a uma “pastoral de presença”, deixando o modelo da antiga “desobriga” para aquele de uma presença mais contínua e permanente, sonhando com uma equipe mais estável de missionários/as (religiosos/as e leigos/as) que possam acompanhar a vida diária destas comunidades em processo de formação; a Diocese espera contar, também, com os/as leigos/as das próprias comunidades ribeirinhas, engajados/as nos serviços e ministérios (coordenadores/as, catequistas) em cada realidade.

O projeto ainda está na fase de “viagens missionárias”, tentando estabilizar a equipe de visitas com a presença de pessoas envolvidas nas pastorais diocesanas (CRB-Roraima, Cáritas diocesana, CPT, Pastoral Indigenista, REPAM, Núcleo de Mudanças Climáticas), além de um padre de Caracará, o qual é o referencial para as 15 comunidades ribeirinhas e coordena-

na as viagens missionárias. O importante é que, com essas viagens missionárias, as lideranças locais possam, por meio de formações, fortalecer seu protagonismo e a missão assumida nas coordenações leigas das comunidades.

De fato, a maioria das pessoas que se tornam pontos de referência em cada comunidade são professores/as ou agentes de saúde. A escola representa, também, um lugar privilegiado para encontrar os moradores desta região, para além das diferenças religiosas. Outro ator social importante são as crianças. Elas, muitas vezes, são a chave de entrada para encontrar as famílias e com elas dialogar e partilhar.

De modo geral, existem alguns desafios, de dentro e de fora da Igreja, que pedem a resposta e o discernimento.

Como desafios externos, destacam-se:

- Chagas sociais: alcoolismo, tráfico de drogas e de pessoas, abusos e violência doméstica, prostituição infantil, casos de depressão juvenil, que chega até o suicídio.
- Carência de acompanhamento por parte das instituições públicas (no campo da saúde e dos serviços sociais em geral), que gera desconfiança diante de qualquer proposta que se apresente com perfil “institucional”.
- Presença de empresas internacionais (norte-americanas), ligadas ao mundo do turismo de Pesca Esportiva: uma presença que acarreta disputa nas comunidades e famílias a serem be-

neficiadas, gerando conflitos internos. É uma presença que representa uma fonte de renda e desenvolvimento, mas que provoca também dependência do “patrão” e, às vezes, diferentes formas de desrespeito às comunidades.

- Presença contínua de igrejas de outras denominações: no Baixo Rio Branco, tem-se comunidades totalmente evangélicas e, naquelas com uma presença católica, já tem, pelo menos, mais outras duas igrejas de diferentes denominações. Isso implica a necessidade de procurar um diálogo que saiba reconhecer as diferenças, mas também de parcerias para enfrentar juntos os desafios sociais que se apresentarem nas comunidades.

Como desafios internos, destacam-se ainda:

- Carência de pessoas que se disponibilizem para um serviço missionário na comunidade.
- Carência de meios para a formação das lideranças locais.
- Passagem de uma pastoral de “desobriga” sacramental, ligada somente ao evento do festejo do/a Santo/a Padroeiro/a a uma pastoral de “presença”, de acompanhamento de processos na vida diária das comunidades, para que o evento do/a padroeiro/a represente um momento de celebração da vida e dos passos comunitário.

Recentemente, de 1º a 15 de outubro de 2020, como mencionado acima, ocor-

reu a Missão Baixo Rio Branco, com foco mais pastoral. A mesma contou com uma equipe missionária com oito pessoas, sendo ela composta por 2 religiosas, 2 seminaristas em estágio missionário em nossa diocese, 3 leigas missionárias atuantes nas pastorais sociais e o padre referencial para o Baixo Rio Branco, também pároco de Caracaraí, e mais um menino de 6 anos filho de uma das leigas missionárias. Como conclusão por parte da equipe, constatou-se que se faz necessário repensar nossa atuação pastoral e missionária no Baixo Rio Branco, com uma presença mais contínua/frequente e não mais em ciclos ao longo do ano. Um chamado a avançarmos para as águas mais profundas. Ajudou-nos muito a reflexão da exortação apostólica *Querida Amazônia*. Baixo Rio Branco e as comunidades ribeirinhas apresentam-se como chão privilegiado onde potencializar o sonho eclesial de Papa Francisco: “Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e de encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” (FRANCISCO, 2020, QA, n. 7).

3. AS CRIANÇAS E A PAUTA ECOLÓGICA

No capítulo 6 da encíclica *Laudato Si'* (2015), Papa Francisco se debruça sobre dois pontos importantes para a garantia de uma Ecologia Integral: a educação e a espiritualidade. Ele aponta para outro estilo de vida, para uma conversão ecológica, para o papel da educação na aliança entre a humanidade e o ambiente. Ele também acredita que os valores

de nossa fé podem se inebriar do paradigma de uma Educação e Espiritualidade Ecológica, pois “a humanidade precisa mudar” (FRANCISCO, 2015, LS, nº 202, p. 121). Segundo ele, a “educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo” (FRANCISCO, 2015, LS, nº 210, p. 124). Mas, por vezes, “esta educação, chamada a criar uma ‘cidadania ecológica’, limita-se a informar e não consegue fazer maturar hábitos” (FRANCISCO, 2015, LS, nº 211, p. 125).

No debate ecológico, acredita-se que as crianças são os atores mais sensíveis e abertos para maturar uma ética ecológica diante da vida. Os educadores sociais, com a pauta socioambiental, podem criar espaços de reflexão, por meio do lúdico e de oficinas ecológicas, simples rodas de conversa, ou até mesmo com oficinas de desenhos e gincana de coleta de lixo na comunidade. É preciso pensar até mesmo numa *Laudato Si’* para os pequenos. Traduzir, de certo modo, a encíclica para uma linguagem mais plástica com as crianças. Cabe também aos educadores “o compromisso ecológico”, “a partir do cultivo das virtudes sólidas”. “É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas [crianças] até dar forma a um estilo de vida” (FRANCISCO, 2015, LS, nº 211, p. 125). Vale destacar o seguinte ponto:

“// A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar luzes desnecessárias (FRANCISCO, 2015, LS, nº 211, p. 125). //”

A Equipe Missionária da Missão Baixo Rio Branco (outubro/2020), durante os encontros preparatórios, assumiu duas pautas de proposta de trabalho a ser desenvolvida na e com as comunidades, em diálogo com suas lideranças locais. As pautas eram: Ecologia Integral e Tráfego de pessoas. Para a pauta da Ecologia Integral, a equipe apresentou como propostas a realização de Oficinas ecológicas com as crianças. Algo que deveria ser construído nos locais e com as pessoas das comunidades, dado a realidade atual de pandemia. Sobre a questão da pandemia, os membros da equipe fizeram os testes de diagnósticos de covid-19 antes da partida para a missão, levaram também quantidade significativa de álcool 70% (doação do CMDH/RR) e máscaras (doação da Cáritas/RR), além de farmácia (doação da CPT), para serem distribuídos nas comunidades.

As atividades com as crianças tentaram educá-las a evitarem aglomeração, organizando sua convivência de modo sadio e seguro. De fato, mesmo não estando na escola, nas comunidades ribeirinhas, as crianças seguem mantendo uma aproximação constante entre elas, que se intensifica ainda mais quando o barco paroquial se aproxima, ou outra embarcação que chega à comunidade, e provoca a curiosidade das crianças, que chegam em pequenos grupos para conhecerem os visitantes.

4. EDUCAÇÃO ECOLÓGICA PARA CRIANÇAS RIBEIRINHAS

A Equipe Missionária, após se instalar na comunidade ribeirinha em questão, estabelecia, com as lideranças locais, sua agenda missionária, na medida do possível, pois não podia realizar a mesma programação de outras visitas anteriores, por conta da pandemia do coronavírus. A capela ou o salão comunitário aberto eram os pontos de referências, tanto para as partilhas comunitárias quanto para as atividades lúdicas com as crianças.

Em todas as quatro comunidades visitadas, os encontros com as crianças foram realizados como oficinas lúdicas, com hora marcada para iniciar e para encerrar, comportando uma programação de duas horas, com propostas educativas e monitoramento em subgrupos.

4.1 Passo 1:

Cuidar de si e cuidar do outro

Antes das oficinas, era feita a higienização das mãos com álcool gel 70%, com as crianças e monitores. Os materiais para as atividades também já eram separados previamente para os subgrupos, com as medidas de segurança necessária.

4.2 Passo 2:

Despertar para consciência ecológica

Ao início de cada atividade, alguém da equipe falava do cuidado do ambiente e da importância de preservá-lo, pois o mesmo fazia parte de nossa Casa Comum. Fazia-se a pergunta às crianças: quais seriam as ameaças que o ambiente delas poderia sofrer, nas águas e nas matas, como também na comunidade, com o lixo descartado? A partir deste colóquio com elas, ocorria o despertar da consciência socioambiental.

4.3 Passo 3:

Como é nossa Casa Comum?

Após a conversa introdutória com as crianças, as mesmas eram convidadas a se dividirem em grupos pequenos para que, por meio de desenhos e pinturas, pudessem nos falar de sua comunidade, sua casa, sobre o que ela observava de bonito ao seu redor, considerando os rios e as florestas, as árvores frutíferas, os animais que circulavam pela sua comunidade. Cada rabisco era considerado: um rabisco azul representava a água para um; outro rabisco multicolorido representava a arara lara⁵ para outra.

5 Na comunidade Cachoeirinha, circulava livremente pelas casas e quintais a arara lara, a qual também pousou em uma das janelas da capela, na hora das atividades com as crianças.

4.4 Passo 4:

Comunicando nossa Casa Comum

Outra etapa era a socialização dos desenhos feitos, tanto dos mais estruturados quanto dos mais abstratos. Dos desenhos, tivemos a oportunidade de conhecer o mundo da criança ribeirinha: a) em quase todos os desenhos tinha a presença de dois elementos, a água e a floresta; b) a criança transmite seu mundo em cores e as cores mais presentes nos desenhos eram o amarelo (sol); o azul (água); o verde e o vermelho (os pássaros, como as grandes araras); c) os elementos simbólicos que mais emergiram da sua criação foram o barco no rio, a plantação familiar, o próprio rio, a casa no meio de bosques de árvores frutíferas e sem cercas, a floresta, os animais na floresta (jabuti, tamanduá, cutia), os animais nas águas (peixes, jacaré, tartaruga).

Com estes elementos visualizados pelas crianças, a partir de seus próprios desenhos, que significam seus espaços, refletia-se sobre a carta de Papa Francisco a todos os habitantes do mundo, para que os mesmos se unissem para proteger a Casa Comum. Era dito que a carta tinha um nome, chamava-se *Laudato Si'*. Nesta carta, Papa Francisco se dirigia aos adultos para saber deles que mundo se quer deixar para todas as crianças, as já nascidas e aquelas que ainda estão por vir. Por fim, perguntava-se quem iria aju-

dar nesta defesa da nossa Casa Comum e se podia contar com elas como embaixadores da Natureza.

4.5 Passo 5:

Varal colorido

Todos os desenhos eram expostos em um varal, em lugar estratégico de visibilidade de toda a comunidade. O varal era apresentado à comunidade e o padre fazia a homilia destacando a mensagem central das crianças, de cuidado com a natureza, com o próprio ambiente em que vivem, o mesmo tão rico de biodiversidade. Pelo olhar das crianças, os adultos eram também instigados a uma abertura socioambiental do cuidado ecológico e de preservação do que seria a sua Casa Comum.

4.6 Passo 6:

Qual casa queremos deixar para nossas crianças?

Com o grupo, já mergulhado na mensagem socioambiental por meio dos desenhos das crianças, fazia-se uma dança circular com tecidos amarrados entre si. Formava-se um grande círculo, no qual as pessoas podiam segurar o tecido à sua frente, sustentando esta grande teia de tecidos amarrados. A canção utilizada também trazia uma mensagem de preservação e consciência socioambiental. A mesma intitula-se Cuidar da Terra, do Grupo Imbaúba⁶.

CUIDAR DA TERRA

*Nós somos parte da terra
A terra é parte de nós
Um é a extensão do outro
Nós não vivemos a sós.*

*O que falta para entender
Coisa tão simples assim
Quando eu cuido do que é meu
Estou cuidando de mim.*

*E preservar é tão simples
Não requer tanta ciência
Basta respeito e cuidado
E um pouco de consciência.*

*Aí tudo se resolve
Aí a vida floresce
Cada rio que eu deixo limpo
A natureza agradece.*

*Com muita sabedoria
Diziam nossos avós
Se cuidarmos da terra
A terra cuida de nós.*

*(Grupo Imbaúba, 2009,
CD Mãe da Terra)*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta última missão no Baixo Rio Branco foi muito atípica, dado o contexto de pandemia. Muitas das atividades antes vivenciadas foram colocadas entre parênteses. Segundo Pe. Benedetto Zampieri, pároco da região, em geral, tudo

o que é proporcionado e partilhado, no tempo da visita comunitária nas comunidades ribeirinhas, tem esse objetivo pedagógico de formação comunitária, a partir da valorização da fé e da vida popular até a sensibilização sobre os desafios sociais que as comunidades estão enfrentando, com símbolos carregados de significados para a vida diária das comunidades (benção do fogo, das velas, da água, do rio, da terra, das casas, das crianças, das parteiras, procissões de terra ou de barco), e momentos de intercessão e compromisso de cuidado com a vida, a saúde, e o bem comum. Isso se insere na liturgia, bem como em todas as celebrações ligadas aos/às santos/as padroeiros/as ou a lugares simbólicos significativos (por exemplo, na praia de Paricá, há uma capela com a imagem de São Francisco, naquela região conhecido como “guardião das águas”).

O que não se pôde deixar de viver foi a acolhida das crianças ribeirinhas, as quais são as primeiras a nos receberem. Isso se repetiu nas quatro comunidades visitadas. Com elas, percebemos que as oficinas foram acontecendo conforme o contexto de cada comunidade. Em algumas, conseguiu-se realizar a proposta por inteira, como aconteceu na comunidade Cachoeirinha. Em outras, seguiu-se parte do roteiro, como o foi nas comunidades de Lago Grande e Caicubí. Em outra experiência, o roteiro foi adequado à uma

trilha ecológica com as crianças que conduziram os visitantes missionários até um igarapé mata a dentro, e lá foi realizada a oficina de desenho com banho no igarapé de água cristalina e fria. Mas em todas estas experiências os resultados foram apresentados aos adultos, durante os encontros comunitários na capela.

Percebeu-se que as oficinas ecológicas, de um jeito e de outro, resultaram no despertar das crianças para o ambiente em que vivem. Muitas continuavam a fazer pequenas ações como coletar o lixo da trilha, quando já nem eram mais observadas/monitoradas. Outras faziam questão de levar seus pais até o varal colorido para mostrar a história de seu desenho, ainda que rabisco, mas que haviam dado significado.

Outro ponto relevante é que o entusiasmo das crianças em contarem o que vivenciaram nas oficinas, motivou parte da equipe missionária em elaborar um roteiro didático a ser entregue aos professores e catequistas das comunidades, para que possam aplicar com outras crianças ou adequar para melhor experiência de troca e vivência. Como equipe missionária, almejassem dar continuidade desta experiência nos próximos anos, também com apoio da Cáritas Diocesana de Ro-

raima e do Núcleo de Mudanças Climáticas de Roraima para a questão da formação socioambiental das crianças.

É importante destacar que nas visitas missionárias anteriores, eram realizados momentos mais específicos nas salas de aula. Em todas as iniciativas, o objetivo é valorizar a tradição, a identidade, a vida e a cultura das comunidades ribeirinhas, e favorecer o enfrentamento de todas as “forças contrárias” e os “perigos” que poderiam destruir o dom que elas representam para o mundo todo. Dom e perfil que o próprio Jesus e a Igreja querem promover e valorizar. É o processo de “amazonização” da educação religiosa e popular de base.

Teologicamente, para as comunidades amazônicas, e no caso em questão, as comunidades ribeirinhas, tem-se duas referências que ajudam na articulação dessa pedagogia: a meditação do mistério de Encarnação (a Palavra de Deus que faz carne sempre em uma história humana) e a tradição eclesial da América Latina que encontrou destaque e confirmação ao nível de Igreja Católica mundial no magistério do Papa Francisco, em particular na Carta Encíclica *Laudato Si'*, no processo do Sínodo Especial para a Amazônia, e na Exortação Apostólica *Querida Amazônia*.

Foto 1: Equipe Missionária e o barco paroquial em uma praia no Rio Branco, out/2020.



Fonte: Arquivo da Equipe Missionária, Missão Baixo Rio Branco, 14/10/2020.

Foto 2: Barco Paroquial e parte da Equipe Missionária



Fonte: Arquivo da Equipe Missionária, Missão Baixo Rio Branco, 14/10/2020.

Foto 3: P. Benedito Zampieri, pároco no Baixo Rio Branco.



Fonte: Arquivo da Equipe Missionária, Missão Baixo Rio Branco, 14/10/2020.

Foto 4: P. Oficina Ecológica para crianças em Caicubí/RR: menina desenhando sua comunidade.



Fonte: Arquivo da Equipe Missionária, outubro/2020.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. **Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.** Instrumentum Laboris. Brasília: Edições CNBB, 2019.

_____. **Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.** Documento Final. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

CNBB. **Síntese das Cartas Compromisso dos Seminários Laudato Si'.** Comissão episcopal para Amazônia, 2018. Disponível em: <<http://repam.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Si%CC%81ntese-das-Cartas-Compromisso.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si':** sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

_____. **Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia.** Brasília: Edições CNBB, 2020.

GRUPO IMBAÚBA. **Cuidar da Terra.** CD Mãe da Terra, Amazonas, 2009.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A DIMENSÃO DA ECOLOGIA INTEGRAL NA AÇÃO SOCIOTRANSFORMADORA DAS IGREJAS LOCAIS: REGIONAL SUL 1 DA CNBB ACOLHE INICIATIVA DE LEIGOS E LEIGAS PARA O TESTEMUNHO DA ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA EM SUAS DIOCESES.

Éder Santos, Luciano Machado, Diego Amorim, André Staudemeier e Dom Eduardo Malaspina

ÉDER SANTOS

Coordenador. Região Belém da Arquidiocese de São Paulo.

LUCIANO MACHADO

Vice-coordenador. Diocese de São José dos Campos.

DIEGO AMORIM

Primerio secretário. Diocese de Campo Limpo.

ANDRÉ STAUDEMEIER

Primerio tesoureiro. Diocese de Santos.

DOM EDUARDO MALASPINA

Bispo referencial. Diocese de São Carlos.

Desde o lançamento da Encíclica *Laudato Si'*, em 2015, muitas iniciativas procuraram agregar e motivar ações de cunho socioambiental na vida das comunidades católicas. No Brasil, até mesmo antes do surgimento da encíclica, algumas dioceses já viam o potencial transformador do cuidado ecológico como uma vocação cristã e procuravam se organizar enquanto pastoral.

Este histórico de engajamento, sobretudo, de leigos que procuravam apoio de suas lideranças eclesiais, encontra agora um apoio ainda maior no Regional Sul da CNBB, onde, desde novembro de 2020, foi instaurada a Pastoral da Ecologia Integral.

A iniciativa foi proposta por leigos e leigas das dioceses que tinham algum trabalho iniciado nesta linha, como a Pasto-

ral da Ecologia Integral da Arquidiocese de São Paulo (Região Sé e Região Belém), a Pastoral da Ecologia e Meio Ambiente da Diocese de Campo Limpo, a Pastoral da Ecologia da Diocese de Santos e a Comissão Socioambiental da Diocese de São José dos Campos.

Dom Pedro Luiz Stringhini, presidente do Regional e o Padre Walter Merlugo Júnior, secretário executivo, receberam com alegria a iniciativa e acolheram a formalização da articulação no Estado de São Paulo. Desde o início deste ano, a coordenação dos trabalhos, formada por Éder Santos - Região Belém da Arquidiocese de São Paulo (coordenador), Luciano Machado - Diocese de São José dos Campos (vice-coordenador), Diego Amorim - Diocese de Campo Limpo (primeiro secretário) e André Staudemeier - Diocese de Santos (primeiro tesoureiro), tem organizado as atividades do grupo.

O bispo referencial, Dom Eduardo Maspina (Diocese de São Carlos), e a Pastoral da Ecologia Integral procuram promover, nas sub-regiões e dioceses do Regional Sul 1 da CNBB, a criação e a consolidação de iniciativas de testemunho e engajamento do cuidado responsável com a Casa Comum. De forma que proponham ações de transformação socioambiental e a promoção da espiritualidade ecológica, possibilitando, na transversalidade, a pauta da ecologia integral para todas as pastorais e os movimentos, a fim de uma conversão ecológica. O ser humano está em uma etapa da história como nunca vista, pois

tem a responsabilidade de cessar o risco de morte e exercer a própria liberdade, pois "é para liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1).

O objetivo é planejar as ações para o quadriênio 2021-2024. A coordenação está propondo uma série de ações formativas que terão como tema articulador a "Água". O tema foi escolhido porque, além do seu simbolismo religioso de vida, regeneração e batismo, destaca a interdependência e propõe várias abordagens socioambientais, sendo que a questão da crise hídrica, no Estado de São Paulo, vem se tornando uma ameaça real. Os mesmos motivos que causam a falta de abastecimento de água nas cidades e o aquecimento global, também resultam em outras injustiças sociais. Além disso, a intenção do projeto, que está sendo construído coletivamente com participação das lideranças diocesanas, é propor um novo olhar para os córregos, as nascentes e os rios, afetados pela urbanização e pela questão sanitária. É importante lembrar que a temática da água possibilita também pensar no impacto da ação humana nos oceanos. O Estado de São Paulo tem uma costa marítima, onde a preservação ambiental sofre pressão do crescimento das cidades e do turismo. Busca-se uma interação ser humano/Casa Comum, realmente sustentável.

O tema água também propõe repensar outras inúmeras questões ambientais, como os resíduos, a poluição, a qualidade e a quantidade das águas para

a produção de alimentos. Enfim, este tema funciona como “óculos”, por excelência, para se contemplar e refletir sobre uma das principais mensagens da Encíclica *Laudato Si'*: “Tudo está interligado” (LS, n. 91).

Outra proposta da Pastoral Ecológica Integral é propiciar a criação de subsídios para encontros e materiais formativos, levando-se em consideração a divisão do Regional Sul 1 CNBB, em suas 7 sub-regiões (49 dioceses e 3 arquidioceses), e a divisão do Estado de São Paulo, em suas 22 Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos, permitindo e respeitando as características regionais, ambientais, históricas, culturais e identitárias do Estado mais populoso do país, à partir de um olhar territorial que abranja as bacias e micro-bacias hidrográficas.

Dessa forma, uma das intenções é fomentar a participação ativa das leigas e dos leigos nos Comitês de Bacia, Conselhos Municipais entre outros, por meio dos grupos nas dioceses, movimentos ecumênicos, universidades, escolas ou outros grupos que assumam este papel representativo de protagonismo socioecológico nas políticas públicas. O ponto de chegada é único: a defesa da vida. Por isso, todos os caminhos de diálogo são bem-vindos. Assim como a água na natureza é encontrada em diferentes estados, toda diversidade de pensamento disposta ao bem comum é aceita.

Os trabalhos da Pastoral da Ecologia Integral da Regional 1 da CNBB mantém um calendário de reuniões e atividades que estão presentes no seguinte site: <https://cnbbsul1.org.br/pastoral-da-ecologia-integral/>. Nele, existe um link para a inscrição das iniciativas dos grupos existentes nas dioceses e ou sub-regiões do Estado. As atividades apresentadas no site promovem apoio para a formação de novos grupos, por meio de encontros formativos. Como os eventos propostos para a celebração do Dia Mundial da Água, em 22 de março, com palestras, exibição de vídeo e roda de conversa. Dúvidas e esclarecimentos podem ser obtidos pelo e-mail: ecologaintegral@cnbbsul1.org.br.

Imagem 1: Cartaz da Programação da Semana da Água 2021.



Fonte: Pastoral da Ecologia Integral, CNBB Sul I. 2021.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

PASTORAL NO CAMPO DA PROMOÇÃO HUMANA E SOCIAL: A PROPOSTA DO CENTRO DE AÇÃO SOCIAL DIVINA MISERICÓRDIA

Ir. Emily Luci Buch, ascj, e Rafael Matos dos Santos Vieira

IR. EMILY LUCI BUCH, ASC

Religiosa do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Integra a equipe de coordenação do Centro de Assistência Social Divina Misericórdia (CASDM), em Curitiba - PR.

RAFAEL MATOS DOS SANTOS VIEIRA

Agente de pastoral no Centro de Assistência Social Divina Misericórdia (CASDM), em Curitiba - PR.

1. COMO OVELHAS SEM PASTOR

A palavra *pastoral* tem sua origem no termo pastor (CUNHA, 2007), que é aquele que guia as ovelhas, levando-as ao pasto. Ela é utilizada muitas vezes na Bíblia, sendo aplicada geralmente aos dirigentes do povo seja no âmbito político ou religioso, e inclusive ao próprio Deus (Salmo 23,1; Ez 34,15). Ao confiar-lhes seu povo, Deus espera que os pastores o conduzam de forma segura, como bons pastores, que o apascentem, dando a ele o alimento, o descanso e a proteção necessários para que o povo tenha uma vida em plenitude (Jo 10,10).

O Novo Testamento nos ensina que o serviço pastoral por excelência é o de

Cristo. Ele chama cada um de nós de maneira singular (Jo 10,2-3) e acolhe-nos integralmente (Mt 11,28), curando e libertando-nos de todo pecado (1Pd 2,24-25) que tenta impedir a nossa comunhão com Deus e com as pessoas. O próprio Cristo se apresenta como o bom pastor, que conhece, chama e cuida das suas ovelhas, ao ponto de dar a vida por elas (Jo 10,11).

Porém, além de sermos cuidados pelo nosso Pastor, somos também chamados a pastorear parte de seu rebanho, pois vocacionados para a fraternidade (FT, n. 26), como filhos e filhas de Deus, somos convidados a cuidar uns dos outros, especialmente dos que mais sofrem. Este

amor mútuo, que nos torna discípulos de Jesus Cristo (Jo 13,35), impulsiona-nos a esperarmos a eternidade, construindo hoje o Reino de Deus por meio do serviço ao próximo, ajudando-o em suas necessidades (Lc 10,25-37), promovendo-o para que tenha uma vida digna.

As “ovelhas” de hoje, como antigamente, continuam sendo todas as pessoas que sofrem as mais variadas formas de injustiças, e ficam vulneráveis a todo tipo de violência. As violações de direito que os mais pobres vivem, sejam elas na dimensão econômica, social, política, física, psicológica ou espiritual, explicitam as necessidades pessoais e comunitárias que são supridas ainda de forma muito limitada pelo poder público ou por instituições do terceiro setor.

Quando observamos a realidade, deparamo-nos com dados estatísticos alarmantes, no que se refere ao aumento da pobreza, do desemprego, da desigualdade social e racial, da violência (IPEA, 2020), dos casos de depressão e suicídio¹. Eles mostram de forma muito objetiva a triste realidade de milhares de pessoas em nosso país. Basta percorrer as periferias, conversando com as pessoas ou observar os comentários nas redes sociais, para perceber que a sociedade como um todo vive uma grande crise de sentido e insensibilidade

para com as diferenças políticas, socioeconômicas e culturais.

// *O ódio ao diferente, dirigido contra pessoas por causa de traços físicos, expressões culturais, vestimentas, língua, vocabulário, dança e religião, encontra nessas características justificativa suficiente para a violência e para a perseguição. No dia 17 de maio o imigrante angolano João Manuel foi esfaqueado por causa de uma discussão relacionada ao auxílio emergencial. Na compreensão de quem o assassinou, ele não teria direito de acessar esse recurso por ser estrangeiro (CONIC, CNBB; CFE, 2021, p. 85).* //

Mesmo durante o período de pandemia, ao invés das pessoas buscarem uma boa convivência, aumentaram, por exemplo, os casos de violência doméstica (AMAZÔNIA REAL et al., 2020), em que as vítimas são na maioria das vezes, mulheres, crianças e pessoas idosas; isso demonstra como a falta de bons “pastores” que protegem e cuidam, seja na família, seja por parte do poder público, tem sido cada vez mais recorrente². Aos que assumem a tarefa de “pastorear” o povo e não o fazem, cabe a denúncia feita pelo profeta Ezequiel aos líderes de Israel que deveriam

1 Ocorrem cerca de 12 mil suicídios no Brasil todos os anos. Fonte: www.setembroamarelo.com.

2 Entre março e abril de 2020, meses em que o isolamento social foi mais forte, os casos de feminicídio aumentaram 5%, em relação ao mesmo período em 2019. Somente nesses dois meses, 195 mulheres foram assassinadas, enquanto em março e abril de 2019 foram 186 mortes (CFE 2020, 34).

cuidar das pessoas, mas só se importavam consigo mesmos:

// *Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não dão remédio para as que estão doentes, não curam as que se machucam, não trazem de volta as que se desgarram e não procuram aquelas que se extraviaram. Pelo contrário, vocês dominam com violência e opressão. Por falta de pastor, minhas ovelhas se espalharam e se tornaram pasto de feras selvagens (Ez 34,5-6).* **//**

Em especial, destacamos a vulnerabilidade social experimentada pelas crianças, pelos adolescentes e por pessoas idosas. Segundo dados da Fundação Abrinq (2020), cerca de 20 milhões de crianças e adolescentes, no Brasil, vivem em famílias com rendimento abaixo de ½ salário mínimo, sendo que dessas quase 170 mil estavam fora da escola e mais de 21 mil sofreram algum tipo de violência sexual. Em relação à população idosa, os dados do IBGE (2010), mostravam que, em Curitiba, 1662 pessoas viviam com renda inferior a ½ salário *per capita*, número que certamente aumentou com a pandemia. No que tange à violência, o relatório da Rede de Proteção

do Município (WOLMANN *et. al.*, 2020) aponta que, em 2019, foram notificados 570 casos de violência contra pessoas idosas, porém, sabemos que esse número é muito maior, pois nem todos os casos de violência são denunciados e/ou notificados e a violência aumentou também por conta da pandemia.

No Centro de Assistência Social Divina Misericórdia - CASDM³, estas pessoas são a nossa prioridade no atendimento, por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), cujo objetivo é justamente prevenir situações de risco. Nele, o setor de pastoral atua em conjunto com a equipe técnica e pedagógica, desde o planejamento até a realização e avaliação de grande parte das atividades.

O SCFV é um serviço socioassistencial, de ação continuada, de caráter protetivo, proativo e preventivo, assegurando espaços de referência e de participação, de relações de afetividade, de respeito e de autonomia, que garantem a ampliação do universo cultural dos usuários, o acesso à tecnologia e a experimentação da participação na vida pública; nele atendemos crianças, adolescentes e pessoas idosas, em situação “de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, do precário ou nulo acesso aos

3 O Centro de Assistência Social Divina Misericórdia (CASDM) é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que cumpre uma função social e tem como objetivo gerar serviços de caráter público para a comunidade da Cidade Industrial de Curitiba, visando atender suas necessidades e minimizar as diferenças sociais.

serviços públicos, da fragilização de vínculos de pertencimento e sociabilidade e/ou qualquer outra situação de vulnerabilidade e risco social” (CNAS. Res. nº 109/2009).

2. CONTEXTO DA SOCIOEDUCAÇÃO

O SCFV, como espaço de formação e promoção humana e social para crianças, adolescentes e pessoas idosas, insere-se no âmbito da Educação Social e Educação não formal. Para Ortega (apud DIAZ, 2006), toda a Educação é, ou deve ser, social, e não será autêntica se não se forma o indivíduo para viver e conviver em comunidade, se não promove relações interpessoais maduras, se não aponta para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. A educação social insere-se no contexto da trajetória da vida, e também, “deve concretizar-se em espaços e tempos distintos dos da educação escolar” (ORTEGA apud DÍAZ, 2006, n.p).

O mesmo autor apresenta em seu artigo diferentes perspectivas da Educação Social. Aqui destacamos aquelas que estão presentes no trabalho socioeducativo realizado no SCFV, a saber: como socialização (torna possível a integração social do sujeito ao grupo); como aquisição de competências sociais (formar os indivíduos para uma ativa participação social); como formação política do cidadão (entendendo-se a política como forma de ser, de se posicionar e tomar decisões no grupo/sociedade diante de qualquer situação); como prevenção (a ação educativa no contexto social visa

ao fortalecimento de valores, vínculos e ações que previnam o risco social); como trabalho social educativo (a Educação Social dá às atividades assistenciais uma nova dimensão que gerará um compromisso de mudança no sentido de uma sociedade mais justa); como ação profissional qualificada (somente profissionais qualificados dispõem de recursos teórico-práticos para identificar e propor soluções aos problemas dos grupos por eles acompanhados); por fim, como ação educadora da sociedade (instrumento de inclusão social e recurso para melhorar a própria sociedade).

Dentro da ação evangelizadora da Igreja, a Educação se apresenta como um dos campos privilegiados de formação dos discípulos missionários de Jesus. Segundo o Documento de Aparecida (CELAM, 2008), a Educação

// humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e de comunhão com a totalidade da ordem real, pelas quais o próprio ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história. (CELAM, 2008, DA, n. 344). //

Assim, é preciso questionar e fazer o contraponto às escolas e aos espaços educativos católicos que, numa visão reducionista, meritocrática e precon-

ceituosa, simplesmente culpam dos próprios males, os pobres e os países pobres, “e pretendem encontrar a solução numa ‘educação’ que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos” (EG, n. 60).

O CASDM acredita na Pedagogia social crítica como principal ferramenta para transformar a realidade das crianças, dos adolescentes e das pessoas idosas atendidas, uma vez que respeita a sua história de vida e o contexto em que estiver inserido. Esta Pedagogia tem um olhar integral sobre o sujeito,

“*fundamentada no pressuposto de planejar e executar novas propostas que resultem em mudanças de paradigmas e transformação do indivíduo, ... proporcionando a promoção dos direitos e deveres, além da autonomia e do senso crítico por meio de uma relação dialética e dialógica... na qual o educando seja o protagonista da própria história (PASSOS, 2017, p.3).*”

De acordo com o Papa Francisco, “torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG, 64). Por isso, no SCFV, visamos à formação de cidadãos autônomos, capazes de atuar sobre a sua própria realidade, e responsáveis, que se tornam multiplicadores de ações que promovem e defendem a vida, pois ao promover e valorizar sua vida, o indiví-

duo acaba sensibilizando e estimulando outras pessoas a fazerem o mesmo.

Dentre os princípios norteadores de nossa prática socioeducativa, está a Pedagogia libertadora, baseada no diálogo que nasce do amor verdadeiro às pessoas, a qual é apresentada por Paulo Freire como base para transformar o mundo:

“*[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro [...]. Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. [...] O amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa de libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 1987, p.45).*”

Assim, os educadores dos projetos do CASDM esforçam-se para colocar em prática e ensinar aos usuários do SCFV o diálogo, como ferramenta principal de uma Pedagogia libertadora, a qual forma sujeitos transformadores e protagonistas de sua própria história.

O ato de dar impulso, fomentar, originar e gerar refere-se a significados da expressão “promover” (FERREIRA,

1986). Tais significados se concretizam em estratégias e ações intersetoriais nos espaços de SCFV, tendo em vista a promoção humana e social de crianças, adolescentes e idosos em situação de vulnerabilidade social.

Com base nessas concepções, o CASDM se propõe a realizar um serviço socioeducativo libertador, de forma crítica, criativa e consciente, para além dos cuidados assistenciais, embasado no direito de liberdade de cada indivíduo, de ser respeitado e tratado com dignidade, buscando assim, desenvolver um efetivo trabalho de promoção humana e social.

3. A PROPOSTA PASTORAL DO CASDM

Desde sua fundação, o CASDM procura pautar suas ações nos valores do Evangelho. Por isso, na orientação de seus trabalhos assistenciais, assume a visão do homem criado à imagem e semelhança de Deus, e traça os objetivos a partir de uma pedagogia que se dirige a cada pessoa de modo a potencializar a sua iniciativa, sua responsabilidade, sua espiritualidade, num compromisso responsável e livre com a comunidade social onde está inserida. Com a coragem e o ideal que emanam do Carisma da Bem-Aventurada Clélia Merloni, fundadora das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, o CASDM assume esta proposta pastoral e sociopedagógica que responde e desafia a quantos procuram um trabalho social sério e transformador.

O CASDM tem como modelo inspirador o Coração Misericordioso de Jesus, que

se aproximava das pessoas sem fazer discriminação, acolhia e dirigia sua palavra a todos e a todas; por isso, os projetos pastorais da instituição têm como mística e lema inspirador o exemplo de Jesus que “crescia em estatura, sabedoria e graça” (Lc 2,52). Assim, nosso trabalho socioeducativo visa à formação dos sujeitos de forma integral, proporcionando seu desenvolvimento físico e psíquico (estatura), além do aspecto cognitivo, intelectual e relacional (sabedoria). Acreditamos, também, que o ser humano tem ainda outra dimensão essencial, a qual precisa ser trabalhada para que cresça de maneira equilibrada e harmoniosa: a dimensão espiritual, que diz respeito à sua relação com o transcendente, com o sobrenatural, com Deus (graça).

Entendemos também que é premente a necessidade de repensar nosso estilo de vida, enquanto seres humanos que dependem da Terra para sua sobrevivência. Portanto, é preciso empreender esforços no sentido de educar as novas gerações e reeducar adultos e idosos, a fim de formarmos em todos uma consciência mais ecológica, menos agressiva com o meio ambiente, com os demais, com a vida, e sermos mais éticos e responsáveis, respondendo assim ao “urgente desafio de proteger a nossa Casa Comum” (LS, n. 13).

Uma das características da pós-modernidade é a crise ou perda do sentido da vida, denominada por Frankl como “*síndrome da falta de sentido*”, cujo sintoma

é um sentimento indeterminado de angústia, de vazio, pela ‘falta de conteúdo’ para a própria existência” (MIGUEZ, 2015, p. 10). Com isso, o ser humano busca preencher o vazio existencial de diversas formas. Do ponto de vista pastoral, compreendemos que esta busca acontece de forma inadequada quando coloca o ter e o prazer acima do ser. Também no âmbito da fé, as pessoas têm demonstrado uma postura idêntica ao modelo econômico capitalista e consumista, o qual tem seduzido a tantos no mundo atual. “Excessiva importância é dada aos ‘sentimentos interiores’ que correspondem a gostos pessoais. O mundo religioso virou uma espécie de supermercado em que o freguês escolhe o que quer, comprando produtos religiosos de marcas diferentes!” (MATOS, 2003, p. 242).

Diante dessa realidade, a equipe do CASDM assume o compromisso de ser como o “pastor” que cuida do ser humano de forma integral, não descuidando de sua dimensão espiritual. Assim como Jesus que, “vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36), temos a consciência de que precisamos agir como o nosso Mestre. Olhar a multidão que sofre e está fraca porque perdeu o sentido da vida, e procurar meios de orientá-la e fortalecê-la.

Entendemos que a coerência entre o pensar, o sentir e o agir de forma positiva diante de tantos desafios que o

mundo nos apresenta, é o melhor testemunho que podemos dar ao nosso público atendido. “O homem contemporâneo acredita mais nos testemunhos que nos mestres” (ASCJ, XIII Cap. Geral, n. 43) e, como diz Madre Clélia, “os bons exemplos arrastam mais facilmente para o bem do que os discursos, ainda que estes sejam belos e convincentes”. Acreditamos na mensagem que trazemos ao mundo, experimentamos a sua força que nos impulsiona a fazer o bem a todas as pessoas.

Para a realização de uma ação pastoral de comunhão e participação (BRIGHENTI, 2006, p. 37), que seja eficaz frente aos desafios que encontramos, cada colaborador da entidade é chamado a ser uma presença evangelizadora, pelo seu testemunho de alegria e amor-serviço. Outra prática importante acontece, sobretudo, em momentos que exigem um aconselhamento pastoral, principalmente entre os adolescentes e jovens.

De forma estruturada, são desenvolvidos quatro projetos permanentes pela Pastoral que atingem todas as pessoas que fazem parte do CASDM. O primeiro é o projeto **#Amái-vos!** Voltado especialmente para os colaboradores e as famílias. Busca evangelizar por meio da realização de encontros periódicos para oportunizar momentos de reflexão sobre a Palavra de Deus, os pensamentos de Madre Clélia ou documentos/temas propostos pela Igreja ou por outros autores que estejam em sintonia com a missão e os valores institucio-

nais, além da convivência com base nos valores cristãos. O segundo é o projeto **#Alegrai-vos!** Com esta ação, desenvolvemos a pastoral junto às crianças, com atividades como músicas, histórias e orações, buscando despertar nelas o desejo de conhecer melhor e se aproximar do Amigo Jesus. O terceiro é o projeto **#Boralá!** Tal ação visa envolver os adolescentes e jovens em ações que promovam o protagonismo juvenil, a empatia e a fraternidade dentro e fora do CASDM. O último é o projeto **#Saberviver!** Voltado para os idosos, procura ser um espaço de troca de experiências por meio do diálogo, do estudo da Bíblia e da produção de vídeos, nos quais os próprios idosos colaboram em todo o processo de elaboração de uma “novela” que se chama Viver e Conviver.

Todas estas ações têm a caridade (I Cor 13,4-7) como eixo central, que justifica e impulsiona os trabalhos realizados em todos os setores da instituição. Dessa

forma, o CASDM em pastoral, busca ser fiel em relação à mística (Lc 2,52), que motiva todas as nossas ações e se coloca como um pequeno instrumento nas mãos de Deus, para contribuir na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, onde todas as pessoas possam ter dignidade e equidade, ao acessarem os nossos serviços. Acreditamos que, desta maneira, o Reino de Deus já se faz presente aqui no meio de nós.

Ainda que simples e frágil, acreditamos que nossa ação pastoral e social seja como a pequena semente de mostarda do Evangelho (Mc 4,30-32), invisível aos olhos humanos, mas capaz de “fundar entre nós a justiça que torne impossível aceitar relações e realidades que incentivem a morte e que não lutem a favor da vida, quando esta se vê ameaçada. Apesar de frágeis, podemos caminhar em comunidade tendo a esperança no Reino como força” (PINTO e GOMES, 2020, n.p).

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA REAL *et al.*. Um vírus e duas guerras: Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19. **Ponte**, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3qN7pUQ>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ASCJ. XIII Capítulo Geral. **A Apóstola do SCJ na Igreja hoje**: Carisma e Missão, n.43.

BRASIL. **Atlas da Violência - IPEA**. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: www.ipea.gov.br/atlasviolencia. Acesso em: 20 dez. 2020.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Pastoral**. Editora Paulus. São Paulo, 1990.

BRIGHENTI. Agenor. A pastoral de comunhão e participação. **Ameríndia**, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3n7gLP>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CNBB. **Texto base da Campanha da Fraternidade 2020: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso.** Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONIC/CNBB. **Texto base da V Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021: Fraternidade e Diálogo: Compromisso de Amor.** Brasília: Edições CNBB, 2020.

CNAS. **Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais.** Res. nº 109/2009.

CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007, p. 585.

DIAZ, Soriano. Uma Aproximação à pedagogia - educação social. **Revista Lusófona de Educação**, 7, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2KfjyB6>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 2007. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Aurélio B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986. Apud Czeresnia D, Freitas. Op. cit. Ref. 41. Disponível em: <http://www.fo.usp.br/wp-content/uploads/AOconceito.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Carta Encíclica *Laudato Si'*.** Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Ed. CNBB, 2015.

_____. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.** São Paulo: Paulus, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO ABRINK. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, 2020.** Disponível em: <https://bit.ly/3oF9oce>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MATOS, Henrique C. J. **Nossa História.** 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 3 – Período Republicano e Atualidade. São Paulo: Paulinas 2003.

MERLONI, M. Clélia. **Um Coração nos ama.** Vol. 3, Carta 24.

MIGUEZ, Eloisa M. **Educação em Viktor Frankl:** entre o vazio existencial e o sentido da vida. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3m5QBos>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PASSOS, Jacy M. **Pedagogia Social:** contribuição à sua afirmação. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2JVan9c>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PINTO, Helder S.S. e GOMES, Vinícius B. Propagando o cuidado: olhares pastorais diante da pandemia. **IHU on-line**, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3m6LwMI>. Acesso em: 20 dez. 2020.

WOLLMANN, Adriane *et al.* **Perfil das notificações de violência interpessoal/autoprovocada no município de Curitiba em 2019**. Curitiba: Secretaria Municipal de Saúde, 2020.

Foto 1: Projeto #Alegra-vos, CASDM.



Fonte: CASDM, 2020

Foto 2: Projeto #Alegra-vos, CASDM.



Fonte: CASDM, 2020

Foto 3: Projeto #Saberviver, CASDM.



Fonte: CASDM, 2020

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE INTEGRAÇÃO SANTO ESTÊVÃO REI NO ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO NOTURNO NA COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS - SP

Marlene Cristina de Oliveira Santos

MARLENE CRISTINA DE OLIVEIRA SANTOS

Atua na equipe de coordenação pedagógica do Centro de Integração Santo Estevão Rei, na comunidade de Paraisópolis - SP.

Desde que se instalou no Morumbi, bairro localizado na zona Oeste de São Paulo – Capital, a comunidade Beneditina do Mosteiro São Geraldo de São Paulo, sensibilizou-se com a situação da exclusão social das famílias carentes residentes em seu entorno.

Assim, já no distante ano de 1964, a comunidade beneditina, aliando-se às forças populares emergentes da região, decidiu enfrentar a delicada situação criando as Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo, para o atendimento em gêneros alimentícios e auxílios financeiros, as famílias que não tinham suas necessidades básicas su-

pridas, possibilitando assim a reunião de pessoas com situação de vida similar, abrindo um espaço para discussão e busca de soluções dos problemas sociais e comunitários.

Por meio deste atendimento às famílias, foram manifestando-se outras necessidades e, a partir daí, novos trabalhos foram criados, para o atendimento de crianças e adolescentes, surgindo as Unidades para o atendimento socioeducativo.

As Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo caracterizam-se como uma associação sem fins lucrativos e de caráter estritamente educacional, cultu-

ral e de assistência social, tendo como missão criar condições e oportunidades para crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, que vivem em situação de risco, cresçam como pessoa humana e conquistem seus direitos vitais, como o trabalho, a moradia, a alimentação, a saúde, a educação, o vestuário, a higiene e o lazer.

Hoje, com mais de 50 anos, com um quadro de colaboradores especializado e com a parceria de inúmeros voluntários, desenvolve diferentes atividades sociais, educativas, afetivas e espirituais, contribuindo com o desenvolvimento pleno de seus assistidos.

As unidades das Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo estão localizadas na região do Morumbi, bairro famoso por apresentar um enorme contraste social e ímpar nas diversidades culturais e econômicas, além de abrigar duas das maiores comunidades excluídas de São Paulo, as comunidades de Paraisópolis e Jardim Colombo.

Os 640 atendidos pelas Obras Sociais estão divididos da seguinte forma nas suas respectivas unidades:

- Centro de Educação Infantil Dom José Gaspar: 155 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses;
- Centro de Educação Infantil Santa Escolástica: 226 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses;
- Centro de Educação Infantil Santo Estêvão Rei: 159 crianças de 0 a 6 anos;
- Centro de Integração Santo Estêvão Rei: 100 crianças de 0 a 13 anos.

Os projetos desenvolvidos nessas 3 unidades fazem das Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo uma associação reconhecida e respeitada por todos seus atendidos, colaboradores, parceiros e órgãos públicos, porém a unidade Santo Estêvão Rei vem ganhando a admiração da sociedade por possuir um grande diferencial com seu projeto inovador realizando atendimento noturno.

O Centro de Educação Infantil e Centro de Integração Santo Estêvão Rei foi projetado e construído em resposta a solicitação da população, carente de local adequado para deixarem seus filhos enquanto se dedicam as atividades profissionais, ou mesmo para que pudessem investir em seus estudos, uma vez que hoje a escolaridade é fundamental para o exercício de uma função no mercado de trabalho. O Centro de Educação Infantil funciona das 07h15 às 17h; e o Centro de Integração, das 17h30 às 23h30.

Grande parte das famílias assistidas vive em situação de alta vulnerabilidade e risco social. Portanto, desde o processo de seleção, os aspectos de maior fragilidade são acolhidos por nossa gestão de maneira a compreender as reais necessidades de cada família assistida, para que encaminhamentos possam ser dados, seja para CRAS, para o Conselho Tutelar, para o AMA de Paraisópolis, para o Projeto Einstein, na Comunidade, e/ou outros parceiros da rede, além de orientar a equipe local para uma acolhida de qualidade.

Autonomia e protagonismo são considerados, em nosso atendimento, como aspectos fundamentais para o desenvolvimento do SER, para reversão de um quadro de desigualdade social e para que, de forma ativa e participativa, todos os envolvidos possam ir se emancipando, desenvolvendo a autodeterminação e conquistando espaço no mundo, a partir de suas necessidades, valores e expectativas.

Nesta perspectiva, crianças, adolescentes e adultos encontram espaço para atuarem de forma ativa, tendo sua cultura valorizada e sendo motivados a irem a busca de seus direitos e necessidades.

Para isto, as famílias além do atendimento individualizado, sempre que necessário, participam de atividades como escola de pais, onde mensalmente são convidadas a participarem de encontros reflexivos e dinâmicos com abordagem de temas diversos, além de, uma vez por ano, serem convidadas a participarem de uma sequência de encontros exclusivos para avaliação do trabalho desenvolvido na Unidade Educacional, bem como para participarem do plano de ação para melhoria do atendimento a partir dos Indicadores de Qualidades que são apresentados e discutidos com todos.

Paralelamente ao trabalho realizado com as famílias, as propostas e os ambientes educativos na Unidade Santo Estevão Rei permitem aos bebês, às crianças e aos adolescentes, espaços de investigação enriquecedores, instigantes e cheios

de oportunidades para que se desenvolvam de forma gradativa e atribuam significados a objetos e fenômenos que os cercam, desenvolvendo suas habilidades e ampliando suas aprendizagens, pois compreendemos que agem, enquanto pensam; expressam, enquanto exploram; sentem, enquanto se maravilham com as descobertas; e constroem conhecimentos, enquanto vivem suas experiências, contribuindo, assim, com seu desenvolvimento de forma plena e significativa.

O pensamento e as expressões dos bebês, das crianças e dos adolescentes são tratados amorosamente e com os devidos cuidados, de forma a ir se estruturando e permitindo a evolução do desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e espiritual.

Considerando que grande parte das crianças atuam durante o dia em escolas de Educação Infantil ou do Ensino Fundamental, as propostas realizadas no atendimento noturno exploram diferentes linguagem e se constituem com bastante ludicidade, por meio das oficinas de educação emocional, social e espiritual, arte, música, dança, literatura e movimento.

O trabalho Pastoral realizado nas Obras Sociais se fundamenta nos princípios da espiritualidade cristã beneditina e define os parâmetros para uma formação humana e religiosa das crianças, dos adolescentes, dos familiares e dos colaboradores. Esta opção define as ações centradas na vida de trabalho e oração, constituindo uma escola de serviço ao Senhor.

O projeto tem uma sequência de propostas que balizam o percurso vivido de forma significativa, amorosa e prazerosa trazendo o verdadeiro sentido de viver uma vida cristã. Crianças, adolescentes e adultos vão adquirindo oportunidades que servem como alimento espiritual e contribuem com a construção de uma rotina de vida permeada em valores e práticas cristãs.

Dentre as inúmeras ações, destacamos: Momento Ora com os adultos que é alimentado diariamente com a Oração da Comunidade, além do exercício da partilha e reflexão com os colaboradores. As reflexões do Momento Ora são transformadas em áudio com a leitura e reflexão realizada em revezamento pelos colaboradores das Obras Sociais. Esses áudios são editados e compartilhados para as famílias das comunidades assistidas que também são motivadas a se nutrir com alimento espiritual. Os colaboradores também demonstram grande prazer e se sentem responsabilizados por socializar este alimento em seus grupos sociais, levando a Palavra de Deus a um número maior de pessoas. Os pequenos também vivem diariamente o Momento Orinha, com tanta competência, elevando seus coraçõezinhos a Deus, vivendo a prática da oração, aprendendo desde a mais tenra idade o valor de se entregar a Ele.

Como afirma Gisele, uma das educadoras:

“ Esse momento é muito especial e esperado todos os dias. Em roda realizamos um diálogo onde

todos podem contribuir com suas intenções e agradecimentos. As crianças realizam esse momento demonstrando sua fé ao colocar as famílias, amigos e nossa escola em oração, são diversas intenções, porém todas com o mesmo objetivo, a proteção e o cuidado de Deus. Com a pandemia as intenções para que Deus nos livre do coronavírus tem sido diária. As crianças também demonstram se preocupadas, mas ao mesmo tempo, demonstram uma fé alimentada na confiança em Deus. //

Selecionamos, também para nosso Momento Orinha, valores beneditinos que são distribuídos nos meses do ano, permitindo, em parceria com as famílias, diálogos e práticas de virtudes pautadas nos ensinamentos de Jesus. São eles: Acolhida, Hospitalidade, Honestidade, Verdade, Amor, União, Trabalho, Organização, Obediência, Respeito, Bondade, Amizade e Paz.

A bênção da mesa também é uma prática diária vivida pelas crianças, pelos adolescentes e colaboradores do CEI SER.

Os Projetos religiosos iniciam com o Tempo da Quaresma, ensinando as crianças a praticar os valores que este tempo da Igreja ensina (Oração, Jejum, Perdão). Destaca-se o projeto de Páscoa, onde as crianças, com muita competência, vão ajudando a preparar cada detalhe da celebração pascal. Enquanto

trabalha, pesquisa, aprende, brinca, diverte-se e vivem a solidariedade levando para a comunidade mensagens de amor e esperança, lembrando a ressurreição de Cristo.

Em maio, tem relevância o dia das mães, ressaltando a mãe de Nosso Salvador, a Virgem Maria que é coroada na celebração com os Monges do Mosteiro.

Em junho, os Santos Juninos ganham destaques e trazem grandes exemplos e alegria a garotada. Diversas culturas brasileiras são trabalhadas e encenadas pelas crianças e adolescentes que aprendem a importância de cada Santo na vida dos povos.

Em julho, a solenidade está centrada na festa do padroeiro São Bento.

Em outubro, tem destaque a festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida. No final do mês, introduzimos o trabalho sobre todos os santos, por meio de diversas dinâmicas que levam as crianças e os adolescentes a ampliarem o repertório das histórias santas.

O ciclo do ano se encerra com o advento, preparando o Natal de Jesus.

Ao mesmo tempo em que todos os assistidos são convidados e motivados a praticar os projetos, a refletir e praticar valores, a viver uma vida de oração, são também motivados a colocar as reflexões em prática por meio de atividades artísticas e por meio de práticas solidá-

rias, levando para o mundo os ensinamentos de Jesus de forma bela e plena.

Todas as celebrações culminam em belíssimas atividades artesanais e teatrais, que envolvem todos os participantes numa sinergia que entrelaça os saberes de cada um com os aprendizados e a interiorização de novos hábitos por meio dos valores que vão sendo cultivados amorosamente nos corações e nas ações de todos os envolvidos, sejam as famílias, sejam as crianças e os adolescentes e ou os colaboradores.

É muito gratificante perceber o quanto as famílias e os colaboradores se beneficiam com as atividades pastorais praticadas ao longo do ano. Seguem alguns depoimentos:

// *O Momento Ora motivado pelos Monges do Mosteiro tem sido uma benção na minha vida e da minha família. A oração está mais presente em nosso lar, nos levando a ter mais intimidade com Deus, a conhecer a palavra com mais profundidade e a praticá-la, exercendo a solidariedade. //*
(Depoimento sobre o Momento Ora, Cristiane de Oliveira, educadora na Unidade e mãe de Joaquim)

// *Poder deixar meus filhos no Centro de Integração Santo Estevão Rei no período noturno me permitiu ter a tranquilidade de poder estudar depois de um*

longo dia de trabalho, pois sabia que meus filhos estavam sendo bem cuidados, que não faltaria alimentação para eles e que eles estariam aprendendo muitas coisas boas. Eles gostam muito deste lugar, como se fosse sua própria casa. Me sinto muito apoiada pelos profissionais do CEI SER nas dificuldades que muitas vezes tenho que enfrentar com minha família. //
(Depoimento sobre o atendimento noturno, Jucineide Pereira Santana, mãe de Roberta, Robert e Sara)

Depoimentos como esses são constantes e nos enchem de orgulho e alegria, pois a missão desenvolvida pelos Monges do Mosteiro São Geraldo de São Paulo, mantém acesa a esperança e transforma a vida de centenas de famílias, apresentando resultados de excelência em sua experiência de responsabilidade social, causando grande impacto na comunidade e transformando realidade de alta vulnerabilidade social em um cenário cheio de esperanças e potencialidades reveladas.



Fonte: Acervo das Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo.



Fonte: Acervo das Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo.



Fonte: Acervo das Obras Sociais do Mosteiro São Geraldo de São Paulo.



ENTREVISTA

PE. DEVANIL FERREIRA – OBLATOS DE SÃO JOSÉ

A experiência missionária na Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique¹

Primeira palavras...

Sou Pe. Devanil Ferreira, tenho 54 anos, sou natural de Cambira, Paraná. Estou na Congregação dos Oblatos de São José há 35 anos e aqui, em Moçambique, há quase 7 anos, desde 06 de maio de 2014. Como oblato de São José, estou há quase 1 ano e meio sozinho aqui nesta missão. Sou pároco, coordenador da missão, encarregado do internato, diretor geral da escola, faço o serviço de animação vocacional na diocese, o serviço de animação vocacional da congregação, sou tesoureiro da CRB dos religiosos a nível estadual, entre outros serviços que vão surgindo por aqui. Todos esses trabalhos, bastante exigentes, na nossa missão aqui. Urgentemente estamos esperando a chegada de outros padres, mas devido a pandemia não conseguiram chegar.

Os Oblatos assumiram duas paróquias: a Paróquia Imaculada Conceição de Marara, comunidade no interior (podemos dizer na aldeia), e a Paróquia São José, na cidade de Tete, a capital do Distrito. Depois, assumimos a Paróquia Santa Maria, na província de Mampula, a 1.500 km de onde nós estamos. No mês de fevereiro de 2021, concluiremos a construção de um seminário, onde teremos a formação propedêutica e a Filosofia para nossos seminaristas.

A Escola Secundária Comunitária de Marara Centro é uma escola de zona rural e está localizada a 80 km da capital da província de Tete. Nossa escola possui 1.500 alunos, de 8ª classe a 12ª classe. Temos 27 professores. Ela é bastante precária,

¹ Entrevista realizada pela equipe da Revista de Pastoral da ANEC, em 25/01/2021, via gravação de áudio e transcrita para fins desta publicação. As imagens foram concedidas pelo entrevistado, Pe. Devanil Ferreira, OSJ.

por faltar de tudo um pouco. Há, praticamente, 1 ano e 2 meses que chegou a luz elétrica. Essa é a nossa realidade.

Nesta Escola, temos também o Internato com 128 alunos, masculino e feminino. Esses alunos moram distante da escola, nas comunidades do Distrito, e alguns em outras províncias. Eles contribuem com um valor trimestral de 4.000 medicaidos (um salário mínimo por três meses), para eles mesmo custearem a sua alimentação. Eles têm alguns trabalhos como horta, pomar, para terem alguma verdura, para terem o sustento mínimo para o dia a dia. A comida básica diária do internato é farinha de milho, seria quase que o fubá de milho branco, feito uma polenta preparada todos os dias com feijão cozido. Quando se tem couve, come-se couve com polenta, ou então, quando se tem feijão, feijão com polenta. A polenta aqui é chamada de "chima" (feita de milho branco).

A 300 metros, temos outra escola, que seria de 3ª série a 7ª série, com, aproximadamente, mais de 1.000 alunos. Ao redor da nossa missão, circulam aproximadamente 2.500 alunos.

Aqui em Moçambique, para se ter noção das necessidades e de como se vive: Um salário mínimo está 4.266,68 medicaidos (aproximadamente 57 dólares). Enquanto, no Brasil é R\$1.100, que equivale a 15.400 medicaidos. A diferença é bastante grande. Moçambique é um dos cinco países mais pobres do planeta. Então, dá para ter ideia que falta muita coisa estrutural, comida, educação, pessoas capacitadas para desenvolver trabalhos em muitas áreas.

A experiência pastoral na escola: a experiência pastoral que realizada na escola em Moçambique

Como escola, acredito que o grande desafio é a conscientização em vários aspectos humanos, social, religioso e cultural, sobretudo, a começar pelos professores. Outra dificuldade é a língua. Embora, sabemos que a língua oficial em Moçambique é a língua portuguesa, lembramos que tem 23 línguas diferentes, um grande desafio para a experiência pastoral.

Para a formação, as celebrações e os cursos, até pouco tempo, não podíamos dar uma catequese ou uma formação religiosa. Devido às condições. A escola pertence à diocese e quem paga os funcionários é o governo; então, nós estamos na administração da escola. Eu estou como diretor geral da mesma. A partir deste ano, mudou a gestão e poderemos realizar atividades pastorais e formativas. Com os internos do internato, já estamos fazendo esse trabalho há alguns anos.

Praticamente, todas as escolas grandes de Moçambique estavam na mão do governo, e a maioria das escolas grandes pertence à Igreja, todas foram construídas pelos padres, pelas congregações religiosas. Por exemplo, no caso da nossa diocese, foram os padres jesuítas que construíram. O governo, no tempo da guerra, apossou-se das escolas, então os padres saíram; nacionalizou-se as escolas, e agora está desenvolvendo as escolas com dificuldade, com muita discussão, para a Igreja. Devolve todas destruídas, não há portas, não há janelas, não há telhados, não tem nada de nada, destruiu-se tudo no tempo da guerra. Aqui, na nossa realidade, tínhamos até um trator que no tempo da guerra foi queimado. E nessas casas todas aqui, que pertencem à Igreja, funcionários do governo passaram a morar nelas, e, depois, tem-se a dificuldade para eles saírem dessas instalações para que a pudéssemos organizar, refazer o que destruíram no tempo da guerra. Uma realidade muito triste, receber o imóvel tudo destruído.

Quais os aspectos mais marcantes dessa experiência?

Eu acredito que a falta de pessoal preparado para tocar as atividades. Outra coisa muito forte é a questão de material em todas as áreas, recursos humanos e financeiros, tudo aqui o que é recurso se tem muito pouco. Nós não temos praticamente quase nada, dependemos de alguém que nos ajude, chegue uma doação, de vez em quando, para que possamos levar a escola à diante. Uma escola deste tamanho, e o governo, a partir deste ano, não nos dará nenhuma contribuição para a escola, a própria escola é que deverá gerar seus recursos. O ano passado não se cobrava matrícula de 8ª e 9ª classe. Este ano, então, voltamos a cobrar uma taxa de anuidade, 500 medicaidos por aluno. A escola passou de escola pública para escola comunitária. O governo não ajuda quando a escola é comunitária ou particular, cada um mantém-se sozinho. Serão 7 a 8 dólares por alunos, por ano para manter a escola. Manter em que sentido? comprar giz, apagador, todo o material para funcionamento. Não comprar livros, livros, livros, não há possibilidade de termos livros para fazer esse trabalho.

Na sua percepção, como a dimensão social está integrada no trabalho educativo que realizam?

Na verdade, acaba sendo um trabalho social que está integrado ao trabalho da escola; é mais um trabalho de ajuda temporária e, ao mesmo tempo, essa ajuda imediata. Por exemplo, a escola aqui não tinha água, então, a Congregação fez dois "furos" de água (poços artesianos) de 60 metros de profundidade cada um. Então, temos água na casa paroquial e na casa onde moravam algumas irmãs que eram do Brasil (as irmãs beneditinas da Divina Providência, de Curitiba). Faz um ano que saíram da missão, para outra paróquia. Aqui na missão, eu já estou há

quase um ano sozinho, nem tem nenhum padre que está comigo, nem um seminarista. A questão social é mais na parte matéria, da perfuração dos poços artesianos, a instalação de toda a água, caixas de água, pintura em algumas áreas, algumas pequenas reformas, porque a área da escola é muito grande e, depois, como temos o internato, é necessário também ter alguns colchões para todos esses internos. Então, cada colchão custa praticamente 2.000 medicações, dividido por 75, para ter uma ideia de quantos dólares por cada colchão. Compramos um pouco a cada ano. Esse tem sido o trabalho na área social, educacional que estamos fazendo. E, muito timidamente, um pouco na formação religiosa, espiritual devido toda esta contextualização do sistema do governo, que não poderíamos estar fazendo alguma coisa. Às vezes, nem era tanto o governo, e sim as pessoas que aqui estavam no momento. Conseguimos fazer uma mudança de pessoal, toda a direção da escola, colocar pessoas de nossa confiança e eu, nesse período, consegui trocar todas: diretor da escola, diretor pedagógico, chefe de secretaria, chefe de internato do masculino e do feminino e, também, o gestor da escola, foi tudo totalmente trocado. Assim, a partir deste ano, nós estamos vivendo uma nova realidade, embora, com esta pandemia do coronavírus, não sabemos ainda como será. Nós estamos tendo aula com 600 alunos em turnos alternados, então, as classes que vão fazer exames (10ª e 12ª classe) que estão estudando em dias alternados.

Além dos poços artesianos e das reformas que foram feitas, conseguimos construir aqui, mesmo não tendo a energia elétrica, adiantamo-nos e construímos uma sala de informática. Dentro do povoado, é a primeira sala de informática. A luz elétrica chegou aqui graças ao esforço dos padres oblatos. Nós insistimos muito para que a energia chegasse aqui também na escola. A energia ia passar uns 8km de distância de nossa missão. Eu fui atrás e insisti muito e exigi que colocassem a luz elétrica. São 15 computadores para 1500 alunos. Acreditamos muito na missão, que realmente íamos receber a luz elétrica. No início, a sala de informática funcionou com gerador, com energia elétrica que geramos por um período.

O que você tem aprendido com as crianças moçambicanas? E com as famílias e comunidade?

Eu acredito que mais que aprender e ensinar, é a questão da convivência com esses jovens e as famílias, as comunidades. Mesmo que não conseguimos falar totalmente a língua local, entendo bastante a língua local, a língua da nossa região é o "nyungue". Então, a gente entende bastante e as celebrações, as missas, eu as rezo na língua local, mas eu acho que o mais que ensinar é a convivência, mais do que falar a língua, eu acredito que nós falamos a língua do amor, e isso conta muito. Eu vejo que, pouco a pouco, a comunidade partilha o pouco que se tem, para que

a vida possa acontecer, então, todos os que têm partilham, e do nada acontece o milagre. É dizer Jesus em meio ou Jesus está conosco, já dizia Kiara Luri “Jesus em meio”, então, é a linguagem do amor, estar juntos. Faz termo que, aqui, usa-se “estão juntos”, quer dizer, “estamos com o mesmo pensamento, o mesmo ideal”. O hino de Moçambique diz assim: “Moçambique nossa terra gloriosa, pedra a pedra construímos novo dia, milhões de braços uma só força, oh Pátria amada vamos vencer”. E assim a gente vai levando a vida, a missão no dia a dia.

Quais os desafios que enfrentam no trabalho pastoral que realizam?

O desafio nosso é a falta de material didático, de mídia, praticamente não existe material escrito na língua “nyungue”. Na língua portuguesa existe, então, uma grande defasagem. É a questão de material mesmo. O aluno não tem livro para estudar, mesmo que língua oficial seja a portuguesa, não tem livro didático como se tem no Brasil. No Brasil, o aluno recebe o kit do material que vai estudar, aqui mal o aluno tem um caderno, uma caneta, um lápis, uma borracha, um material, uma bolsa para guardar seu material escolar, não tem nenhum material menos. O grande desafio é a questão do material que, praticamente, é inexistente, estamos vivendo quase o aprendizado da língua falada, nem tanto da língua escrita. Isso acontece na escola e também na catequese, devido ao fato de não termos tantos materiais didáticos. Nossa biblioteca é mínima, não temos praticamente uma biblioteca. Temos um quartinho com alguns livros, esse é o nosso grande desafio e, também, a falta de pessoas que possam orientar. Lembrando sempre que, no país, existem 23 línguas, e isso vai de província para província.

O que você considera que podemos aprender (aqui no Brasil) com a experiência pastoral que vocês realizam?

Eu digo que, no Brasil, vocês têm todas as coisas, as condições, a estrutura, o dinheiro, assim, torna-se muito mais fácil. Aqui os alunos não têm livro, e lá vocês têm todas as condições necessárias, vocês têm as mídias, o lugar de tudo, o ginásio de esporte, todo o conforto, meio de transporte para ir e vir para a escola. Os nossos alunos andam 20km a pé, onde o calor pode chegar a 50 graus, andam todo esse trajeto para vir para a escola, ida e volta, alguns alunos fazem, em média, 20km ou 15km por dia. Nós, aqui, em Moçambique, estamos muito longe de chegar a tudo isso que se tem no Brasil. Em termos de materiais, esses recursos humanos, científicos, pedagógicos, aqui falta muito. Aqui a nossa luta é para ter o mínimo necessário, para algumas coisas, o mínimo necessário. Aqui se fala muito pouco de tantas profissões, às vezes, podemos dizer que acabam tendo poucos sonhos; aí se fala de muitas profissões, de muitos sonhos. Aqui é o contrário, poucas profissões são faladas, infelizmente, pelas condições de vida. Aqui o jovem pensa ser policial, enfermeiro, professor, não passa

disso. Muito triste, um país em que falta tudo, as pessoas não pensam muito além dessas profissões que estão ligadas ao governo, ali tem o necessário, tem a segurança, uma estabilidade para o resto da vida de alguns. Enquanto se for fazer outras coisas, trabalhadores formais não terão assim essa segurança para sua vida, além do mais, a média de vida de Moçambique é uma média de 55 anos de vida, enquanto no Brasil, a média está entre 70 e 75 anos, mais ou menos. Aqui se vive muito pouco, por falta dos recursos de saúde; tem muita doença; poucos remédios; poucos médicos e, além do mais, as pessoas tratam muito com medicamentos naturais. Então, cólera, HIV, por exemplo, são as doenças que mais matam aqui no Moçambique. Se morre muito jovem. Essas são as condições que temos aqui.

Existe um vídeo de um grupo italiano, chamado Santo-Egídio, então, esse grupo intermediou a paz em Moçambique. Então, vai contar um pouco da história de Moçambique. No vídeo, dá para ter uma ideia muito boa do que é Moçambique. Quem quer entender Moçambique tem que assistir esse vídeo, "Santo Egídio – Paz em Moçambique".

Foto 1: Estudantes da Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 2: Grupo de professores da Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 3: Cozinha do Internato. Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 4: Sala de Informática. Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 5: Salas de aula. Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 6: Jogos escolares distrital na Escola Secundária Comunitária de Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.

Foto 7: Grupo de jovens da paróquia. Dia de formação. Marara Centro – Moçambique



Fonte: Acervo de Pe. Devanil Ferreira, 2020.



Estante

**Estudos da CNBB 112:
Setor Universidades da Igreja no Brasil:
Identidade e Missão**

Eneida Pereira Bonfim.

A razão de ser da Igreja Católica é evangelizar, levar ao mundo o testemunho e o anúncio da Boa Nova do Evangelho. Vocacionada a evangelizar, ela, a partir de Jesus Cristo e com Ele, busca compreender cada realidade em que está inserida e, assim, discernir caminhos para cumprir sua tarefa missionária.

Na diversa realidade cultural brasileira, com suas complexidades, desafios e oportunidades, tem se destacado, nos últimos anos, o cuidado da Igreja com a comunidade que abarca o vasto âmbito universitário. Por âmbito universitário compreende-se não apenas o espaço físico das Instituições de Ensino Superior (IES) e os seus corpos docente, discente e administrativo, mas “inclui o campo da cultura acadêmica, as produções científicas e culturais, as ideias e os saberes nascidos dentro ou em torno das IES e irradiados para a sociedade” (CNBB, n.40).

É sobre esse “importante papel de diálogo da Igreja com a sociedade, com a cultura e com as grandes perguntas da existência” (CNBB, n.4), presentes no campo da universidade que o novo subsídio da Comissão Episcopal Pastoral para Cultura e Educação da CNBB – Setor Universidades da Igreja no Brasil: Identidade e missão, quer tratar. Fruto de uma construção coletiva, com metodologia sinodal, o subsídio foi realizado a partir de uma escuta dinâmica e de uma sistematização das contribuições coletadas de agentes de pastoral representantes das quatro forças da ação evangelizadora no

Ensino Superior (Setor Universidades Regionais; Movimentos Eclesiais que atuam nesse âmbito; IES Católicas e ANEC, Paróquias e Capelarias Universitárias).

Partindo dessa concepção, ele retrata que as atividades que busquem o seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora nesse âmbito não devem se limitar “à ocupação de espaços no ambiente universitário para a realização de atividades religiosas”. Elas carregam “um multiverso de possibilidades” que querem responder ao chamado do discípulo missionário de “fecundar o chão’ do âmbito universitário, transformando os corações e as estruturas” (CNBB, n.40).

Para tanto, o texto aborda alguns pontos cruciais para o processo de evangelização nesse ambiente e traz pistas de ação, quais sejam: a figura de Paulo enquanto chave de leitura para a missionariedade no âmbito universitário; objetivos e perspectivas do trabalho pastoral nos ambientes de cultura e saber; critérios para formação e articulação dos agentes e dispositivos pastorais nos diferentes cenários do Ensino Superior e a estrutura da organização do Setor Universidades nas IES, nas (Arqui)Dioceses, nos Regionais e na CNBB.

Outro ponto essencial no texto é o aprofundamento da identidade dos eixos norteadores da ação evangelizadora no âmbito universitário – espiritualidade, reflexão e socioeducacional. Eles convidam os agentes de pastoral a uma atuação transversal e integradora. A diversidade de atividades que podem ser realizadas com base nos eixos norteadores e no tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) facilitam o diálogo entre a fé e as culturas.

Essa configuração favorece a compreensão de que não só as atividades de cunho espiritual, como as diferentes manifestações da tradição religiosa, devem ser incentivadas como ações de evangelização, apesar de serem elas que inspiram e sustentam a reflexão e a ação social que brotam da fé.

O texto ressalta, ainda, que a universidade é o lugar do encontro com Jesus Cristo. A partir desse encontro, devemos nos colocar a serviço do outro, “lançados no mundo – e não tirados, [...] vivendo, nas diferentes dimensões da vida, a missão de anunciar o Evangelho” (CNBB, n. 11).

O Estudo 112 relata como é válido e salutar buscar evangelizar, também, por meio dos currículos, suscitando atividades acadêmicas que tratem de temas contemporâneos e/ou ligados à realidade local que façam diálogo com pensadores cristãos e/ou com os ensinamentos da Igreja.

Outro aspecto importante do texto é o destaque dado à pastoral enquanto agente de transformação social. Por ser uma pastoral de fronteira, que abarca uma vasta gama de atores, diversidades, interesses, saberes e identidades, a atividade pastoral nesse ambiente deve ser sempre construída enquanto lugar primordial de diálogo, acolhida e escuta sensível. Assim, estar atento às realidades de vulnerabilidade presentes dentro e fora do âmbito universitário, é imprescindível, bem como, favorecer uma maior conscientização quanto à dimensão de responsabilidade ética, inerente a toda profissão.

Esse texto é um belo e grato retrato da caminhada conjunta que vem sendo construída com as inúmeras expressões eclesiais no âmbito universitário do Brasil. É, também, um convite a todos aqueles e aquelas que desejam ingressar no campo da pastoral universitária, lugar do exercício da alteridade, do respeito à diversidade e da aproximação entre os saberes (fé, ciência, razão, cultura).

ENEIDA PEREIRA BONFIM

Possui graduação em Fisioterapia pela Universidade Católica do Salvador (2000). Especialista profissional em Terapia Intensiva, com área de atuação no Adulto. Atualmente é servidora pública do Hospital Regional de Guanambi.

REFERÊNCIA

CNBB. **Setor Universidades da Igreja no Brasil**: Identidade e missão. Estudos da CNBB 112. Brasília: Edições CNBB, 2019.



Estante

A campanha Amazoniza-te

Paulo Martins

Coordenador de

Articulação da REPAM-Brasil

A Amazônia e seus povos são continuamente alvos de explorações sem limites que colocam em risco toda a vida deste território. Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, tornou-se ainda mais alarmante a situação, uma vez que desmatamentos, queimadas, mineração, grilagem e garimpo, por exemplo, não dão trégua, pelo contrário, parecem ampliar as ações, uma vez que o olhar tende a se deslocar para demandas que, para os povos, é mais urgente: o cuidado e a defesa da vida. Nesse sentido, são urgentes as ações de solidariedade para garantir a existência dos Povos Originários e das Comunidades Tradicionais, em seus territórios e nas cidades da Amazônia, no contexto da pandemia e dos graves ataques à Amazônia.

Sensibilizar a opinião pública brasileira e internacional sobre o perigo a que está sendo exposta a Vida na Amazônia, território e as populações, é o objetivo principal da Campanha Amazoniza-te. Organizada pela Comissão Pastoral da Terra/CPT Nacional e Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil e lançada em julho de 2020, a campanha conta com o apoio e parceria de uma série de organizações eclesiais e sociais, dentre elas a ANEC.

A Igreja vem trabalhando estes temas desde o tempo do Sínodo da Amazônia. As escutas em todo processo sinodal possibilitaram que os povos pudessem registrar seus apelos e suas necessidades, que ganharam grande repercussão em outubro de 2019, quando, na realização da assembleia sinodal, o próprio papa Francisco fez ecoar os gritos da Amazônia e de seus povos para todo o mundo. É no contexto

do pós-Sínodo agora, portanto, que se dá esta ação de mobilizar, ainda mais, as pessoas, organizações nacionais e internacionais para que tenham atenção para esta região e seus povos.

Várias iniciativas importantes, neste sentido, já vêm sendo tomadas pelas lideranças dos povos indígenas e comunidades tradicionais, com uma série de ações; pelos Bispos da Amazônia, que emitiram nota pública com uma série de exigências aos governos estaduais e federal¹; pela REPAM, em nota pública internacional²; por vários artistas em favor dos povos indígenas; pelos cientistas, propondo medidas e que se escutem as demandas da ciência; pelo CIMI; pela CPT; pelas Cáritas e tantas organizações nacionais e internacionais.

A proposta da campanha Amazoniza-te, por sua vez, nasceu como um apelo dos bispos da Comissão Episcopal Especial para a Amazônia da CNBB e da REPAM-Brasil, para que a sociedade tivesse consciência do descaso e destruição em que vinha passando a Amazônia e seus povos, potencializado pela pandemia da Covid-19 e evidenciado nas ações de governo. “A responsabilidade é de todos nós e ultrapassa as fronteiras do Brasil, é o clamor que surge da terra, da floresta, dos rios e lagos, é a súplica insistente, é o pedido à responsabilidade, que brada aos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, que surge das vilas, dos povoados, das periferias e centros urbanos”, afirmou Dom Erwin Krautler, bispo emérito do Xingu e presidente da REPAM-Brasil, na abertura da campanha.

Amazoniza-te se estrutura a partir de três eixos:

1. Vulnerabilidade dos Povos Indígenas e comunidades tradicionais à contaminação pelo novo coronavírus, com destaque para a debilidade no atendimento e na estrutura dos equipamentos públicos de saúde nos Estados e Municípios da região, além das condições de outras regiões do país;
2. Aceleração da destruição do Bioma pelo aumento descontrolado do desmatamento, das queimadas, a invasão de territórios indígenas e das Comunidades Tradicionais pela grilagem, pela mineração, pelo garimpo, pela pecuária e pelo plantio de monoculturas, e pelos efeitos das hidrelétricas sobre as populações ribeirinhas;

1 <http://repam.org.br/?p=4589>

2 <http://repam.org.br/?p=4247>

3. Violação sistemática da legislação de proteção ambiental e desmonte dos órgãos públicos, com atuação intencional do Governo para desregular e ampliar – de forma ilegal – a ação das mineradoras, do agronegócio, das madeireiras e pecuaristas na região.

Para a professora Márcia Oliveira, pesquisadora da Universidade Federal de Roraima e assessora da REPAM-Brasil,

a convocatória 'Amazonizar' propõe a participação ativa de todo o povo em defesa da Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios. São vozes que se somam diante uma realidade de muitas vidas injustiçadas, expulsas de suas terras, torturadas e assassinadas nos conflitos agrários e socioambientais, vítimas de uma política orientada pelo agronegócio e por grandes projetos econômicos desenvolvimentistas que não respeitam os limites da natureza nem a sua preservação.

Inicialmente pensada para ser realizada até a setembro de 2020, a campanha foi ampliada em novas fases de execução e ganhou novos parceiros e apoiadores. “Com a visibilidade, alcance resultados que tivemos nessa primeira etapa da campanha, avaliamos que era preciso continuar o processo e ampliar nossas ações em vista de Amazonizar o Brasil e o mundo”, explicou Ir. Maria Irene Lopes, secretária executiva da REPAM-Brasil.

Segundo a religiosa, como a campanha é fruto também da caminhada sinodal, os meses de outubro e novembro foram dedicados às celebrações de um ano da realização do Sínodo para a Amazônia. “A partir de agora entramos na terceira fase da campanha que, com o apoio das organizações que compõem o nosso coletivo, iremos denunciar as ações violação de direitos dos povos e da natureza, etapa que segue nos meses iniciais de 2021”, completou. A quarta fase da campanha será dedicada ao processo de incidência política, etapa que dura até julho de 2021.

MATERIAIS DA CAMPANHA

Hotsite – Um espaço que reúne todos os materiais da campanha, desde notícias, proposta de ações, artigos e links úteis para o conhecimento sobre a campanha e a Amazônia podem ser encontrados neste espaço, além de materiais para serem usados em redes sociais. Basta acessar: www.amazonizate.org.

Vídeos – Para dar visibilidade às vulnerabilidades e processos de violação dos direitos dos povos e da natureza, foram produzidos uma série de vídeos da campa-

na. As produções contam com depoimentos das populações tradicionais da Amazônia e artistas que apoiam a campanha. Este material pode ser encontrado no canal do Youtube da REPAM-Brasil: www.youtube.com/repambrasil.

Podcast – Ecos da Amazônia é o canal criado para reverberar os sons, as vozes, os sonhos, os desafios, os gritos e as narrativas que vêm da Amazônia e ser casa, colo, solo, abrigo para que as histórias, as vidas, as notícias. A cada semana um novo episódio é lançado com conteúdo jornalístico a partir do chão da Amazônia, levando em conta seus protagonistas e lutadores sociais, construindo narrativas que falem do território, para ele, a partir dele. O podcast pode ser encontrado no site da REPAM-Brasil ou nas principais plataformas de streaming. Confira:

Site da REPAM-Brasil: <http://repam.org.br/?p=5196>

Spotify: <https://spoti.fi/2G6KBwJ>

Google Podcasts: <https://bit.ly/2Eug5w8>

Apple Podcasts: <https://apple.co/3mIAoaq>

Registros da Campanha Amazoniza-te



Revista de
PASTORAL
da ANEC



2021
